



**Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

## **Relatório de Estágio Profissional**

**Carla Raquel Pinheiro da Cunha**

Lisboa, dezembro de 2012





## Escola Superior de Educação João de Deus

### Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Violante Magalhães.....

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a)..... Carla Raquel Pinheiro da Cunha.....

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) ..... em Educação Pré-  
-Escolar.....

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 6 de Dezembro de 2012

O(A) Orientador(a)





**Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

## **Relatório de Estágio Profissional**

**Carla Raquel Pinheiro da Cunha**

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar,  
sob a orientação da Professora Doutora Violante Magalhães

Lisboa, dezembro de 2012



Aos meus pais e aos meus amigos,

Um MUITO OBRIGADO por todo o apoio, esforço, amor, compreensão, trabalho e dedicação. Sem vocês nada teria sido possível. Guardo-vos para sempre no meu coração.

OBRIGADO mais uma vez, por tudo o que me ensinaram e que me fez ser a pessoa que sou hoje. ADORO-VOS.

## Portal

Luar frio. Portal aberto.  
Vários meninos sentados  
no chão. E tudo deserto...

- Há, nos meus dias rasgados,  
meninos de olhos adultos,  
fundos como dois segredos

- para quem foi sempre a vida  
uma casa de brinquedos  
com entrada proibida.

Sidónio Muralha. *Passagem de Nível*



# ÍNDICE GERAL

	pág.
<b>Índice de Figuras</b> .....	XV
<b>Índice de Quadros</b> .....	XVI
<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo 1 Relatos diários</b> .....	9
1.1. Bibe Amarelo B (1.º Jardim-Escola)	
1.1.1. Horário do Bibe Amarelo.....	14
1.1.2. Caracterização da turma.....	15
1.1.3. Caracterização do espaço.....	15
1.1.4. Relatos diários.....	15
1.2. Bibe Encarnado B (1.º Jardim-Escola)	
1.2.1. Horário do Bibe Encarnado.....	23
1.2.2. Caracterização da turma.....	24
1.2.3. Caracterização do espaço.....	24
1.2.4. Relatos diários.....	24
1.2.5. Semana de estágio de compensação.....	31
1.3. Bibe Azul B (1.º Jardim-Escola)	
1.3.1. Horário do Bibe Azul.....	36
1.3.2. Caracterização da turma.....	37
1.3.3. Caracterização do espaço.....	37
1.3.4. Relatos diários.....	37
1.3.5. Semana de estágio de compensação.....	44

1.4.	Bibe Amarelo A (2.º Jardim-Escola)	
1.4.1	Horário do Bibe.....	51
1.4.2	Caracterização da turma.....	52
1.4.3	Caracterização do espaço.....	52
1.4.4	Relatos diários.....	52
1.4.5	Semana de estágio de compensação.....	55
1.5.	Bibe Encarnado B (2.º Jardim-Escola)	
1.5.1	Horário do Bibe.....	61
1.5.2	Caracterização da turma.....	62
1.5.3	Caracterização do espaço.....	62
1.5.4	Relatos diários.....	62
1.5.5	Semana de estágio de compensação.....	64
1.6.	Bibe Azul B (2.º Jardim-Escola, ano letivo 2011/2012)	
1.6.1	Horário do Bibe.....	69
1.6.2	Caracterização da turma.....	70
1.6.3	Caracterização do espaço.....	70
1.6.4	Relatos diários.....	70

1.7.	Bibe Azul B (2.º Jardim-Escola, ano letivo 2011/2012)	
1.7.1	Horário do Bibe.....	74
1.7.2	Caracterização da turma.....	75
1.7.3	Caracterização do espaço .....	75
1.7.4	Relatos diários.....	75
1.8.	Jardim de Infância da rede pública.....	86
<b>Capítulo 2</b>	<b>Planificações .....</b>	<b>92</b>
2.1.	Fundamentação teórica.....	94
2.2.	Planificações Fundamentadas.....	96
2.2.1	Planificação da Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	97
2.2.2	Planificação da Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática.....	100
2.2.3	Planificação da Área de Conhecimento do Mundo .....	103
<b>Capítulo 3</b>	<b>Dispositivos de avaliação.....</b>	<b>106</b>
3.1.	Fundamentação teórica.....	108
3.2.	Dispositivos de avaliação do domínio da Matemática.....	112
3.2.1	Contextualização .....	112
3.2.2	Descrição de parâmetros, critérios e cotações.....	112
3.2.3	Grelha de avaliação da atividade no domínio da Matemática.....	114
3.2.4	Apresentação dos resultados em gráfico e análise.....	115

	pág.
3.3. Dispositivo de avaliação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	116
3.3.1 Contextualização .....	116
3.3.2 Descrição, parâmetros e cotações.....	116
3.3.3 Grelha de avaliação da atividade no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	118
3.3.4 Apresentação dos resultados em gráfico e análise.....	119
3.4. Dispositivo de avaliação da Área de Conhecimento do Mundo .....	120
3.4.1 Contextualização.....	120
3.4.2 Descrição de parâmetros, critérios e cotações.....	120
3.4.3 Grelha de avaliação da atividade na Área de Conhecimento do Mundo.....	121
3.4.4 Apresentação dos resultados em gráfico e análise.....	122
<b>Reflexão final.....</b>	<b>124</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>130</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>138</b>
Anexo 1 Proposta de trabalho para o domínio da Matemática (3 de fevereiro de 2012).....	140
Anexo 2 Proposta de trabalho no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (24 de setembro de 2012).....	144
Anexo 3 Proposta de trabalho na Área de Conhecimento do Mundo (24 de setembro de 2012) .....	148

## ÍNDICE DE FIGURAS

pág.

Figura 1	Boneco de alimentos.....	59
Figura 2	Gráfico de resultados (domínio da Matemática).....	115
Figura 3	Gráfico de resultados (domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita).....	119
Figura 4	Gráfico de resultados (Área de Conhecimento do Mundo).....	122

## ÍNDICE DE QUADROS

	pág.
Quadro 1	Distribuição dos momentos de estágio no 1.º Jardim-Escola.....5
Quadro 2	Distribuição dos momentos de estágio no 2.º Jardim-Escola.....5
Quadro 3	Horário da turma do Bibe Amarelo B (1.º Jardim-Escola).....14
Quadro 4	Horário da turma do Bibe Encarnado B (1.º Jardim-Escola).....23
Quadro 5	Horário da turma do Bibe Azul B (1.º Jardim-Escola).....36
Quadro 6	Horário da turma do Bibe Amarelo A (2.º Jardim-Escola).....51
Quadro 7	Horário da turma do Bibe Encarnado B (2.º Jardim-Escola).....61
Quadro 8	Horário da turma do Bibe Azul B (2.º Jardim-Escola - ano letivo 2011/2012).....69
Quadro 9	Horário da turma do Bibe Azul B (2.º Jardim-Escola - ano letivo 2012/2013).....74
Quadro 10	Planificação da Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....97
Quadro 11	Planificação da Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática.....100
Quadro 12	Planificação da Área de Conhecimento do Mundo.....103
Quadro 13	Escala de avaliação utilizada.....111
Quadro 14	Grelha de parâmetros, critérios e cotações.....113
Quadro 15	Grelha de correção.....114
Quadro 16	Grelha de parâmetros, critérios e cotações.....117

Quadro 17	Grelha de correção.....	118
Quadro 18	Grelha de parâmetros, critérios e cotações.....	120
Quadro 19	Grelha de correção.....	121

## **INTRODUÇÃO**



No âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional I e II foi-nos pedida a realização de um Relatório de Estágio Profissional, necessário para a de obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar.

Nesta introdução do meu Relatório de Estágio Profissional, irei justificar a sua realização, identificar o local, as faixas etárias das crianças com quem estagiei, o período e o meu grupo de Estágio, descrever a estrutura deste Relatório, falar sobre a importância da sua elaboração e, fundamentalmente, sobre a pertinência do Estágio Profissional. Indicarei ainda a metodologia utilizada para conseguir preparar este Relatório.

No início do ano escolar de 2011/2012, comecei por me inscrever no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Durante o período de Estágio junto do 1.º Ciclo, apercebi-me, ao longo dessa experiência e depois de refletir sobre ela com uma das Supervisoras da Prática Pedagógica, que a minha motivação era para trabalhar com as crianças de Pré-Escolar. Assim, em abril de 2012, com a autorização prévia do Sr. Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, mudei para o Mestrado em Educação Pré-Escolar.

A realização do meu Estágio Profissional em Educação Pré-Escolar foi efetuado em dois Jardins-Escola João de Deus, ambos situados em Lisboa e com valência de Pré-Escolar.

Estes dois Jardins-Escola pertencem à Associação dos Jardins-Escola João de Deus. Esta Associação, com uma longa tradição em Portugal, inaugurou o seu primeiro Jardim-Escola (em Coimbra) em 1911. Sobre esta Associação, convém lembrar que ela fundamenta “a sua metodologia formativa no espírito e na doutrina de João de Deus” (Saraiva, 2003, p. 124). Atualmente, a Associação tem 52 centros infantis, a Escola Superior de Educação João de Deus e um Museu Bibliográfico.

O primeiro Jardim-Escola onde estagiei, na sua parte exterior, é composto por dois recreios: um destinado aos alunos do 1º Ciclo e um outro aos alunos do Pré-Escolar. A área interior é constituída por várias salas de aula, uma biblioteca, uma sala de professores, um gabinete, uma cantina, um ginásio, uma sala de informática, um

salão (que serve de sala para o Bibe Encarnado), um ateliê de cerâmica, uma cozinha, e várias casas de banho.

O segundo Jardim-Escola onde estagiei, na sua parte exterior, é igualmente composto por dois recreios: um destinado aos alunos do 1º Ciclo e um outro aos alunos do Pré-Escolar. A área interior é constituída por quatro salas, destinadas ao Pré-Escolar, um salão (que serve de sala para o Bibe Encarnado e também de refeitório à hora do almoço), oito salas de aula, correspondentes ao 1º ciclo, uma biblioteca, um gabinete, uma cantina com a respetiva cantina inserida, um ginásio, uma sala de informática e várias casas de banho.

Em ambos Jardins-Escola tive a oportunidade de estagiar junto de turmas de crianças de 3, 4 e 5 anos. Na Associação dos Jardins-Escola João de Deus, as crianças usam um bibe de cor diferente consoante a idade. Assim, os alunos de 3, 4 e 5 anos usam (e são conhecidos por), respectivamente, Bibe Amarelo, Bibe Encarnado e Bibe Azul.

Na minha condição de trabalhadora-estudante foi-me permitido, pelo Sr. Director da Escola Superior de Educação João de Deus, realizar estágio apenas um dia por semana (6ª feira, das 9h às 17h). Na sequência desta autorização, as demais 4 horas por semana de estágio – que, como aluna estagiária, deveria fazer – foram agrupadas em semanas de estágio de compensação. Por esse motivo, consoante a minha disponibilidade no trabalho, fui arranjando semanas em que, de modo intensivo, compensava as horas em falta.

O meu primeiro período de Estágio Profissional num dos Jardins-Escola João de Deus decorreu entre o dia 7 de outubro de 2011 até dia 17 de fevereiro de 2012. Em virtude de, como expliquei atrás, em abril, ter mudado para o Mestrado em Educação Pré-Escolar, durante os meses de março e abril estive a estagiar no 1.º Ciclo (não sendo este período, obviamente, objeto de relato). Entre 11 de maio e 22 de junho de 2012, estagiei num segundo Jardim-Escola João de Deus. Como precisei de compensar horas de estágio (as correspondentes às que tinha usado no 1.º Ciclo), no período de 17 a 28 de setembro, fiz estágio também neste Jardim-Escola.

Nos quadros 1 e 2 consta o meu percurso durante o Estágio Profissional I e II, em ambos os Jardins- Escola.

Quadro 1 – Distribuição dos momentos de Estágio no Ensino Pré-Escolar no 1.º Jardim-Escola)

<b>Bibe Amarelo</b> (3 anos)	<b>Bibe Encarnado</b> (4 anos)	<b>Bibe Azul</b> (5 anos)
<b>Período de estágio:</b>	<b>Período de estágio:</b>	<b>Período de estágio:</b>
7 de novembro a 16 de dezembro de 2011	6 de janeiro a 3 de fevereiro de 2012	7 de outubro a 4 de novembro de 2011
	<b>Semana de compensação</b>	<b>Semana de compensação</b>
	13 a 17 de fevereiro de 2012	9 a 12 de janeiro de 2012 19 de janeiro de 2012

Quadro 2 – Distribuição dos momentos de Estágio no Ensino Pré-Escolar no 2.º Jardim-Escola

<b>Bibe Amarelo</b> (3 anos)	<b>Bibe Encarnado</b> (4 anos)	<b>Bibe Azul</b> (5 anos)
<b>Período de estágio:</b>	<b>Período de estágio:</b>	<b>Período de estágio:</b>
11 a 18 de maio de 2012	25 de maio a 1 de junho de 2012	15 de junho de 2012 22 de junho de 2012
<b>Semana de compensação</b>	<b>Semana de compensação</b>	<b>Semana de compensação</b>
21 a 24 de maio de 2012	4 a 8 de junho de 2012	17 a 28 de setembro de 2012

Como acordado em reunião com a equipa de Supervisoras da Prática Pedagógica da Escola Superior de Educação João de Deus, no 1.º Jardim-Escola onde estagiei, o meu grupo de Estágio foi composto por mim e duas colegas. No 2.º Jardim-Escola, o meu grupo de estágio variou, tendo estado sempre com uma colega nos diferentes Bibes. No período de 17 a 28 de setembro, em que fiz estágio de compensação também neste Jardim-Escola, não tive grupo de Estágio.

Por último, refiro que, entre 27 de fevereiro e 2 de março de 2012, realizei ainda uma semana de estágio intensivo, num Jardim de Infância da rede pública, onde fui acompanhada com outra colega de estágio.

Para descrever, neste Relatório (documento que, como referido, nos dá acesso ao grau de Mestre), tudo o que aconteceu durante o meu Estágio Profissional I e II, apresento, para além da presente Introdução, três capítulos, a Reflexão Final, e ainda as Referências Bibliográficas e os Anexos. No Capítulo 1, descrevo os meus relatos diários, seguidos de fundamentações teóricas e de inferências. O Capítulo 2 engloba as minhas planificações para cada um dos Bibes (Amarelo, Encarnado e Azul) e incidem, respetivamente, na Área de Expressão e Comunicação, no Domínios da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (que, nos Jardins-Escola João de Deus, neste Bibe, é habitualmente designada como Estimulação à Leitura), no domínio da Matemática e na Área de Conhecimento do Mundo. No Capítulo 3, inserem-se os dispositivos de avaliação que apliquei ao Bibe Encarnado (sobre o domínio da Matemática) e ao Bibe Azul (sobre o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e sobre a Área de Conhecimento do Mundo). Na Reflexão Final, exponho as considerações finais mais pertinentes, dou conta das dificuldades encontradas e apresento perspetivas para o meu futuro académico.

Com as observações e as reflexões apresentadas, resultado da pesquisa e investigação que fiz, pretendi um melhoramento a nível profissional e pessoal, de forma a intervir de modo mais consciente na minha futura prática pedagógica. Ao recorrer à teoria, procurei cruzá-la com a prática observada ou por mim realizada, tornando-as complementares. Na verdade, ao escrever este Relatório obriguei-me a fundamentar as minhas anotações de forma científica, dado que, para o fazer, tive que investigar, ler e argumentar algumas inferências feitas, e, após ter lido e aprofundado mais o meu saber, tomei consciência que, tal como Korthagen (citado por Flores e Simão, 2009, p. 48) refere, esta elaboração irá servir para me tornar mais consciente sobre a forma como fui orientada “por alguns sinais durante o [m]eu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como, sentimentos de irritação ou de precipitação”.

O meu Estágio Profissional assumiu uma importância determinante. Canário (citado por Campos, 2001, p. 32) defende que os professores aprendem a sua profissão nas escolas e que o mais importante na formação inicial consiste em aprender a aprender com a experiência. É uma verdade, na medida em que a realização de um estágio profissional permite-nos uma proximidade fundamental com a realidade vivida num Jardim-Escola, assim como com o dia-a-dia das crianças. Sobretudo, permite-nos uma tomada de consciência da verdadeira importância da relação entre aluno e professor.

Deste modo, a realização de um Estágio Profissional é extremamente importante para a construção da nossa identidade profissional. Ele possibilita-nos, a nós, futuros educadores, uma aplicação dos conhecimentos teóricos anteriormente adquiridos (nas aulas de Licenciatura e de Mestrado), uma maior capacidade de adaptação, contribuindo uma vida profissional mais coerente. Como refere Cunha (2008),

Por esta via, a formação pode e deve fomentar o processo de auto e hetero-desenvolvimento do indivíduo, abrindo novos caminhos, estabelecendo novos objectivos, proporcionando condições de desenvolvimento pessoal e profissional, baseados em estratégias que possibilitem uma maior capacidade de adaptação e modos de equilíbrios superiores. (p.95)

Segundo o mesmo autor, “para o desenvolvimento pessoal, social, ético, profissional e científico do professor, a formação é um processo eminentemente pessoal, construído pelo próprio sujeito, baseando-se nas suas vivências, nas suas experiências, motivações e projetos de vida” (p.99). E é por isso que, nesta fase de estudos, me sinto um ser mais responsável e com capacidade de transmitir tudo o que me foi ensinado ao longo destes anos, e acredito que, num futuro próximo, como afirmado pelo autor que tenho vindo a citar, poderia ajudar a “adoptar valores próprios e a desenvolver a capacidade de tecer juízos, de refletir sobre as informações alternativas, a vida e o mundo...” (p.9).

No presente trabalho, pretendi fazer uma análise do dia-a-dia das turmas de Pré-Escolar dos Jardins-Escola onde estaguei, bem como das opções e decisões pedagógicas tomadas. Assim, a metodologia utilizada para a realização do presente Relatório foi a recolha de dados através da observação direta e participante, e ainda a análise documental.

Quivy e Campenhoudt (1992, pp. 165-166) distinguem dois tipos de observação: a direta e a indireta. A observação direta “é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha de informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação”. Relativamente à observação indireta, estes autores afirmam que “o investigador dirige-se ao sujeito para obter informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção da informação. Esta não é recolhida directamente, sendo, portanto, menos objectiva”.

Uma vez que, ao longo do meu Estágio Profissional I e II, para além de ter feito uma observação direta (pois estive em contacto com os alunos), partilhei experiências e conhecimentos com docentes e alunos, pode afirmar-se que fiz também uma observação

participante. Segundo Estrela (1990, p. 32), estamos perante uma observação participante “quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado”.

Este tipo de investigação insere-se na denominada investigação qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.48), “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência”.

No que concerne a análise documental, Afonso (2005, p. 88) refere-se à mesma utilizando a seguinte expressão: “pesquisa arquivística ou documental”. O mesmo autor reforça que “a pesquisa arquivística consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objetivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação”. Assim, para este autor, “o investigador não precisa de recolher a informação original. Limita-se a consultar a informação que foi anteriormente organizada com finalidades específicas, em geral, diferentes dos objetivos da pesquisa”. Em relação à análise documental, Afonso distingue três tipos de documentos: “documentos oficiais, documentos públicos e documentos privados” (p. 89). No meu caso, consultei documentos cedidos pelas educadoras das diferentes turmas onde estagiei (horários, Projetos Curriculares de Turma) e apoiei-me em documentos oficiais que orientam o ensino do Pré-Escolar, tais como as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* e algumas Circulares do Ministério de Educação e Ciência.

Formalmente, este relatório foi realizado de acordo com as normas da American Psychological Association (APA) e consultei ainda Azevedo (2001).

**CAPÍTULO 1**  
**RELATOS DIÁRIOS**



As minhas semanas de estágio de compensação, que justifiquei na Introdução, no 1.º Jardim-Escola João de Deus ocorreram entre 9 e 12 de janeiro de 2012; no dia 19 de janeiro de 2012 e entre 13 de fevereiro e 17 de fevereiro de 2012. Quanto ao 2.º Jardim-Escola, as semanas de compensação foram entre 21 e 24 de maio de 2012; entre 4 e 8 de junho de 2012 e entre 17 e 28 de setembro de 2012.

No que se refere ao Pré-Escolar realizado no 1.º Jardim-Escola, usei essas semanas de estágio de compensação junto do Bibe Azul (crianças de 5 anos) e do Bibe Encarnado (crianças de 4 anos). Quanto ao 2.º Jardim-Escola, efetuei compensação junto do Bibe Amarelo (crianças de 3 anos), do Bibe Encarnado e do Bibe Azul (este último já no ano letivo 2012/2013).

Dada a situação descrita, neste Capítulo 1 (Relatos Diários), optei por não seguir a ordem cronológica do meu estágio, mas antes a ordem de apresentação por grupos etários (recorrendo à designação habitual na instituição de “Bibes”). Julgo que, com esta opção, evito retrocessos e avanços nas minhas observações respeitantes a cada turma/faixa etária.

As três turmas da Educação Pré-Escolar do 1.º Jardim Escola, bem como as três turmas da Educação Pré-Escolar do 2.º, que acompanhei durante o Estágio Profissional I e II, ao longo do ano letivo de 2011/2012 e início do de 2012/2013, cujas caracterização e relatos diários farei neste capítulo, para além de partilharem o mesmo espaço físico, partilham rotinas comuns, razão pela qual passo a referi-las de seguida. Quanto à turma do Jardim de Infância da rede pública onde realizei o meu estágio intensivo obrigatório, especificarei, aquando dos Relatos Diários, as rotinas existentes.

As rotinas são fundamentais, pois “permite[m] às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia pré-escolar” (Hohmann e Weikart, 1997, p. 8).

Quer no 1.º Jardim Escola quer no 2.º, ocorrem as mesmas rotinas. Pelas 9 horas, o acolhimento é feito no salão, onde as crianças cantam em roda. A única diferença entre os dois Jardins-Escola é que, no último, se as condições atmosféricas o permitirem, a roda é feita no exterior.

No que respeita ao acolhimento, Cordeiro (2010, p. 371) menciona que se trata de um momento difícil e que, para minimizar o momento de separação entre pais e filhos, “é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela sua escola”.

No 1.º Jardim-Escola, a roda é formada pelas crianças do Pré-Escolar. Ao centro, em roda, encontram-se as crianças de 3 anos, depois as de 4 e, por último, as de 5. Já no 2.º Jardim Escola, juntam-se na roda os alunos do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo, ficando no centro da roda as crianças do Bibe Amarelo e seguindo-se, por idades, até aos alunos do 4.º ano de escolaridade (Bibe Azul Escuro). Este momento é de grande importância, pois ao constituir-se um grande grupo organizado, neste caso, em roda, constrói-se junto das crianças “um sentido de comunidade” (Hohmann e Weikart, 1997, p. 231).

Durante a roda, em ambos os locais e como já dito, se cantam canções. No que respeita a aprendizagem de novas canções, Cordeiro (2010, p. 373) afirma que esta aprendizagem “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e de tempo”.

Acabada a roda, em ambos os Jardins-Escola, as crianças dirigem-se à casa de banho e, em seguida, para as respetivas salas de aula. O almoço é servido pelas 12 horas. No caso do Bibe Amarelo, as crianças dormem a sesta das 12h30m até às 14h30m. Nos outros Bibes, depois do almoço, as crianças realizam brincadeiras livres, normalmente no espaço exterior do Jardim-Escola.

O momento em que cada criança cuida da sua higiene é extrema importância, pois, como esclarece Cordeiro (2010), mesmo

(...) variando muito de criança para criança (e de idade para idade), há um elo comum: o desenvolvimento da autonomia [...]. Sente-se o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo. Por outro lado, aprende-se que depois das actividades ou de fazer xixi, as mãos devem ser lavadas (p. 373).

No que diz respeito às refeições, também elas são um momento de grande importância, não só pela socialização que proporcionam, como “também para criar uma maior autonomia [...] passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição” (Cordeiro, 2010, p. 373).

Ainda para aquele mesmo autor, no que respeita à hora da sesta, esta “deve ser feita num ambiente calmo (contrastando com o ambiente de «converseta» da hora do almoço), e estimulada a autonomia (as crianças devem tirar elas próprias os sapatos, deitar-se e tapar-se sozinhas, mesmo que as educadoras deem o toque final)” (Cordeiro, 2010, p.374).

No recreio, as brincadeiras ao ar livre fazem, também elas, parte de uma rotina e, segundo Hohmann e Weikart (1997, p. 432), são “uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas”.Cordeiro (2010,p. 377) considera que o recreio é um espaço extremamente importante, “no qual [as crianças] desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos”.

A despedida do dia, e sequente regresso a casa, em ambos os Jardins-Escola, é realizada pelas 16h45m. Todas as crianças se juntam no salão ou no exterior, enquanto esperam que os pais ou outros familiares os vão buscar.

Para uma descrição mais específica de cada turma, antes do início dos meus Relatos Diários relativos a cada um dos grupos etários (Bibes), apresento de seguida o horário escolar semanal, após o que faço a caracterização da turma e do espaço.

## 1.1. Bibe AmareloB (1.º Jardim-Escola)

### 1.1.1 Horário

Quadro3 – Horário da turma do Bibe Amarelo B

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9.00h/ 9.30h	Partilha de saberes	Acolhimento/ canções de roda		Música	Acolhimento/Canções de roda
9.30h/10.00h	Área de Projeto: estimulação à leitura				
10.00h/10.30h	Partilha de saberes	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Ed. do Movimento
10.30h/11.00h	Ed. Movimento	Proposta de trabalho			Iniciação à Matemática
11.00h/11.30h	Recreio				
11.30h/ 12.00h	Higiene/ Preparação para o almoço				
12.00h/ 12.30h	Almoço				
12.30h/14.30h	Recreio( livre e orientado) / Hora da sesta				
14.30h/15.00h	Higiene/ Preparação da sala				
15.00h/ 16.00h	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas de descoberta				
16.00h/ 16.20h	Higiene				
16.20h/17.00h	Lanche/Saída				

### **1.1.2 Caracterização da turma**

A turma do Bibe Amarelo B é composta por vinte e oito crianças, quinze meninas e treze meninos. Todos estão na faixa etária dos 3 anos.

### **1.1.3 Caracterização do espaço**

A sala da turma B do Bibe Amarelo é utilizada por ambas as turmas das crianças de 3 anos do Jardim-Escola. A sala possui duas portas, uma que tem acesso para o salão do Jardim-Escola e outra para o recreio exterior destinados às crianças que frequentam o Pré-Escolar. Encontra-se dividida por um móvel que delimita os espaços ocupados pelas turmas em questão.

O espaço reservado à turma B é composto por duas áreas distintas: uma área constituída por cinco mesas de formato retângular, onde as crianças se sentam nos respectivos lugares, e uma área ampla, com um tapete, onde as crianças se podem sentar e realizar diversas atividades. As paredes são decoradas com diversos motivos, entre eles: o quadro das presenças, dos aniversários e dos chefes da semana<sup>1</sup>. A sala dispõe ainda de uma zona dedicada à exposição de trabalhos realizados pelas crianças.

### **1.1.4 Relatos diários**

#### **26 de setembro de 2011**

Foi o dia da primeira reunião de Estágio Profissional (habitualmente designado pelas Supervisoras como Prática Pedagógica) entre os estagiários e as Supervisoras. Foram distribuídos os locais, os períodos e os grupos de estágio.

Foi-nos ainda entregue o Regulamento e informações várias adicionais.

---

<sup>1</sup> Todas as semanas, a Educadora escolhe uma criança para ser ela a ajudar às pequenas tarefas, como, por exemplo, distribuir plasticina ou verificar se as cadeiras estão arrumadas.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

Estas reuniões de Estágio Profissional são importantes para que os alunos fiquem esclarecidos sobre a forma como vai decorrer a prática pedagógica. As Professoras da equipa de supervisão têm um papel essencial para a nossa aprendizagem. Sabemos que esta reunião é a primeira de várias que teremos ao longo do estágio.

A importância de existirem momentos de reflexão em conjunto, que nos ajudam a pensar o que fizemos, é enorme, pois, sem esses momentos, a prática não seria analisada. Segundo Loureiro (2000, p. 33), “a formação inicial deve permitir uma análise mais teórica das situações pedagógicas e experiências da aprendizagem, as quais devem ter, logicamente, um carácter mais simulado”.

### **7 de novembro de 2011**

Hoje foi dia de ida a uma aula de cerâmica, onde as crianças tiveram oportunidade de trabalhar com barro. A turma dividiu-se em duas: 14 crianças foram para a aula de cerâmica e as outras 14 ficaram a colar uns papéis (que antes tinham rasgado) numa castanha(feita em cartolina). Enquanto estava a ajudar estas últimas, fui chamada para uma aula surpresa que iria ocorrer na turma Bibe AmareloA.

A colega deu uma aula de Estimulação à Leitura, com a história, da autora Carla Antunes, *O ratinho torto*. Depois de a aula ter terminado, as crianças foram para o recreio e nós, estagiárias,após uma breve pausa, seguimos para a reunião que existe sempre que ocorrem aulas surpresa.

Quando regresssei da hora de almoço, as crianças ainda se encontravam a dormir a sesta e eu fui para o recreio ter com as crianças que não dormem.Depois da sesta, ajudei-as na casa de banho, cantei canções com elas e seguimos para o lanche. Terminado o lanche, fomos buscar as sacas e dirigimo-nos para o salão, à espera que os pais chegassem para os ir buscar.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

A realização da reunião com as Professoras Supervisoras da Prática Pedagógica, como a que aconteceu hoje é extremamente importante, pois ouvimos as opiniões de uma aula que não foi programada. Assim, com todos os elementos que assistiram às aulas presentes, cria-se um momento de reflexão. Vieira (1993, p.28) reforça que no contexto da formação de Educadores e Professores, a supervisão é “como uma actuação de monitorização sistemática da Prática Pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação”. Para Alarcão (1996, p.93) “o supervisor surge como alguém que deve ajudar, monitorizar, criar condições de sucesso, desenvolver aptidões e capacidades no professor”. Desta forma, é essencial a presença de um elemento da equipa de supervisão.

## **18 de novembro de 2011**

Durante a manhã, a Educadora saiu cerca de duas dezenas de vezes da sala, para se dirigir ao gabinete. Quando saía, pedia-nos para fazermos uma atividade. A mim coube-me contar duas histórias: *Mas que barulheira* e *Monstro das festinhas*, ambas de Carla Antunes. Procurei fazer uma leitura animada, pedindo às crianças para me acompanharem com gestos e sons, em determinados momentos que eu indicava, ao que as crianças corresponderam.

Entretanto, chegou a hora de almoço, as crianças foram dormir e, enquanto elas dormiam, eu estive a organizar as gavetas.

Quando regresssei do meu almoço, continuei na organização das gavetas e entretanto fui ajudar as crianças a acordar. Cantei umas canções com elas e foram para o lanche.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

De acordo com Veloso (2001, p. 28), a Hora do Conto “trata-se de um momento cuja magia resulta de uma série de factores de que relevam o contexto, a disposição relativa dos intervenientes e as modelações da voz do leitor/contador”. Entendo que a

forma de contar histórias vale muito pela entoação de voz, pelos gestos com que a acompanhamos.

As histórias vivem também do nosso entusiasmo em contá-las e, desta forma, foi para mim muito agradável poder ter partilhado este momento com as crianças e ter-lhes demonstrado todo o meu encanto em fazê-lo.

Do lado das crianças houve também um entusiasmo e muita participação, já que correspondiam às minhas solicitações de fazerem sons e gestos.

## **25 de novembro de 2011**

Este era dia de aula de cerâmica, pelo que só ficaram na sala de aula 14 crianças. Foi-me pedido, pela Educadora, como aula surpresa, a Estimulação à Leitura. Li o livro *Rato Ratinho – Não quer que a mãe vá trabalhar*, e trabalhei com as crianças, a partir desta história, a lateralidade. Contada a história, fiz-lhes várias perguntas. Por exemplo, mostrando as diferentes imagens, questionei-os sobre onde estaria o ratinho (se em cima da cadeira, se debaixo da mesa, se ao lado da porta). Quando as outras crianças, que tinham ido para a sala de cerâmica, chegaram, esperaram que eu terminasse a história.

As 14 crianças que me tinham ouvido foram para a sala de cerâmica e as outras, que tinham chegado entretanto, sentaram-se no tapete. A Educadora pegou nos Blocos Lógicos e foi perguntando às crianças, uma a uma, se conheciam a peça que ela tinha na mão e como se chamava. Registava numa folha branca o que sabiam ou o que teria que trabalhar melhor com cada um. Em seguida, foram todos para a ginástica e chegou a hora de almoço.

Enquanto dormiam, ajudei a Educadora do Bibe Amarelo a cortar bolas de natal, feitas em papel. Assim que as crianças acordaram, ajudei-as e, em seguida, cantei canções até irem lanchar.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

Apropósito do trabalho que fiz sobre lateralidade, refiro que a realização de atividades que envolvam a identificação do local onde se encontra determinado objeto e a análise da sua posição é extremamente importante, pois, como afirmam Mendes & Delgado (2008, p. 11), é fundamental “especificar localizações e descrever relações espaciais” no ensino e na aprendizagem da geometria na Educação Pré-Escolar.

A importância de se trabalhar a lateralidade é assinalada por vários autores. Meur e Staes (1989, p.12) salientam que “a lateralidade é importante na evolução da criança, contribuindo para determinar a estruturação espacial: percebendo o seu eixo do corpo, a criança percebe também o seu meio ambiente em relação a esse eixo”.

De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* é através da percepção da sua “posição e deslocação no espaço, bem como da relação e manipulação de objectos que ocupam o espaço, que a criança pode aprender o que está longe e perto, dentro, fora e entre, aberto e fechado, em cima e em baixo” (Ministério da Educação, 1997, p. 73).

Na presente faixa etária, o trabalho sobre lateralização, como pude comprovar nesta turma, revela-se de extrema importância, pois vai contribuir para a aquisição de noções espaciais que nesta idade não estão adquiridas. Pelo lado das crianças, estas colaboraram com entusiasmo, dando-me prontamente respostas sobre o posicionamento do ratinho.

## **2 de dezembro de 2011**

Foi dia de roulemant, pelo que estive com a Educadora do Bibe Amarelo A. Nós, estagiárias, juntamente com as crianças, fizemos enfeites para a árvore de natal.

**9 de dezembro de 2011**

Ocorreram ensaios para a festa de natal. As crianças ensaiaram as músicas que iriam cantar (todas elas relacionadas com o natal), bem como a coreografia. Algumas crianças tinham “falas” pequenas, como seja “Chegou o natal” ou “Eu sou uma rena”. As crianças estavam compenetradas durante este ensaio.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Segundo Aguëra (2008, p. 73), as festas e celebrações “constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças”. A mesma autora defende que “as festas, celebrações e outros eventos são acompanhados de acções nas quais as crianças podem e devem participar”.

Achei muito curioso o facto de, quando estavam no ensaio, as crianças quase parecerem adultos em ponto pequeno. A sua preocupação era dizer as suas falas, dançar corretamente, pois sabiam que na plateia iriam estar os pais.

Segundo Cordeiro (2010, p.423), “à medida que a idade aumenta, a capacidade das crianças para decorar papéis e representar peças escritas por outros também é maior.” Apesar de terem 3 anos, todas as crianças deste Bibe que participaram nos ensaios para a festa de Natal se mostraram empenhadas e felizes.

**16 de dezembro de 2011**

Foi dia da minha aula programada. Na Área de Conhecimento do Mundo, trabalhei os alimentos, nomeadamente os legumes. Levei para a sala duas hortas feitas em esferovite, legumes feitos em papel e, para que as crianças tivessem contacto com legumes verdadeiros, levei, ainda, uma sesta com legumes. Falei com eles sobre de onde vem os legumes, a diferença entre eles, mostrando a horta em esferovite bem como os

legumes reais. Por fim, e com a colaboração das crianças, confeccionei, uma sopa com esses legumes (que tinha levado também, já previamente cortados).

No domínio da Matemática, trabalhei a quantidade, forma e tamanho, usando, para este efeito, os legumes feitos em papel que levava.

À tarde, li-lhes o *Nabo Gigante*, de Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey. Posto isto, as crianças comeram a sopa que tinha ficado a fazer da parte da manhã.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

A alimentação é necessária e importante na nossa vida, pois é esta que nos dá energia no dia-a-dia. Esta energia tem que ser repostada diariamente através dos alimentos ingeridos nas refeições, estas devem ser equilibradas e diversificadas. De acordo com Cordeiro (2010, p. 42), “os alimentos são precisos por diversos motivos, sendo eles: para se viver, para se manter a temperatura do corpo, para se crescer e para fazer funcionar os órgãos de cada pessoa”.

Segundo Spodek & Saracho (1998, p. 294), as “experiências culinárias também podem ser usadas para estimular o aprendizado de ciências nas crianças pequenas (...) as experiências também podem ser usadas para conversar sobre nutrição e sobre o que as crianças precisam para um crescimento saudável”. Estas experiências despertam nas crianças curiosidade e interesse por uma descoberta mais profunda sobre os alimentos e bem como a sua confeção.

Com crianças muito pequenas, como é o caso do Bibe Amarelo, é necessário que os ensinamentos sejam práticos. Por isso, durante toda a minha aula programada, tentei que todos participassem, ora na confeção da sopa, ora oralmente, pondo as crianças a dialogar comigo, aquando a minha explicação sobre os legumes, sobre a sua importância e a diferença entre os legumes existentes.

Desta forma lúdica, tentei entusiasmar as crianças para o consumo de sopa. Creio que elas reagiram positivamente, de forma espontânea e divertida, não encarando os ensinamentos que lhes passei como uma obrigação.

Considero que este foi um dia simpático (e, também, proveitoso) para a despedida que fiz desta turma.

## 1.2. Bibe Encarnado B (1.º Jardim-Escola)

### 1.2.1 Horário

Quadro 4 – Horário da turma do Bibe Encarnado B

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9.00h/ 9.30h	Acolhimento/ Canções de roda				
9.30h/10.00h	Iniciação à Matemática (Dons de Fröebel)	Iniciação à Matemática (Contagem/material alternativo)	Iniciação à Matemática (Geoplano/tangram//Calculadores multibásicos)	Iniciação à Matemática (Cuisenaire)	Iniciação à Matemática (Blocos Lógicos/Diagramas/Conjuntos/ Sequências)
10.00h/10.30h	Descobrir o que se sabe	Formação Cívica	Grafismos	Formação Cívica	Trabalhos de Grupo
10.30h/11.00h	Recreio	Partilha de saberes	Recreio	Ginástica	Recreio
11.00h/11.30h	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo	Música	Conhecimento do Mundo
11.30h/ 12.00h	Jogos de roda/ Preparação para o almoço				
12.00h/ 12.30h	Almoço				
12.30h/14.30h	Recreio livre e orientado				
14.30h/15.00h	Expressão Dramática	Estimulação à leitura	Expressão Plástica	Atividades Gráficas	Descobertas dos pequenos cientistas
15.00h/ 15.30h	Área Projeto	Expressão Plástica	Jogos de mesa e Plasticina/modelagem		Estimulação à leitura
15.30h/ 16.00h	Dobragens	Jogos no tapete	Picotagem/recortes	Jogos tradicionais	Expressão Corporal
16.00h/16.25h	Lenga-lengas	Expressão dramática	Rimas/Poesias	Rimas/Poesias	Reflexão Semanal
16.25h/ 17.00h	Lanche/ Despedidas				

### **1.2.2 Caracterização da turma**

A turma do Bibe Encarnado B é composta por vinte e oito crianças, quinze do género feminino e treze do género masculino. Todas estão na faixa etária dos 4 anos.

### **1.2.3 Caracterização do espaço**

A sala da turma B do Bibe Encarnado funciona no salão. É composta por quatro mesas hexagonais. As mesmas estão identificadas com algarismos. Desta forma, os alunos reconhecem as mesas dos seus lugares pelos algarismos correspondentes.

Esta sala é ainda composta por uma zona com algumas almofadas, onde as crianças brincam em tempo de lazer. Encostado a uma das paredes, existe um móvel com gavetas, onde é guardado o material necessário para as atividades das crianças, bem como os trabalhos por terminar. Há ainda um placard de cortiça onde são expostos os trabalhos dos alunos deste mesmo Bibe.

### **1.2.4 Relatos diários**

**6 de janeiro de 2012**

Este dia iniciou-se com uma breve conversa com os alunos sobre o dia de reis.

De seguida, a Educadora trabalhou com os alunos o 3º Dom de Froebel. Fez com eles nove construções, para que o meu grupo de estágio ficasse com algumas ideias do tipo de perguntas que se deve fazer para cada construção. As nove construções foram as seguintes: muro alto, muro baixo, cama, mesa e cadeiras, cadeirão do avô, duas colunas, coluna com base, cruzeiro e duas cruces. As crianças, na sua maioria e com a minha ajuda e a das minhas duas colegas, conseguiram fazer estas construções.

O resto do dia seguiu as rotinas habituais, ou seja, recreio a meio da manhã e depois do almoço, higiene, visionamento de um filme após o recreio da tarde.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

Os Dons de Froebel foram criados pelo alemão Friedrich Froebel (1782-1852). Ao longo da sua vida, Froebel teve diversas experiências profissionais; veio a aceitar um lugar de professor na escola modelo dirigida pelo Mestre Grüner. Enveredou pelo caminho de educador e pedagogo com o lema: a educação que busca métodos e formas de ensino para a formação do Homem. Froebel defendia que a criança precisa ter a mente ativa para poder abrir as portas do conhecimento, que ela deve ser livre para explorar, escolher, questionar e agir, e também que a aprendizagem deve sempre partir daquilo que a criança já conhece. Assim sendo, imaginou diversos tipos de materiais para os seus jogos educativos. Estes deveriam permitir à criança a passagem do conhecimento concreto para as “abstracções” da superfície, da linha e do ponto. Produziu vários materiais, como caixas com pedaços de mosaico, de pauzinhos e de contas, e também reproduções em madeira de sólidos cristalográficos. Froebel chamou aos brinquedos especialmente desenhados por ele os “Dons”. Estes são constituídos pela bola, pelo cilindro e pelo cubo, sendo que Froebel atribuía significados simbólicos especiais à esfera, que representava a coincidência dos opostos, e ao cubo, símbolo da estabilidade do Universo (Caldeira, 2009, pp. 237-242).

Os Dons de Froebel são veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias. É durante a interação criança/criança ou criança/jardim-de-infância que surge a verdadeira magia do aprender crescendo, levando a criança a compreender e a apreciar o mundo que a rodeia. O “aprender fazendo”, proposto por Froebel, respeita a metodologia natural das crianças. Segundo Cole (1907, citado por Caldeira, 2009, p.241), Froebel dizia que “por meio da educação, a criança vai-se reconhecer como membro vivo do todo”, pelo que aconselhava o adulto a “observar, apenas observar, pois a criança mesma te ensinará”. Para Arce (2002, citado por Caldeira, 2009, p. 242), esta máxima deve “reger a educação, porque só assim o professor será capaz de conhecer realmente o seu aluno, entendendo a sua dinâmica interna e descobrindo a sua essência e o seu potencial”.

O 1º Dom é constituído por seis bolinhas de cores amarela, encarnada, verde, laranja, lilás e roxa. Pedagogicamente, o 1º Dom trabalha conteúdos como a aprendizagem das cores, a estruturação espacial, a lateralização, o desenvolvimento verbal e o enriquecimento do vocabulário, a seriação, conjuntos, contagem e jogos de

memória, sendo que promove na criança as capacidades relacionadas com os conteúdos acima indicados (Caldeira, 2009, pp.243-244).

O 3º Dom é constituído por uma caixa com oito pequenos cubos, dispostos de forma organizada; o modo de abrir e fechar a caixa, assim como a forma de manuseamento dão origem a algumas regras de execução do “jogo” que devem ser sempre cumpridas. Pretende-se que as crianças realizem construções que permitam atividades com variedade de raciocínios matemáticos. Este Dom vai trabalhar destrezas, tais como o equilíbrio, a ordenação, a construção, o saber contar, ou seja adquirir a noção de quantidade, o desenvolvimento da memória com as diversas construções, a orientação espacial, a motricidade fina (resultante do manuseamento das peças com o indicador e polegar), a concentração e atenção, a coordenação óculo-manual (Caldeira, 2009, p.255).

Na aula que assisti, a Educadora utilizou este último Dom. Na minha opinião, a Educadora não interagiu muito com as crianças enquanto fazia as nove construções, pois, compreensivelmente, o objetivo dela, ao fazer a demonstração, era o de nos elucidar a nós, estagiárias, sobre o manuseamento deste material e sobre as perguntas que poderíamos pôr ao fazer este tipo de construções.

Quanto à reacção das crianças, apesar de, como referido, nós, estagiárias, as termos ajudado, fizeram as nove construções sem grande dificuldade, do que posso inferir que estão habituadas a este exercício.

### **13 de janeiro de 2012**

Assistimos a uma aula de geoplano. A Educadora tinha um geoplano na mão e foi dando indicações, oralmente, às crianças, sobre o caminho a seguir. Algumas crianças revelaram dificuldade em seguir as instruções, mas, a maioria conseguiu responder às solicitações da Educadora.

Depois do recreio, dirigimo-nos para a biblioteca e estivemos a ouvir a Educadora a ler o livro *Branca de Neve e os sete anões*.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

O geoplano é um material manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas. Existem geoplanos de tamanhos diferenciados, sendo que os pregos são fixados com a mesma distância uns dos outros, de maneira a que se disponham em linhas horizontais, verticais e paralelas. Nos pregos colocam-se elásticos de diferentes cores e tamanhos.

O Geoplano é um recurso manipulativo bastante útil na exploração de figuras geométricas, visto que, segundo Alsina (2004), permite aceder aos seguintes conceitos:

(...) as propriedades de cada figura (número de lados, diagonais, etc.); as relações que se estabelecem entre as diferentes figuras (composição e decomposição, etc.); as relações espaciais, usando sobretudo sistemas de coordenadas (posição, distância, etc.); a aplicação de algumas transformações; etc. (p. 70)

Matos e Serrazina (citados por Caldeira, 2009, p. 410) afirmam que “a formação dos conceitos pertence à essência da aprendizagem da Matemática e ela tem de ser fundamentalmente baseada na experiência”. De acordo com Moreira e Oliveira (2003, p.79), “as experiências espaciais, que estão relacionadas com deslocamentos no espaço permitem à criança compreender a diferença entre espaço próximo e espaço distante. Percorrer um trajecto, traçar um caminho, e descrevê-lo obriga a criança a tomar pontos de referência”.

Nesta aula, as crianças manusearam o material através da coordenação óculo-manual e, na sua maioria, pareceram estar à vontade ao fazê-lo. A Educadora demonstrou estar segura das propostas que fazia.

## **20 de janeiro de 2012**

Esta manhã, uma das minhas colegas de estágio deu aula programada. O tema que lhe fora proposto era “os animais”. A colega escolheu o kiwi, animal característico da Austrália, cuja imagem começou por colar no quadro. No domínio da Matemática, utilizou o material Cuisenaire, relacionando o valor das peças com a quantidade de alimento comido por esse animal. Em seguida, dirigimo-nos para a biblioteca. Lá, a minha colega leu uma história da sua autoria sobre o kiwi. Terminou a aula recorrendo a

imagens projetadas numa tela. Conforme ia passando as imagens, ia explicando as características, modo de vida e habitat do animal.

Depois do almoço, a pedido da Educadora, as crianças fizeram uma galinha em Origami, coloram-na numa folha branca. Em seguida, fizeram um ditado gráfico. A Educadora ia dando as indicações oralmente e repetia essas indicações quantas vezes fossem necessárias até que a maioria dos alunos percebesse o que era pedido.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Ao realizarem um ditado gráfico, os alunos desenvolvem a motricidade fina, a orientação espacial, a lateralidade, o cálculo mental e exploram ainda algumas formas geométricas.

Ao pedir para as crianças desenharem determinados elementos e os colocarem numa certa ordem, o educador consegue avaliar uma pluralidade de conhecimentos. As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* mencionam que o desenho, por ser de acesso facilitado, é frequentemente utilizado, mas advertem que “não se pode, porém, esquecer que o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torná-la uma actividade educativa” (Ministério da Educação, 1997, p. 61).

Deste modo, é importante o educador proporcionar exercícios de desenho livre, orientado e desenhos de série, como sucedeu no dia de hoje.

O cuidado da Educadora ao repetir instruções as vezes que fossem necessárias e ainda o facto de circular pela sala, verificando se os alunos estavam a realizar os exercícios corretamente, tiveram por efeito o bom desempenho das crianças.

### **27 de janeiro de 2012**

Foi dia da minha aula programada. O tema que a Educadora da turma me distribuía fora, igualmente, “os animais”. O animal escolhido por mim foi a raposa.

Antes de dar início à aula, distribuí a cada aluno uma placa de geoplano, elásticos e uma folha, onde estavam representados os pregos existentes no material.

Depois de tudo distribuído, fiz com as crianças um itinerário. Havia um ponto de partida e um de chegada, respetivamente o local onde a raposa tinha ido passear e a toca. Disse-lhes que; como a raposa se tinha perdido, nós iríamos ajudá-la a encontrar a toca, contando os passos a dar entre os obstáculos (pregos).

Trabalhado o domínio da Matemática, fiz a leitura da fábula “A raposa e as uvas”.

Terminei com a Área de Conhecimento do Mundo, explicando-lhes as características, modo de vida e habitat da raposa, tendo como auxiliar, vídeos e imagens sobre a mesma. No final, levava-lhes uma surpresa: um rabo de uma raposa. Deixei que tocassem e brincassem com ele.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Como referido, na Área de Conhecimento do Mundo, para além da surpresa que fiz às crianças levando-lhes o rabo de uma raposa, recorri ao meu computador, para exibir um vídeo com recurso a o datashow para projetar imagens na tela, explicando-lhes, em simultâneo, o modo de vida e o habitat da raposa. As crianças reagiram bem, parecendo muito atentas e interessadas.

O recurso a materiais informáticos para apresentar matérias é fundamental na educação. Mena, Marcos e Mena (1996, citados por Silveira-Botelho, 2009, p.114) referem que “as novas tecnologias, são meios eletrónicos que criam, armazenam, recuperam e transmitem a informação de forma rápida e em grande quantidade e fazem-no combinando diferentes tipos de códigos”.

A utilização das novas tecnologias ajuda a desenvolver as capacidades cognitivas das crianças. Como nos refere Silveira-Botelho (2009, p.116), tal utilização revela ser “altamente motivadora para as crianças”. Na verdade, foi isso que sucedeu nesta minha aula: atentas, as crianças seguiram a minha explicação, mostrando-se muito agradadas com imagens que passavam na tela.

**3 de fevereiro de 2012**

Foi dia da minha aula assistida, cujo tema a trabalhar teria de ser, igualmente, “os animais”. Escolhi o coala.

No domínio da Matemática, trabalhei com o material Cuisenaire os itinerários<sup>2</sup>.

Para o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita(que, nos Jardins-Escola João de Deus se designa habitualmente por Estimulação à Leitura) e para a Área de Conhecimento do Mundo, tinha preparado previamente o ginásio. Ali, construí uma tenda, coloquei música ambiente, velas, folhas de eucalipto. Neste ambiente, contei-lhes oralmente a história *A que sabe a lua*, recorrendo ao uso do flanelógrafo e imagens. Tinha preparado as imagens a partir das ilustrações do livro; ampliei-as e introduzi nelas a figura do coala.

Contada a história, projetei para dentro da tenda as imagens e o vídeo sobre o coala.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

A estimulação para a leitura é uma das preocupações a ter no Pré-Escolar. É sabido que para motivar alunos em idade Pré-Escolar é determinante a utilização de algumas estratégias, tal como o fator surpresa. É ainda importante o contacto com o livro ou outros suportes de texto, como o uso do flanelógrafo que utilizei para esta aula. A este propósito, saliente-se a defesa feita por Magalhães (2008, p. 62) de que em “tempo e espaço apropriados, o Educador precisa de induzir hábitos de leitura, pondo o aluno, quotidianamente, em contacto com o livro e com outros suportes”.

As imagens da história que apresentei estavam sequenciadas de forma lógica. Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escola*, “recontar a história oralmente ou através de uma série de desenhos, seriar imagens, tendo como suporte uma pequena história, relaciona-se com a construção da noção do tempo e também com a linguagem” (Ministério da Educação, 1997, p.77). Comatividades deste género, as crianças percebem as imagens e vão percebendo a importância que tem a expressão oral e também a escrita, já que ambas estão intimamente ligadas e são uma forma de

---

<sup>2</sup> Esta aula será detalhada o capítulo 2, Planificações, na apresentação do meu plano de aula para o Bibe Encarnado.

comunicação na nossa sociedade. Citando novamente as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997), refira-se ainda que

Esta abordagem à escrita situa-se numa perspectiva de literacia enquanto competência global para a leitura no sentido de interpretação e tratamento da informação que implica a ‘leitura’ da realidade, das ‘imagens’ e de saber para que serve a escrita, mesmo que sem saber ler formalmente(p.66).

Creio que, ao ter colocado música ambiente, velas e folhas de eucalipto no ginásio, e ao recorrer ao uso do flanelógrafo e imagens para contar o conto *A que sabe a lua*, cumpri um dos requisitos essenciais para fomentar a leitura, nomeadamente criando um “espaço apropriado (com algum conforto, luminosidade adequada)” (Magalhães, 2008, p. 58). Da parte dos alunos, ouve uma receção muito calorosa. Gostaram da tenda, da música, do ambiente em geral.

### **1.2.5 Semana de estágio de compensação**

**13 de fevereiro de 2012**

Neste dia, fomos assistir, no ginásio, a um concerto,dedicado às crianças, dado pela banda “Os Corvos”. Posto isto, os alunos de ambas as turmas do Bibe Encarnado fizeram, com a ajuda das Educadoras, massa de sal e cada um deles fez uma lembrança para oferecer aos pais.

Antes do lanche, a Educadora leu a história do livro *Carteiro Paulo – Gémeos Pereira*.

#### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, a Expressão Musical na Educação Pré-Escolar engloba “escutar, cantar, dançar, tocar e criar” (Ministério da Educação, 1997, p. 64).

Neste dia, enquanto a banda “Os Corvos” estava a tocar, as crianças estavam a dançar livremente o que contribui para que estas exprimissem“a forma como sentem a música, criem formas de movimento ou aprendam a movimentar-se, seguindo a música” (Ministério da Educação, 1997, p. 64).

A banda “Os Corvos” tocou, fundamentalmente, música infantil, como por exemplo “Atirei o pau ao gato” ou “As pombinhas da Catrina”. As crianças estavam completamente rendidas e entusiasmadas.

## **14 de fevereiro de 2012**

Como estava a realizar estágio intensivo, tanto eu como a minha colega de estágio, por indicação da Educadora, ficámos à vontade para realizar mais aulas do que as obrigatórias. Posto isto, eu sugeri dar uma aula, recorrendo à utilização de uma tabela de dupla entrada com os Blocos Lógicos.

O objetivo da aula consistiu em preencher a tabela de acordo com as indicações dadas. Chamei as crianças, uma a uma, ao quadro para preencherem a tabela.

Da parte da tarde, os alunos pintaram a lembrança de massa de sal que fizeram no dia anterior. Utilizando pequenos pedaços de palhinhas, as crianças realizaram enfiamentos em fio de pescador e construíram um fio com um coração de papel onde tinham feito um desenho.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Os Blocos Lógicos são um material estruturado, cujas diversas peças têm atributos diferentes. De acordo com Saraiva (2003, p.148), os Blocos Lógicos “são constituídos por 48 peças, que se distribuem em quatro figuras geométricas: círculo, quadrado, retângulo e triângulo. Estas peças possuem dois tamanhos e em cada um deles: 2 espessuras (fina e grossa) e 3 cores (vermelho, azul e amarelo)”. Com este material, o Educador pode desenvolver junto das crianças diversas competências, capacidades e destrezas.

Segundo Caldeira (2009, p. 368), “as crianças entenderão melhor os números e as operações matemáticas se as puderem concretizar, vivenciar”. Ora, como esclarece esta autora, “os blocos lógicos não ensinam a fazer contas, mas exercitam a lógica”; a sua função principal é dar às crianças a oportunidade de realizarem as primeiras operações lógicas, como sejam a correspondência e a classificação”.

Na aula que dei, não detetei dificuldade por parte das crianças em preencher a tabela consoante as minhas indicações. Sempre que surgiu alguma dúvida, pedi a outros meninos se conseguiam ajudar o colega, a fim de ultrapassar essa dúvida, o que veio a suceder.

### **15 de fevereiro de 2012**

Neste dia, ocorreram várias provas de aptidão da Prática Pedagógica, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, e eu e a minha colega de Estágio tivemos a oportunidade de assistir a três delas. A primeira prova a que assistimos tinha como tema “os peixes ósseos e os cartilagíneos”. Em seguida, assistimos a outra prova que tinha como tema “o gesso” e, por último, à prova que se realizou durante a tarde, cujo tema era sobre “Os Lusíadas”.

### **16 de fevereiro de 2012**

Este dia iniciou-se com uma aula dada pela minha colega de estágio, sobre o 3.º Dom de Froebel. A colega trabalhou com as crianças as seguintes construções: o muro alto, o muro baixo, o comboio, a cama e o cadeirão.

Da parte da tarde, as crianças pintaram, com canetas de filtro, uma imagem de um palhaço. Paralelamente, construíram, com tiras de folhas coloridas, um harmónio simples que, posteriormente, foi colado no desenho do palhaço.

Antes de o dia se dar por completo, as crianças tiveram aula de música.

#### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, trabalhar a Expressão Plástica, nomeadamente recorrendo a materiais simples, de uso quotidiano, “implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (Ministério da Educação, 1997, p. 61).

O desenho e a construção de materiais em papel – como foi o caso do harmónio que as crianças fizeram, são técnicas que contribuem para a destreza motora e também para o desenvolvimento mais alargado da Expressão Plástica.

Assim, “o domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objectos” (Ministério da Educação, 1997, p. 57). A prática das dobragens estimula o desenvolvimento das habilidades artísticas das crianças. Com esta prática, pode-se criar um exercício muito simples, que estimula e desenvolve a motricidade fina. Os Educadores usam-nos como uma ferramenta de ensino, para desenvolver as capacidades, destrezas e criatividade.

As dobragens são atividades que contribuem para o desenvolvimento das crianças. Spodeck e Saracho (1998, p. 344) afirmam que “esta atividade pode melhorar as habilidades motoras finas e promover a paciência das crianças.” Confirmei que, pacientemente e, em grande parte dos casos, com destreza, as crianças se dedicaram a esta tarefa.

## **17 de fevereiro de 2012**

Este dia foi dedicado aos festejos do Carnaval. As crianças estavam todas elas mascaradas: umas vestidas de princesas, outras de Homem-Aranha, etc. Também algumas Educadoras e Professoras se mascararam, brincando com as crianças.

Como estava um dia de sol, fomos para o recreio e as crianças puderam brincar livremente, não só com os colegas da sua turma e com os das demais turmas do Pré-Escolar, como ainda com os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Como já referi a propósito da festa de natal, também os festejos de carnaval se traduzem numa prática “entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para

promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças” (Aguëra, 2008, p. 73).

O ambiente criado nestes momentos festivos é de alegria, afeto e colaboração por parte de todos os membros envolventes. Este ambiente é motivador para o sucesso das crianças.

Pude constatar como todas as crianças (tanto as do Pré-Escolar como as do 1.º Ciclo do Ensino Básico) estavam radiantes com as suas máscaras, interpretavam os papéis das máscaras que vestiam, brincaram com os colegas e com os mais velhos. Pareciam encantadas com a possibilidade de brincarem também com Educadoras e Professoras, igualmente mascaradas.

Este foi um dia diferente, que, no meu caso, acabou por ser marcante para me despedir do estágio nesta turma.

### 1.3. Bibe Azul B (1.º Jardim-Escola)

#### 13.1 Horário

Quadro 5 – Horário do Bibe Azul B

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9.00h/ 10.15h	Iniciação à matemática - material - escrita	Iniciação à leitura e à escrita	Iniciação à matemática - material - escrita	Iniciação à leitura e à escrita	Iniciação à matemática - material - escrita
10.15h/10.45h	Intervalo				
10.45h/11.50h	Iniciação à leitura e à escrita	Iniciação à matemática - material - escrita	Educação pelo Movimento Iniciação à leitura e à escrita	Iniciação à matemática - material - escrita	Iniciação à leitura e à escrita
12.00h/14.00h	Almoço e recreio				
14.00h/15.00h	Escrita e leitura	Inglês	Jogos matemáticos Cidadania	Escrita e leitura	Educação pelo Movimento
15.00h/ 15.30h	Ditados Gráficos. Desenho Dobragens Entrelaçamentos	Conhecimento do mundo - dinamização do tema	Área Projeto	Conhecimento do mundo - dinamização do tema	Computadores
16.30h/17.00h	Lanche/ Saída				

### **1.3.2 Caracterização da turma**

A turma B do Bibe Azul, na qual estagiei no período de 7 de outubro de 2011 a 4 de Novembro (5 dias, à 6ª feira), é composta por 30 alunos. As crianças estão na faixa etária dos 5 anos. Há 19 meninas e 11 meninos.

### **1.3.3 Caracterização do espaço**

A sala da turma B do Bibe Azul contém mesas individuais para cada aluno e dois armários destinados à arrumação de materiais e trabalhos dos alunos. Existe ainda, uma parede com um placard de cortiça, que serve para expor os trabalhos realizados pelos alunos. Esta sala servia para, depois do lanche, se fazer as saídas das crianças. Às 17h, seguiam todos os alunos do Pré-Escolar para o salão.

### **1.3.4 Relatos diários**

#### **7 de outubro de 2011**

A aula foi dada por uma estagiária, que trabalhou o 3º e o 4º Dom de Froebel articulados com o tema “a família”. Iniciou a conversa com os alunos perguntando com quem viviam e, em seguida, fizeram uma árvore genealógica. Depois passaram para a construção da mesa e das 6 cadeiras com os Dons de Froebel. A colega construiu uma pequena história e, a partir dela, fez a mobília de quarto também com os Dons. Terminada esta construção, cada criança arrumou as caixas. A estagiária distribuiu uma ficha de trabalho que continha um labirinto, onde as crianças tinham que encontrar a saída e, por fim, pintar os desenhos.

Quando regressaram do recreio, a estagiária trabalhou a *Cartilha Maternal*, de João de Deus, com alguns alunos.

Após o almoço, como o horário à 6ª feira contempla Ginástica e Computadores, as crianças, depois de, na sala, trocarem de roupa, dirigiram-se ao ginásio.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

Segundo Cordeiro (2010, p. 434), “as aulas de ginástica são importantes, porque permitem começar a pautar o exercício segundo regras de desenvolvimento ósseo, articular e muscular”. A atividade desenvolve também a flexibilidade e a coordenação mente-corpo de uma forma estruturada. Para Neto (2003, p. 226), “o jogo infantil pode ser entendido como assimilação da realidade, como comunicação social, como solução de conflitos, como sensação de fluidez e como acção intrínseca motivada”.

Na aula de ginástica a que assisti, todo o exercício era acompanhado de música, o que, na minha opinião, levou a uma progressiva atenção das crianças. Percebia-se que as crianças estavam satisfeitas, encarando a aula como uma brincadeira e relacionando-se bem entre o grupo.

### **14 de outubro de 2011**

As crianças iniciaram a aula, fazendo exercícios de *Cartilha* no caderno (lição *ee*, alguns, a lição *p*).

Às 10h, a Educadora deu aula de tangram. Pediu às crianças que tirassem as peças dentro do saco, que colocassem o saco no centro da mesa. Perguntou quantas peças estavam em cima da mesa e se as peças eram todas iguais, se tinham todas as mesmas formas. Em seguida, falou sobre elas. Perguntou, também, quantos triângulos, quantos quadrados e quantos paralelogramos havia. Por fim, perguntou se os triângulos eram todos iguais. Contou, então, uma história<sup>3</sup>. Todos os alunos montaram o espelho em cima de uma folha branca, anteriormente distribuída pela Educadora. Depois, a Educadora pediu a uma criança que fosse colocar uma peça do espelho no quadro e assim sucessivamente até o espelho estar completo. Construído o espelho, fez algumas perguntas: “Qual era a forma do espelho da princesa?”, “Acham que a princesa conseguiu perceber o disparate feito pelo empregado?”. A resposta dada pelas crianças foi que não, porque eles colaram tudo muito bem colado e a princesa pôde ver-se ao

---

<sup>3</sup> A história foi a seguinte: “Era uma vez, uma princesa que estava sempre a ver-se ao espelho. Ela foi passear para o jardim, mas esqueceu-se do espelho e, muito zangada com ela própria, pediu ao empregado para ir buscar o espelho ao quarto dela. Ele, como era muito desastrado, tropeçou numa pedra, caiu e partiu o espelho. O espelho partiu-se em 7 pedaços. Entretanto, ele decidiu montar o espelho...” No fim, a Educadora sugeriu: “Agora, vamos todos montar o espelho”.

espelho no jardim. Por fim, a Educadora colocou um desafio: com o lápis de carvão, contornar a figura feita e depois retirar a peça, uma a uma, e contorná-la também.

Antes da ginástica e do tempo para computadores, os alunos ainda fizeram uns exercícios de matemática.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Segundo Caldeira (2009, p.391), “os Tangrams são obtidos basicamente a partir da dissecação de uma figura geométrica segundo determinadas condições, permitindo depois a obtenção de novas figuras através da recombinação das peças obtidas”. Para Santos (citado por Caldeira, 2009, p. 394), “a Filosofia do Tangram é de que um todo é divisível em partes, as quais podem ser reorganizadas num outro todo”. Este puzzle é constituído por 7 peças: 5 triângulos isósceles (2 grandes, 1 médio e 2 pequenos), um quadrado e um paralelogramo.

Quanto à utilização do material Tangram, a que tive a oportunidade de assistir, a estratégia utilizada pela Educadora foi feita de uma forma lúdica e não formal. Apercebi-me que, talvez por esse motivo, as crianças estavam muito entusiasmadas, atentas, envolvidas na história.

### **21 de outubro de 2011**

A Educadora pediu às crianças que treinassem exercícios de *Cartilha Maternal* no caderno. Os alunos que não soubessem fazer determinada letra iam ao quadro treiná-la antes de a passarem para uma folha, a lápis, e só numa terceira fase é que passavam para o caderno a caneta. Enquanto uns estavam a fazer este trabalho, outros estavam na *Cartilha* com a Educadora.

Entretanto foram-nos chamar à sala para irmos assistir às aulas supresa que estavam a decorrer com os colegas estagiários do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Assisti a duas aulas. A primeira foi uma aula dada por um estagiário do Bibe Castanho. Deu uma aula com os Dons de Froebel e realizou com os alunos a construção da mobília de quarto; em seguida explorou a quantidade de peças existentes no armário,

falou do dobro. Pediu a uma criança para ir ao quadro e realizar a multiplicação das peças. Passaram 30 minutos e mandaram-nos para outra sala, para o Bibe Verde, onde a colega explorou um texto do manual escolar e focou-se nos sinais de pontuação.

Às 11h10m, tivemos reunião com as Supervisoras de Prática Pedagógica. Cada estagiário avaliado deu o seu parecer, assim como os estagiários que assistiram e, por último, as Supervisoras.

Depois do almoço, quando regresssei à sala da turma B do Bibe Azul, os alunos continuaram a fazer os exercícios que não tinham acabado de manhã, após o que fui levá-los à ginástica. Neste tempo em que as crianças estiveram nas atividades de ginástica, estive com a Educadora na sala a preparar um trabalho para as crianças fazerem na semana seguinte.

Neste dia não fui para a sala da turma A do Bibe Azul, pois fiquei na sala da turma B a acabar uns trabalhos, a pedido da Educadora.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

O método de leitura pela *Cartilha Maternal* foi criado pelo reconhecido poeta e pedagogo João de Deus, nascido a 8 de março de 1830, em São Bartolomeu de Messines. Inicialmente desenvolvido para ensinar os adultos, viria a ser posteriormente aplicado ao ensino de crianças, sendo ainda hoje aplicado nos Jardins-Escola João de Deus (Ruivo, 2009, p. 41). Assim, uma das características do método João de Deus é a aprendizagem da leitura através da *Cartilha Maternal*, sendo implementada na faixa etária dos 5 anos (portanto, no Bibe Azul). A Educadora organiza pequenos grupos de crianças, para se dirigirem à *Cartilha*, em tamanho grande, que se encontra na sala, com o intuito de os auxiliar na aprendizagem da leitura. Os restantes alunos permanecem nos seus lugares a realizar propostas de trabalho, nos cadernos de escrita.

Segundo Ruivo (2009, p. 119), “nos Jardins-Escola as educadoras desenvolvem as competências linguísticas das crianças porque estão sensibilizadas para a importância da linguagem no desenvolvimento humano”. Viana, citada por Ruivo (2009, p. 119), diz que “a utilização do livro grande, cuja leitura facilita o apontar do dedo, permite que a criança facilmente se dê conta da direccionalidade da escrita e da leitura”.

Ainda segundo Ruivo (2006), as principais linhas de força que caracterizam este método prendem-se com o facto de ele ser considerado interacionista, de estimular as capacidades metacognitivas, respeitar o ritmo individual de cada criança e fomentar a sua autocorreção. Paralelamente, com este método, o exercício de leitura é dinâmico, interativo e promove a relação entre as palavras lidas e a vivência da criança, dando a noção de que a palavra é o elemento principal do discurso.

## **28 de outubro de 2011**

Hoje foi o dia da minha aula programada. O tema foi o sistema solar. Trabalhei com as criançasduasÁreas – Conhecimento do mundo e Expressão e comunicação (nos Domínios dematemática e de linguagem oral e abordagem à escrita).

Iniciei a aula pela Área de Conhecimento do Mundo. Distribuía cada criança uma capa que continha todo o material necessário para a aula. Pedi-lhes que retirassem um cartão e informei-as que iriam completá-lo com os planetas. Coloquei no quadro um cartão igual mas em tamanho grande, de modo a que a explicação fosse mais fácil. Enquanto estava a completar o cartão com os alunos, explicava-lhes o porquê de se chamar sistema solar, o nome de cada planeta, quais os que estão mais próximos do sol e mais afastados, se são quentes ou frios, os movimentos que fazem, qual era o nosso planeta, porque se chama planeta azul, que o sol era uma estrela.

Em seguida, passei para o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, distribuindo uma ficha de trabalho, que continha os planetas e respetiva legenda. Tinha por objetivo que as crianças pintassem as vogais encontradas e que, quando completada essa tarefa, pintassem os planetas.

Por fim, distribuí uma outra ficha de trabalho, para iniciar o domínio da Matemática, nomeadamente a lateralização. Essa ficha continha o sol no centro e, consoante a minha indicação, as crianças iam colocando os outros planetas. As indicações eram as seguintes: “acima do sol; abaixo do sol; no canto superior esquerdo; no canto superior direito; no canto inferior esquerdo; no canto inferior direito; ao lado direito do sol; ao lado esquerdo do sol; entre o sol e o planeta x”. As crianças reagiram prontamente a tudo o que lhes sugeri.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

Relativamente à minha aula na Área de Conhecimento do Mundo, especificamente sobre o sistema solar, começo por referir que, apesar de este ser um tema complexo, as crianças mostraram-se extraordinariamente atentas e interessadas. A importância de trabalhar esta área no Pré-Escolar é defendida na *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, salientando-se que “mesmo que a criança não domine inteiramente os conteúdos, a introdução a diferentes domínios científicos cria uma sensibilização que desperta a curiosidade e o desejo de aprender” (Ministério da Educação, 1997, p. 85).

Julgo que os materiais que preparei foram fundamentais para provocar junto dos alunos da turma “ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” (Ministério da Educação, 1997, p. 79) e que a exposição clara e simples que fiz as manteve curiosas.

## **4 de novembro de 2011**

As crianças iniciaram o dia com trabalhos no caderno de escrita e idas ao quadro para treinar as letras que tinham mais dificuldade em escrever. Quando estávamos a ir para o recreio, a educadora mostrou umas imagens à minha colega de estágio e disse-lhe que, quando regressasse do intervalo, teria que dar uma aula de Estimulação à Leitura com aquelas imagens. As imagens eram as seguintes: ave, baleia, bola, viola, tapete, polvo, uva.

Quando regressámos do intervalo, a estratégia que a minha colega optou foi a de ir pondo as imagens, uma a uma, no quadro e à frente delas escrevia o respetivo nome. Em seguida, fazia a leitura desse nome com um ou dois alunos. Esta estratégia não muito bem conseguida, uma vez que os alunos liam por associação da imagens.

Enquanto a minha colega estava a dar a aula, a Educadora, deu uns cartões com várias imagens a uma outra estagiária e pediu-lhe que, quando terminada aquela aula, esta fosse dar uma outra, agora com a introdução à Matemática. Esta colega decidiu pegar nas imagens dos animais, de um menino e de uma maçã, fazer uma situação problemática e trabalhar a lateralização.

Da parte da tarde, foi a minha vez de dar a aula-surpresa. A Educadora pediu-me que fizesse um jogo. Levei as crianças para o ginásio, sentei-os em roda e fiz um primeiro jogo que consistia em ter na mão um coelhinho imaginário, que estava doente e que se curava com miminhos e eles tinham de dar um beijinho onde quisessem para ele ficar curado. Então, comecei o jogo dizendo que dava um beijinho na testa do coelho e fui-lhes perguntando, sucessivamente, até acabar a roda, onde o beijavam. No fim, estes tinham de dar um beijinho ao colega do lado, no sítio que disseram que davam ao coelhinho.

Para terminar, realizei o jogo dos arcos. Havia menos arcos do que crianças e, conforme a música tocava, as crianças iam correndo à volta dos mesmos. Assim que a música parava, tinham de encontrar um arco vazio para se colocarem lá dentro. Quem não encontrava, saía do jogo.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

A brincadeira/ jogo é essencial na vida da criança e o ensino Pré-Escolar não pode prescindir desta atividade. Na Declaração dos Direitos da Criança, lemos que a criança “deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a actividades recreativas, que devem ser orientados para os mesmos objectivos da educação” (cf. <http://www.gddc.pt>)

Neto (2003, p. 101), apoiando-se num trabalho realizado por Rothleim e Brett, fez um levantamento das ideias sobre brincar, expressas por pais e educadores. Estes autores defendem que “os pais referiram mais frequentemente o aspecto de brincar ser agradável e divertido”. Por sua vez, os educadores “dão mais importância à função que brincar tem no desenvolvimento social e cognitivo”. No âmbito deste estudo, os educadores afirmam “que brincar encontra-se no currículo, mas de maneira diferente: enquanto para uns, todo o currículo contém brincadeira, para outros, a brincadeira só é permitida quando o trabalho termina”.

A criança, ao brincar, explora a realidade na qual está inserida. Brincar potencia o desenvolvimento, já que, assim, a criança aprende a conhecer, aprende a fazer, aprende a conviver e, sobretudo, aprende a ser; para além de estimular a curiosidade, a autoestima e autoconfiança e autonomia, proporciona o desenvolvimento da linguagem, da concentração e da atenção.

A brincadeira/ jogo que propus em torno do coelho imaginário foi do agrado das crianças. Sobretudo, pareceu-me que se espantaram com o final proposto de beijarem os colegas. Alguns meninos envergonharam-se e não quiseram dar um beijo ao colega na parte do corpo onde tinham beijado o coelho imaginário. Nestes casos, eu própria tomei a vez deles, beijando os colegas.

Quanto ao jogo do arco, este era um jogo já bem conhecido deles, no qual não revelaram qualquer dificuldade. Enquanto o jogavam, mostraram-se sempre divertidos, mesmo os que perdiam o jogo.

### **1.3.5 Semana de estágio de compensação**

**9 de janeiro de 2012**

Neste dia, assisti a uma aula dada por uma estagiária, cujo tema eram as plantas. No domínio da Matemática, a colega trabalhou com os alunos o material Cuisenaire. Fez perguntas sobre o valor das peças e, de seguida, construiu com os alunos um labirinto, usando estas peças.

Dada a aula, os alunos seguiram para o almoço, indo em seguida brincar para o recreio.

Da parte da tarde, tiveram a aula de inglês. Após, realizaram trabalhos no caderno de matemática e terminaram o seu dia, após o lanche, na sala do Bibe Azul A, à espera dos pais.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

O material matemático Cuisenaire pode ser utilizado para ajudar as crianças no desenvolvimento da sua estruturação espacial, na medida em que “a compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o mundo, que é intrinsecamente geométrico” (Caldeira, 2009, p. 173). Ainda de acordo com Caldeira, “a descoberta de caminhos, integrados na formação matemática e nas várias áreas de aprendizagem, desenvolve a compreensão”.

A colega parecia segura a trabalhar com este material e a proposta de trabalho realizada permitiu que as crianças comparassem as peças deste material, colocadas em diferentes posições, contribuindo, assim, para desenvolver o seu sentido espacial. Os meninos não revalaram dificuldades e corresponderam ao que lhes era pedido.

## **10 de janeiro de 2012**

Este dia foi dedicado à *Cartilha Maternal*. Enquanto alguns alunos realizavam exercícios no caderno de escrita, outros eram chamados à *Cartilha* e assim sucessivamente, até à hora de irem para o intervalo.

Quando regressaram, a Educadora trabalhou com os alunos o domínio da Matemática. Ensinou-lhes uma nova construção (nomeadamente a construção da camioneta), usando o 3º e 4º Dons de Froebel. Para o fazer, usou uma história. Antes disso, a Educadora solicitou aos alunos que estes referissem as principais características do material (cubos, paralelepípedos e caixa).

Da parte da tarde, a Educadora abordou o tema das plantas, nomeadamente a sua constituição e utilidade. Depois, enquanto alguns alunos realizavam propostas de trabalho de matemática, outros foram chamados à *Cartilha*.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

O 4º Dom de Froebel é constituído por uma caixa que contém oito paralelepípedos e é muito idêntico ao 3º Dom. Ambos têm a mesma quantidade de sólidos geométricos (se bem que o 3º Dom tenha cubos e o 4º Dom paralelepípedos) e as caixas são idênticas. Para além do que já foi dito atrás a propósito do 3º Dom<sup>4</sup>, o 4º Dom vai promover a criatividade, a noção de ordem e vai inciar noções básicas para o desenvolvimento da matemática, como a quantidade, situações problemáticas e formas geométricas (Caldeira, 2009, p. 267).

Tanto as construções do 3º como as do 4º Dom podem ser exploradas através de uma história. Naturalmente, torna-se mais apelativo para a criança haver uma história a

---

<sup>4</sup> No Relato referente à turma B do Bibe Encarnado, no dia 6 de janeiro de 2012.

partir da qual as construções aconteçam. Feitas as construções, pode-se colocar algumas situações problemáticas diretas às crianças.

Podemos fazer construções ainda mais complexas com o 3º e 4º Dons, trabalhando-os em conjunto, desenvolvendo na criança ainda mais atenção e equilíbrio, a capacidade de relacionar, o cálculo mental, uma maior diversidade nas atividades e nas construções (Caldeira, 2009, p. 285). A junção deste Dons é aconselhável para as crianças com idade superior a 4 anos de idade.

Na metodologia João de Deus, é feita a exploração dos materiais de Froebel, dando-se grande importância à criatividade, à manipulação e à descoberta, sendo presentemente utilizados os 1º, 3º, 4º e 5º Dons de Froebel<sup>5</sup>. De acordo com Caldeira (2009, p. 267), o 3.º e 4.º Dons de Froebel permitem desenvolver o vocabulário, a linguagem e a criatividade, para além da lateralização e da motricidade fina. Este material possibilita ainda o desenvolvimento corporal da criança e da sua noção de equilíbrio. Do ponto de vista das capacidades e destrezas, este material matemático desenvolve a memória e a coordenação óculo-manual.

No início da aula, ao solicitar aos alunos que referissem as características do material, a Educadora fez um trabalho de revisão que é importante; as crianças não tiveram qualquer dificuldade em responder. Além disso, a Educadora usou, e muito bem, uma história. Após realizar com os alunos a construção da camioneta, conduziu-as a resolver situações problemáticas. Assim, a Educadora da turma baseou-se no “conhecimento, representação e exploração de noções matemáticas” (Caldeira, 2009, p. 248), uma vez que para além da construção realizada trabalhou a noção de adição, subtração e divisão

## **11 de janeiro de 2012**

A manhã deste dia teve início com o material matemático Cuisenaire. A Educadora explicou aos meninos o que era o “dobro”, com a ajuda deste material.

---

<sup>5</sup> O 5º Dom de Froebel é trabalhado com crianças a partir dos 6 anos de idade. É composto por uma caixa quadrangular que contém 21 cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e outros três cubos partidos em quatro quartos. Para além de todas as capacidades que os anteriores Dons promovem na criança, o 5º Dom vai mais além, trabalhando também os números racionais, a criatividade e intensificando todas as destrezas referenciadas anteriormente.

Após,nós, estagiárias, acompanhámos os alunos até ao ginásio.O exercício praticado naaula de ginástica constou de um percurso. Os alunos tinham quatro estações e cada uma tinha um percurso diferente. Efetuado um percurso, passavam para o outro e assim sucessivamente até terminados os quatro. Em seguida, fizeram um pequeno relaxamento, deitados no chão, e seguiram para a sala, na nossa companhia. Quando chegaram a sala, vestiram os bibes, descalçaram as sapatilhas e ainda houve tempo para trabalharem exercicios de *Cartilha*, antes da hora do almoço.

Regressados do almoço, a Educadora trabalhou com eles as vogais maiúsculas.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Segundo Cordeiro (2010, p.434), “odesporto representa uma atividade fundamental para o crescimento e o desenvolvimento harmonioso, bem como para o equilíbrio mental e psicológico”. Este mesmo autor refere que a prática regular de exercício físico é associada a um menor risco de comportamentos indesejáveis e antissociais.Para Jesus (2002, p.12), a educação física serve para desenvolver a mente e a personalidade visto que permite:

- Conviver e colaborar com os amigos.
- Conhecer os pontos fortes e fracos.
- Ter iniciativa e responsabilidade.
- Saber enfrentar as dificuldades.

O exercício proposto foi bem executado pelas crianças, apesar de estarem muito excitadas e quererem passar rapidamente para o percurso seguinte. Sobretudo, apreciei bastante o momento de relaxamento. A Professora de Ginástica falou de forma calma, em voz baixa, com eles e verifiquei que as crianças respeitaram todas as instruções dadas e excitação referida passou.

**12 de janeiro de 2012**

Alguns alunos iniciaram este dia com a ida à *Cartilha Maternal*, mais especificamente à “lição do Pedro”; outros iniciaram o dia fazendo exercicios no caderno de escrita.

Depois do recreio, tiveram aula de Expressão Musical. O professor contou-lhes uma história intitulada “A menina de pedra”, recorrendo a música de fundo e reproduzindo sons de instrumentos musicais. Após, fez perguntas sobre os instrumentos encontrados na história.

Da parte da tarde, as crianças fizeram a dobragem da jarra em Origami. A Educadora explorou com eles as medianas e as diagonais. Após a dobragem feita, colaram-na num papel branco e fizeram um desenho.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

A música está presente na vida das crianças desde muito cedo: na televisão, na rádio... Muitas delas já a escutavam quando ainda estavam no útero materno. Perante esta realidade, o contacto com a música é constante. Pelo que observei na aula de música, penso que não é discutível o misto de satisfação e deslumbramento das crianças quando escutam diferentes sons e ritmos.

Nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* é-nos dito que “a expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir” (Ministério da Educação, 1997, p. 63). Ainda segundo as mesmas *Orientações*, a expressão musical está ainda relacionada com linguagem, pois a criança deve compreender o que diz, explorar o carácter lúdico das palavras e conceber novas transformações da letra inicial (p. 64).

**19 de janeiro de 2012**

Alguns alunos foram chamados a mais uma lição de *Cartilha Maternal*, enquanto outros realizaram propostas de trabalho para exercitar a escrita.

Neste dia, os Calculadores Multibásicos foram o material escolhido para abordar o domínio da Matemática. Os alunos jogaram ao “jogo das bases” e representaram na placa algarismos indicados pela Educadora.

Quando a aula terminou, seguimos para o ginásio e lá deparámo-nos com um insuflável grande; dentro deste, assistimos a uma demonstração do “planeta curioso”, que se baseava na explicação de algumas curiosidades do nosso planeta.

Após o almoço e recreio, assisti a uma aula de Conhecimento do Mundo conduzida pela Educadora, cujo tema eram os frutos e legumes. Para consolidação da matéria, a Educadora distribuiu uma folha branca dividida ao meio e os alunos tiveram de pintar, de um lado, os frutos e, do outro, os legumes, que tinham sido abordados no Conhecimento do mundo.

### **Fundamentação teórica/ Inferência**

João António Nabais criou os Calculadores Multibásicos. Com este material matemático pode abordar-se muitas matérias e fazer variados jogos – como é o caso do jogo das bases. Este jogo revela interesse pedagógico, designadamente e entre outros, na exploração de atributos; na associação e comparação; na contagem de quantidades; na ordenação (Caldeira, 2009, pp. 187-188).

Segundo Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010,p.40), os Calculadores Multibásicos são um material manipulável estruturado, composto por:

(...) placas com cinco orifícios onde são colocadas peças de cores diferentes. Em cada orifício só é possível colocar peças de uma só cor, que resultam dos agrupamentos efetuados, atendendo ao código de cores negociado entre o Professor/Educador e os alunos.

Caldeira (2009) esclarece que estas peças encaixam umas nas outras e nos orifícios, dando origem a “torres” (p. 189). De acordo com esta autora, este material permite a realização de jogos, entre os quais o jogo das bases, cuja regra é a seguinte “para determinar a base mínima possível em que se pode jogar, olha-se para a torre mais alta e acrescenta-se 1 mentalmente” (p. 201).

O jogo das bases nos Calculadores Multibásicos é um jogo que tem como objetivo auxiliar os alunos a entenderem o funcionamento do sistema decimal. Tal como Caldeira (2009, p. 201) refere “no jogo da base 10 a criança compreende e trabalha a leitura e a escrita dos números no nosso sistema decimal”.

Nesta aula, a Educadora optou por realizar com os alunos o jogo das bases. Notei que as crianças estão muito familiarizadas com este material, pois respondiam ao pedido e respeitavam as regras do jogo.

## 1.4. Bibe Amarelo A (2.º Jardim-Escola)

### 1.4.1 Horário

Quadro 6 – Horário do Bibe Amarelo A

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9.00h	Acolhimento/ Canções de roda/ Higiene				
9.30h/10.00h	Atividades de desenvolvimento verbal	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Atividades de desenvolvimento verbal
10.00h/10.30h	Informática/ Biblioteca	Grafismo	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática	Estimulação à Leitura
10.30h/11.00h		Educação Física	Recreio	Recreio	Recreio
11.00h/11.30h	Recreio	Recreio	Iniciação à Matemática	Educação Física	Educação Musical
11.30h/ 12.00h	Atividades de desenvolvimento verbal	Trabalho de grupo	Desenho	Desenho	Recorte e colagem
12.00h	Almoço				
13.00h	Sesta				
15.00h/15.30h	Iniciação à Matemática	Grafismos	Estimulação à Leitura	Picotagem	Modelagem/ Barro
15.30h/ 16.00h	Recorte e colagem	Pintura	Dobragens	Desenhos	Jogos
16.00h/ 16.30h	Cantinhos	Jogos	Cantinhos	Jogos	Cantinhos
16.30h	Lanche				
17.00h	Saída				

#### **1.4.2 Caraterização da turma**

A turma do Bibe Amarelo A é composta por 28 crianças, sendo 14 destas do género masculino e outras 14 do género feminino.

#### **1.4.3 Caraterização do espaço**

Na sala da turma A do Bibe Amarelo, podemos encontrar 5 mesas com a forma hexagonal, um armário para guardar os trabalhos e materiais dos alunos, uma despensa que serve para guardar materiais para a Educadora trabalhar com os seus alunos, um placard na parede que serve para afixar os trabalhos realizados em sala de aula, bem como dois cantinhos destinados às brincadeiras livres das crianças: uma cozinha e os cabides, que têm roupas de disfarces.

Nesta sala, podemos ainda encontrar um tapete, que, por norma, serve para a Educadora contar histórias e também para a realização de algumas aulas, bem como duas portas: uma que dá acesso ao recreio exterior do pré-escolar e outra que dá acesso à sala do Bibe Amarelo B.

#### **1.4.4 Relatos diários**

**11 de maio de 2012**

Este dia iniciámos a manhã no espaço exterior do Jardim Escola, fazendo a roda, como é habitual.

Os meninos sentaram-se no tapete, e a Educadora contou-lhes a história do *Bolinhas vai à escola*, de Eric Hill. À medida que foi contando a história, ia fazendo algumas perguntas, nomeadamente sobre o que viam, e trabalhando a lateralidade. Usou bastante o fator surpresa, uma vez que aquele livro continha “janelas” que tinham sempre uma imagem por detrás.

Após a leitura, os meninos seguiram para as suas mesas, e fizeram uma tília em Origami, na qual, em seguida, colaram numa palhinha. Esta tília era para oferecer às suas mães.

Depois do recreio, a Educadora esteve a trabalhar o 3º Dom de Froebel. Iniciou a aula no domínio da Matemática perguntando aos alunos o nome do material, como era constituído, que peças continha, como se manipulava. Em seguida, começou a contar-lhes uma história e pediu à minha colega de estágio para que esta continuasse a história. À medida que a colega foi contando a história, as crianças fizeram a construção do muro baixo, muro alto, as duas cadeiras e mesa. Após esta construção, a Educadora pediu-me para ser eu a continuar a história. Entretanto, a Educadora fez com os meninos todas as construções que eles sabiam, para que nós, estagiárias, pudéssemos ver o que os meninos já sabiam fazer.

Depois da sesta e de as crianças terem ido brincar para a rua durante algum tempo, sentei-as no tapete da sala e contei-lhes a história *Se te perderes...*, de Jennifer Moore-Mallinos. Por fim, os meninos brincaram livremente até chegar a hora de lanchar.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

A realização de atividades com Origami são fundamentais em turmas de Pré-Escolar uma vez que, de acordo com Moreira e Oliveira (2003), elas “permitem desenvolver a coordenação visual motora para além de proporcionarem a concentração e a atenção das crianças. Também podem levar ao desenvolvimento de outras capacidades como a discriminação visual e a composição e decomposição de figuras” (p. 115). Ainda para estas autoras, “os jogos e, em especial com materiais manipuláveis, podem ser um importante veículo para trabalhar aspectos relativos à iniciação matemática no jardim de infância” (p. 116).

Durante a realização da dobragem, apesar do entusiasmo das crianças, foi necessário ajudá-las nesta tarefa. Estavam, contudo, muitíssimo motivadas por saberem que se tratava de uma prenda para dar às suas mães.

**18 de maio de 2012**

O dia iniciou-se como é habitual, fazendo-se a roda no pátio exterior do Jardim-Escola.

Na parte da manhã, os alunos do Bibe Amarelo tiveram aula de música.

A Educadora da turma A do Bibe Amarelo convidou-nos a nós, estagiárias, a assistirmos a uma aula dela com o material não estruturado palhinhas, visto que ainda não tinhamos tido oportunidade de assistir aulas com este material no Bibe Amarelo. Com as palhinhas, a Educadora trabalhou com os meninos o cálculo mental e a associação da quantidade ao número de palhinhas. Por exemplo, a Educadora pedia que retirassem um par de palhinhas, do centro da mesa, e os alunos tinham de pensar na quantidade pedida e colocá-las à sua frente. Utilizou também a pandeireta: o número de “pancadas” dadas na pandeireta representava a quantidade de palhinhas que as crianças tinham de retirar do centro da mesa. Elaborou também algumas adições; os alunos tinham de responder oralmente, sem recurso às palhinhas. No fim, deixou-os brincar um pouco com as palhinhas.

Quando regressámos à nossa sala, a Educadora estava a acabar de fazer picotagem. Foi-me pedido que realizasse um jogo com os meninos até à hora do almoço. O jogo que escolhi foi o do “esconde”, que consiste em colocar os alunos todos em roda e pedir a um que saia da mesma e que vá para um canto tapar os olhos. Entretanto, é escolhido outro menino que ainda se encontra na roda, para se esconder e o que vai para um canto destapa os olhos e, olhando para a roda, tenta descobrir qual o menino que falta na roda.

Depois do almoço, as crianças dormiram a sesta. Assim que acordaram foram para o recreio. Durante a tarde, as crianças brincaram livremente até chegar a hora do lanche e, em seguida, deu-se o regresso a casa.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

As palhinhas, apesar de serem um material não estruturado, construído ou pensado propositadamente para desenvolver o raciocínio matemático, muitas vezes funcionam como solução para ajudar alunos com algumas dificuldades.

Caldeira (2009) faz a distinção entre materiais alternativos industrializados e não-industrializados, afirmando que “existem materiais alternativos industrializados, ex: caricas, embalagens vazias, carrinhos de linhas, palhinhas, etc. Os materiais alternativos não-industrializados podem ser encontradas na própria Natureza, ex: pedrinhas, conchas, flores, folhas secas, o próprio corpo humano, as sementes em geral, etc.”(p.

317). A autora reforça ainda que “na posse destes materiais, é possível fazer um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo” (p. 317).

Aquando da observação da aula dada pela Educadora do Bibe Amarelo A, constatei que ela aproveitou este material alternativo para desenvolver diversas noções como a quantidade, exercícios de contagem, entre outros. As crianças estavam entusiasmadas a mexer neste material, quando solicitadas. No final da aula, o entusiasmo aumentou ao poderem brincar livremente com as palhinhas.

#### **1.4.5 Semana de estágio de compensação**

**21 de maio de 2012**

Na parte da manhã, por solicitação da Educadora, li às crianças a história da *Casinha de Chocolate*; no fim, simplesmente lhes perguntei se tinham gostado.

Em seguida, metade da turma foi para a sala dos computadores e a outra para a biblioteca. Acompanhei o primeiro grupo que seguiu para os computadores. Já nesta sala, trabalharam nos tangrams (as crianças colocavam as peças certas do tangram na figura que aparecia no computador). Quando seguiram para a biblioteca, estiveram a acabar trabalhos que tinham deixado da semana anterior.

Quando regressámos à sala, a Educadora trabalhou com eles o material Cuisenaire, para que nós, estagiárias, pudessemos ver e aprender um pouco mais e, inclusive, ficar a saber o que se pretende dar a um grupo de 3 anos de idade com aquele material e até onde se pode ir. Realizou com eles a escada por ordem crescente, decrescente e pediu-lhes para lerem por cores e por valores.

Depois do almoço, sesta e recreio, a Educadora contou-lhes a história do *Gato das Botas* e os alunos fizeram uma pintura sobre a história ouvida e, em seguida, brincaram livremente. Enquanto o faziam, a pedido da Educadora, fui chamando individualmente cada um para fazerem contagem comigo. Os meninos contavam oralmente e eu apontava até que número eles conseguiam contar.

Após o lanche, foram brincar para o recreio até os pais os irem buscar.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

As aulas de informática são um meio de estimulação para a aprendizagem de diversas áreas, como transmitido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 2007):

A utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeada de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário. Este pode ser utilizado em expressão plástica e expressão musical, na abordagem ao código escrito e na matemática. (p.72)

Essa utilização permite às crianças um contacto com o meio informático que é tão importante nos dias de hoje dentro da sociedade atual, tornando-se uma forma de comunicação de grande importância.

**22 de maio de 2012**

Neste dia, tive a minha aula surpresa. Foi-me pedido para ler o livro *Boas Noites*. Quando terminada a minha leitura, os alunos despiram os bibes, calçaram as sapatilhas e foram para o ginásio com a Professora de Ginástica.

Enquanto os alunos estavam na aula de ginástica, eu fiquei na sala a ajudar a Educadora da turma.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

As aulas surpresa criam em nós, estagiários, uma ansiedade, mas ajudam-nos a refletir sobre as nossas aprendizagens. Alarcão (1996, p.154) defende que “a reflexão sobre a prática emerge como uma estratégia possível para a aquisição do saber profissional. Esta abordagem permite uma integração entre a teoria e a prática e desafia a reconsideração dos saberes científicos com vista à apresentação pedagógica”.

Quando nos deparamos com situações de *stress*, desenvolvemos estruturas que nos vão ajudar a ultrapassar esses medos e receios, criando resiliência. Como definiram Garnezy e Masten (1991, citados em Canavarro, 2007, p. 17), a resiliência consiste

no “processo de, ou capacidade para, ou o resultado da adaptação, apesar de circunstâncias adversas”. Nesse sentido, as aulas surpresa contribuem para criarmos a referida resiliência.

No final da aula, a Educadora comentou comigo que, visto já me ter visto por duas vezes a ler outras histórias, se tinha admirado de, desta vez, não o ter feito da mesma forma, notando-se que eu estava nervosa e inibida.

Na verdade, esta aula em particular não foi fácil para mim, não tanto por ter receio de ler, mas porque o livro que me deram para ler era composto por várias histórias, com várias janelas de abertura para imagens, que, embora tivessem a ver com o texto, não me pareceram minimamente interessantes. Não tive tempo prévio para ler as histórias e, à medida que as ia contando às crianças, as histórias não me fizeram muito sentido. Consequentemente, não fui capaz de mostrar entusiasmo; as crianças aperceberam-se e, durante 20 minutos, saturaram-se a ouvir-me.

### **23 de maio de 2012**

Neste dia, a manhã iniciou-se com uma aula dada por uma estagiária. A aula consistiu na abordagem sobre os legumes. A estagiária apresentou várias imagens e falou um pouco sobre alguns legumes, nomeadamente sobre a cenoura, alface, nabo. Em seguida, realizou com as crianças uma sopa.

Da parte da tarde, dei uma aula no domínio da Matemática, que consistiu no jogo do loto. Antes de dar início ao jogo, comecei por distribuir um cartão a cada aluno (cartão este que continha, em cada quadrado, uma cor), bem como um saco com tampas coloridas (tampas essas que correspondiam às cores encontradas nos cartões). Expliquei as regras do jogo que eram as seguintes: eu tinha um saco com várias tampinhas coloridas na mão e cada vez que eu fosse ao saco buscar uma tampa, as crianças tinham que olhar para o seu cartão e verificar se tinham essa cor no seu cartão; se tivessem a cor, colocariam uma tampa em cima da cor que tinha saído. As crianças corresponderam, e atingindo o objetivo que era pretendido por mim.

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

Na minha opinião, aprender matemática utilizando jogos, é uma mais valia, pois a criança aprende a brincar, o que, tendo em conta a faixa etária dos 3 anos, é uma estratégia mais apelativa. Alsina (2004) refere que os 10 mandamentos do jogo da aula de matemática são:

1.a parte mais real da vida das crianças; 2. As atividades lúdicas são altamente motivadoras; 3. Abrange diferentes tipos de conhecimentos, habilidades e atitudes acerca da matemática; 4. Os alunos podem enfrentar novos conteúdos matemáticos sem medo do fracasso inicial; 5. Permite aprender a partir do próprio erro e a partir dos erros dos outros; 6. Respeita a diversidade dos alunos; 7. Permite desenvolver processos psicológicos básicos necessários à aprendizagem da Matemática; 8. Facilita o processo de socialização e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da autonomia pessoal; 9. Os currículos actuais recomendam de forma directa para se ter em conta o aspecto lúdico da Matemática e a aproximação à realidade das crianças; 10. Promove e conduz, em muitas ocasiões, a uma aprendizagem significativa. (p. 7)

Para este jogo, tentei proporcionar ao grupo uma nova estratégia de aprendizagem, através do tato, pois estiveram em contacto com as tampas e com o cartão, e através do suspense, as crianças mantiveram a expectativa e a vontade de jogar. Este exercício foi bastante complexo, no aspeto em que a criança tem que olhar para a tampa que eu tenho na mão, olhar para o cartão e verificar se tem a cor correspondente no mesmo. Esta atividade foi desenvolvida tendo em conta que “o educador, enquanto impulsionador de um ensino diferenciado, tem “três responsabilidades essenciais: fornecer e prescrever oportunidades de aprendizagem diferenciadas, organizar os alunos durante as atividades de aprendizagem e usar o tempo de maneira flexível” (Heacox, 2006, p. 18).

Apesar de se tratar de um grupo de crianças na faixa etária dos 3 anos, isso não invalidou que se mostrassem empenhados. Foi um jogo bastante engraçado, até porque utilizei muito o suspense, e eles estavam radiantes.

Na minha opinião, foi muito interessante esta aula, porque, de uma forma lúdica, introduzi mais um conteúdo matemático – a associação, e as crianças, pelo que me foi dado observar, perceberam e gostaram muito desta aula.

**24 de maio de 2012**

Foi a minha manhã de aula programada, cujo tema era: os alimentos. Iniciei a aula contando a história *A sopa queima*, de Pablo Albo e André Letria. Para contar esta história, sentei os alunos em U. Recorri ao uso das velas para tornar o ambiente mais acolhedor e diferente do que estes estão habituados. Utilizei a expressão facial, gestos e pedi a colaborações das crianças sempre que achei necessário, de forma a envolvê-los mais na história.

Depois da história contada, levei os alunos para outra parte da sala, junto da parede, onde os sentei novamente em U, para que vissem melhor o que se ia passar. Tinha vários alimentos desenhados em folhas de papel recortado, e fui pedindo que cada um dos alunos retirasse um. À medida que o faziam, iam falando sobre a importância dos mesmos e eles iam colando na parede os recortes, em sítios indicados por mim. Tinha preparado previamente a parede, colando bostik, e a orientação que ia dando era no sentido de os alimentos serem colados em determinado ponto, pois, planeei fazer um corpo humano (o nabo era um rosto, os feijões eram os olhos, a abóbora era o tronco, as garrafas de leite eram braços, as alfaces eram mãos...). Depois de todos estarem colados na parede, as crianças puderam constatar que construíram, com os alimentos, um corpo de um boneco. Peguei nessa oportunidade para falar também um pouco sobre as partes constituintes do corpo, bem como sobre a sua importância.

Eu tinha levado uma cópia, não colorida, do vegetal, a fim de poder ser pintada e, depois do almoço, as crianças dormiram a sesta, foram ao recreio e em seguida, cada uma pintou o boneco que tinham construído da parte da manhã.



*Figura 1 – Boneco de alimentos*

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

Nesta faixa etária, as crianças gostam muito de ouvir histórias, sendo importante criar o gosto pela leitura. Através da leitura de histórias, o educador vai contribuir para a aquisição de vocabulário novo e preparar as crianças para uma iniciação à escrita. Embora nesta faixa etária possa parecer prematuro a preocupação com uma iniciação à escrita, com a leitura de histórias, a criança apreende a função social da escrita, permitindo uma mais “facilitada entrada no mundo da alfabetização e da sequente entrada nos domínios da leitura “ (Magalhães, 2008, p. 63). Não deixa de ser igualmente importante o facto de, através das histórias, as crianças desenvolverem, para além da aquisição de vocabulário, uma maior criatividade.

Para além disso, e como defende Magalhães (2008), no Pré-Escolar, a audição de contos, “lidos ou contados pelo Educador, pode ajudar a contruir futuros leitores de narrativas, de quaisquer narrativas (literárias ou não)” (p. 63). Ora, de acordo com Veloso e Riscado (2002,p. 27), “a Literatura Infantil instaura-se como um excelente motivo e rampa de lançamento para explorações múltiplas de hipóteses sobre essa incógnita que é o mundo dos “grandes”. Desta forma, nesta aula que dei, tentei transmitir às crianças o meu gosto em contar histórias e fazer com que elas participassem na história que estava a contar. Os meninos estavam muito entusiasmados e atentos. O uso das velas, algo a que não estão muito habituados, fez com que a aula ainda ficasse mais agradável, no meu parecer.

O facto de ter contado uma história do meu agrado e das crianças e o de ter trabalhado os legumes pondo as crianças a construírem um boneco tornaram esta aula divertida e foi um bom momento, penso, para me despedir desta turma.

## 1.5. Bibe Encarnado B (2.º Jardim-Escola)

### 1.5.1 Horário

Quadro 7 – Horário do Bibe Encarnado B

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9.00h	Acolhimento/ Canções de roda/ Higiene				
9.30h/10.00h	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática	Estimulação à Leitura	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática
10.00h/10.30h		Educação Física	Educação Musical	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
10.30h/11.00h		Recreio		Recreio	Recreio
11.00h/11.30h	Informática/ Biblioteca	Conhecimento do Mundo	Recreio	Conhecimento do Mundo	Estimulação à Leitura
11.30h/ 12.00h			Iniciação à Matemática	Educação Física	
12.00h	Almoço e Recreio				
14.30h/15.30h	Desenho Corte Colagem	Modelagem/ dobragens	Dramatização/ Fantoches	Pintura/ Desenho	Expressão Plástica
15.30h/ 16.00h	Trabalho de Grupo	Estimulação à Leitura	Desenho Livre	Modelagem/dobragens	Assembleia de Alunos
16.00h/ 16.30h	Jogos livres de desenvolvimento da Motricidade Global				
16.30h	Lanche				
17.00h	Saída				

### **1.5.2 Caraterização da turma**

A turma do Bibe Encarnado B (crianças de 4 anos) é formada por 28 crianças, nas quais 15 delas são do género feminino e 13 do género masculino.

### **1.5.3 Caraterização do espaço**

A sala da turma B do Bibe Encarnado encontra-se no salão; este espaço é dividido com a turma A do Bibe Encarnado.

O espaço correspondente à turma B tem 5 mesas com a forma hexagonal, dois armários que servem para guardar materiais, uma secretária, onde se encontra o computador da Educadora, um placard na parede (onde são expostos os trabalhos dos alunos) e ainda um móvel grande que percorre todo o salão.

Este salão serve também como refeitório, onde a maioria das crianças almoça. É um espaço com algumas janelas e todo o salão tem acesso tanto para a parte exterior do Jardim-Escola como para todo o interior do Jardim-Escola: sala do 1.º ano (Bibe Castanho), cozinha, ginásio, sala de computadores, gabinete, salas e biblioteca no 1º andar.

### **1.5.4 Relatos diários**

#### **25 de maio de 2012**

Hoje a aula foi dada pela mãe de um aluno. Depois da habitual rotina, os alunos sentaram-se nos seus lugares e a mãe do aluno iniciou a aula. Falou-lhes um pouco acerca da arte, mais propriamente sobre a pintura de quadros e, em seguida, realizou com eles uma pintura no papel, utilizando tintas e outros elementos: canela em pó, paus, colorau, areia, folhas.

Durante o resto do dia, os alunos, terminaram fichas de trabalho que tinham em atraso e brincaram.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, “a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (Ministério da Educação, 1997, p. 43).

De facto, quando pensamos a relação da escola com a família, temos de ter consciência de que “a interacção entre a Escola e a Família pode ir desde o alheamento profundo à participação mais activa. O cruzamento das actividades de confrontação e das atitudes dessas duas entidades pode ter diversas manifestações e diferentes níveis” (Reis, 2008, p. 62).

Foi muito engraçado ver o comportamento das crianças enquanto a aula decorreu com a mãe de um aluno. Notava-se nas expressões faciais das crianças um enorme entusiasmo por aquela aula estar a ser diferente do habitual e uma tentativa de agrado junto da mãe que lhes tinha ido dar a aula.

### **1 de junho de 2012**

Este dia (Dia da Criança) foi dedicado a brincadeiras livres. As Educadoras de ambas as turmas do Bibe Encarnado fizeram salame de chocolate com os alunos.

Da parte da tarde, atores do Teatro Bocage deslocaram-se ao Jardim-Escola e todos os alunos do Pré-Escolar assistiram a uma peça de teatro intitulada “A ilha do paraíso”, baseada numa obra original de Maria do Rosário Pedreira.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Uma das funções da escola é promover a cultura junto das crianças. Como tal, deverá criar oportunidades que possibilitem a todos os alunos o acesso à mesma, quer através de visitas a museus, exposições e bibliotecas, quer com idas ao teatro, vindas do teatro à escola ou outros espetáculos de âmbito cultural. Nesse sentido, de acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, «a escola estará a contribuir

decisivamente para esbater dificuldades no acesso à cultura e a contribuir para a construção de referências culturais partilhadas» (Ministério da Educação, 2009, p. 67).

A ida ao teatro(ou, neste caso, a vinda do teatro à escola) “deve começar cedo (3 anos em média), porque tem numerosas vantagens”, tais como “apreciação do teatro como experiência estética” e “partilha de uma forma de arte comunitária, das mais antigas” (Cordeiro, 2010, p. 424).Levar as crianças ao teatro é promover junto das mesmas hábitos culturais e o gosto pelo teatro.

Constatei que este Dia da Criança foi um dia especial para todos. As crianças estavam numa enorme excitação, mas mantiveram a atenção na atividade de confeccionar o salame e também enquanto assistiram à peça de teatro.

### **1.5.5 Semana de estágio de compensação**

**4 de junho de 2012**

Nesta manhã, a aula foi dada por uma estagiária. O tema era a Prevenção Rodoviária. A colega fez um circuito no chão do salão e levou uns carros e sinais de trânsito feitos em esferovite. Com este material, explicou as regras e os sinais de trânsito, e deixou que as crianças brincassem, fazendo algumas de polícias sinaleiros, outras de automobilistas e outras de peões.Dada a aula por terminada, os alunos seguiram para a aula de computadores.

Da parte da tarde, os meninos realizaram uma ficha de trabalho da vogal **u** e terminaram o dia fazendo um desenho livre com canetas de feltro.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*(Ministério da Educação, 1997):

As actividades de expressão plástica são de iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que interiormente construiu. Tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado. (p. 61)

Foi este o caso do desenho livre. Por seu turno, e ainda como se pode ler nas *Orientações*, “o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torná-la uma actividade educativa” (p. 61). Ao contrário do que se diz nesta afirmação, a Educadora não seguiu o trabalho que estava a ser feito pelas crianças, limitando-se a receber os desenhos no final. Enquanto as crianças desenhavam, corrigiu outros trabalhos dos alunos.

Em relação às crianças, estas mostraram-se muito contentes, talvez porque não seja habitual fazê-lo. Enquanto estavam a fazer o desenho, mantiveram-se em silêncio e verifiquei que também estavam concentradas na sua realização. Como todos sabemos, as crianças gostam de desenhar e esta actividade de desenho livre é sempre uma actividade lúdica e criativa. Segundo Figueiredo (2004, p. 29), “a criatividade é uma das características mais importantes da personalidade humana” e a “auto-expressão criadora significa, antes de mais nada, liberdade de pensamento”.

No final, constatei que alguns trabalhos eram bastante criativos, havendo as crianças dado largas à imaginação.

## **5 de junho de 2012**

Este foi o dia da minha manhã de aulas programadas, mas como a estagiária a que me refiri no dia anterior ainda não tinha dado a sua aula de matemática, antes de eu iniciar, ela deu a sua aula. Trabalhou com o material Cuisenaire, fazendo um itinerário (a turma teria de encontrar o caminho até à praia).

Dada a aula da estagiária, os alunos dirigiram-se para o ginásio, onde tiveram a aula de ginástica. Vindos do recreio, levei-os, de novo, para o ginásio, sentei-os em U e mostrei-lhes o álbum *Onda*, da autora Suzy Lee, que acompanhei com uma história inventada por mim. À medida que contava, fui pedindo a colaboração dos alunos na realização de sons e gestos (por exemplo, gestos da onda a ir e vir, o som das gaiotas). Em seguida, encaminhei os alunos para a sala de multiusos e, recorrendo ao uso do 3º e 4º Dons de Froebel, dei início à minha aula de iniciação à Matemática, fazendo a construção da camioneta. As crianças seguiram as instruções facilmente.

Quando regressaram do almoço e do recreio, dirigimo-nos todos novamente para o ginásio. Lá, os alunos encontraram adereços e cenário alusivos à praia que eu havia previamente preparado. Explorei o Conhecimento do Mundo, fazendo referência ao significado das bandeiras e aos cuidados a ter quando vamos à praia. Para terminar esta Área, realizei um jogo com as crianças. Havia vários elementos espalhados no chão, pertencentes ou não à praia (toalha de praia, protector solar, óculos de sol, fato de banho, galochas, cachecol) e o jogo consistia em colocar os objetos pertencentes à praia numa mochila.

Durante o resto da tarde, os alunos terminaram as fichas que estavam por completar e, em seguida, brincaram livremente.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Um dos objetivos gerais da pedagogia, referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, é “proporcionar à criança ocasiões de bem estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e colectiva” (Ministério da Educação, 1997, p. 15). As explorações que fiz, no âmbito do Conhecimento do Mundo, sobre o significado das bandeiras e sobre os cuidados a ter quando vamos à praia, inserem-se neste objectivo, pois tinha como objetivo consciencializar todo o grupo para os cuidados a ter na praia e promover toda a sua segurança.

O ambiente estabelecido naquela atividade ofereceu às crianças um acolhimento e uma partilha de conhecimentos relacionados com um tema que preocupa muitos encarregados de educação. Teve, igualmente, uma vertente de cidadania estimulando o respeito pelo ambiente.

### **6 de junho de 2012**

Neste dia, fui surpreendida pela Educadora da turma, que me pediu que lesse *Os Ovos Misteriosos*, de Luísa Ducla Soares. Mais uma vez, li a história, recorrendo a gestos e infleções de voz, e também fui solicitando a participação dos alunos ao longo da leitura.

Após a história, as crianças tiveram aula de música. Depois do recreio, uma outra estagiária deu uma aula cujo tema era: a água e os seus estados. Para introduzir o tema, a estagiária recorreu ao uso de um fantoche e explicou, oralmente, os estados da água.

A seguir ao almoço, os alunos, em vez de se dirigirem para o recreio exterior do Jardim-Escola, permaneceram sentados junto à porta principal com a Educadora do Bibe Encarnado A, e esta contou-lhes uma história que se intitula *Ferozes animais selvagens*, de Chris Wormell.

Quando regressaram ao salão, cada turma foi para o seu espaço. A Educadora do Bibe Encarnado B distribuiu uma ficha por cada aluno, que consistia em rasgar pedaços de revista e colar na vogal *u*.

## **8 de junho de 2012**

Como foi dia de roulemant, estive com a Educadora do Bibe Encarnado A. Os alunos de ambas as turmas do Bibe Encarnado trabalharam com plasticina, fizeram enfiamentos, puzzles, desenhos livres e brincaram.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

As atividades livres são de grande agrado das crianças. Com estas actividades, a Educadora promove a brincadeira de pares. Reparei o quanto as crianças apreciam brincar com a plasticina.

Com esta atividade, as crianças podem manusear, sentir texturas e recriar formas, proporcionando-se, assim, a oportunidade de desenvolver o tato. Tal como refere Cordeiro (2010, p. 372), permitir que as crianças trabalhem com plasticina “proporciona a oportunidade de desenvolver o tato (que desde bebé se vai usando menos) e também de modelar: o desenvolvimento da motricidade fina é um bom resultado do uso dos materiais manipuláveis”. Para além de ser uma atividade prazerosa, a manipulação da plasticina permite desenvolver esta competência fundamental no Jardim de Infância.

Tal como a atividade acima descrita é bastante apreciada pelas crianças, também a atividade dos enfiamentos e entrelaçamentos é igualmente apreciada pelas mesmas e aumenta nas crianças a agilidade manual. Para Borràs (2002, p. 238), “a realização de colares com contas de cores ajudam a desenvolver a destreza manual, a atenção e a paciência.” Estes “jogos educativos são importantes porque atribuem aspectos interessantes e desafios para as crianças encontrem e resolvam o que há a fazer, pela possibilidade de julgar os seus próprios êxitos, de participar de uma maneira muito activa” (p. 236).

Como este dia foi dedicado à brincadeira, as crianças desta turma encontravam-se muito contentes e divertidas.

## 1.6. Bibe Azul B (2.º Jardim-Escola, ano letivo de 2011/2012)

### 1.6.1 Horário

Quadro 8 – Horário do Bibe Azul B

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9.00h/9.30h	Acolhimento/ Canções de roda				
9.30h/10.00h	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10.00h/10.30h					
10.30h/11.00h	Recreio	Recreio	Aula de Ginástica	Recreio	Recreio
11.00h/11.30h	Informática / Biblioteca	Matemática (material)	Recreio	Conhecimento do Mundo	Recreio
11.30h/ 12.00h	Informática / Biblioteca	Matemática (escrita)	Dobragens / Fitas	Aula de Música	Conhecimento do Mundo
12.00h/ 13.00h	Almoço				
13.00h/14.30h	Recreio				
14.30h/15.00h	Matemática (material)	Conhecimento do Mundo	Matemática (material)	Desenho / Pintura	Matemática (material)
15.00h/ 15.30h	Dobragens / Fitas	Pintura / Modelagem	Histórias / Lengas-Lengas / Destrava-Línguas	Aula de Inglês (início às 15h20m)	Matemática (escrita)
15.30h/16.00h	Matemática (escrita)	Desenho de Série	Matemática (escrita)	Aula de Inglês (termina às 16h10m)	Assembleia de Grupo
16.00h/ 16.30h	Histórias / Lengas-Lengas	Dramatização	Matemática (escrita)	Desenho de Série	Pintura / Modelagem
16.30h/17.00h	Lanche/ Saída				

### **1.6.2 Caraterização da turma**

A turma B do Bibe Azul é composta por 28 crianças: 14 do género feminino e 14 do género masculino.

### **1.6.3 Caraterização do espaço**

A sala da turma B do Bibe Azul está situada na cave e pertence ao edifício anexo ao edifício principal do Jardim Escola. É composta por catorze mesas retangulares de dois lugares cada uma e por 28 cadeiras. Parte das mesas estão dispostas em frente ao quadro, em filas; a última fila, em forma de U, envolve as demais.

A sala possui cinco armários para arrumação dos materiais didáticos de matemática, de expressão plástica e de uso diário. Existe uma pequena biblioteca na sala de aula. As paredes estão decoradas com motivos geométricos e com cartazes alusivos às noções matemáticas. Também há um alfabeto, por cima do quadro, bem como um placard onde estão expostos os trabalhos das crianças sobre a Área de Conhecimento do Mundo e um outro decorado com as indicações dos aniversários das crianças e com o horário semanal.

Na sala existe uma secretária e uma cadeira para a Educadora e ainda uma mesa com um computador. Há também um espaço onde as crianças se podem sentar no chão, para brincar livremente ou para a Educadora lecionar as suas atividades dispondo as crianças de outra forma, que não sentados nas cadeiras em frente às respectivas mesas.

### **1.6.4 Relatos diários**

**15 de junho de 2012**

Os alunos iniciaram o dia com a ida a mais uma lição de *Cartilha Maternal*; posteriormente, realizaram trabalhos no caderno de escrita.

Em seguida, a Educadora deu uma aula de iniciação à Matemática, recorrendo ao material matemático Cuisenaire.

A Educadora começou por perguntar a alguns alunos o valor das peças e qual a importância da peça branca. Depois de ouvir as respostas, solicitou às crianças que construíssem a escada por ordem crescente e decrescente. Feitas as escadas, pediu a uma criança que lesse em voz alta a escada de ordem crescente e a outra criança que lesse por ordem decrescente. A outros quatro meninos, pediu que lessem só as peças de valor ímpar, bem como só as peças de valor par. Criou uma pequena história, onde aplicou situações problemáticas e onde envolveu a soma e a subtração. Oralmente ia dizendo uma quantidade e os alunos tinham de ir à caixa procurar a peça correspondente a essa quantidade e por fim, realizou o jogo dos comboios.

Antes do almoço, as crianças tiveram ainda aula de música.

Após o almoço e recreio, assisti a uma aula de inglês. O dia terminou com a Assembleia de Turma, que consiste numa avaliação do comportamento semanal dos alunos, onde, por norma, são entregues corações com a cor correspondente ao seu comportamento durante a semana (azul – se trabalharam e o comportamento dentro e fora da sala foi muito bom; verde – se o comportamento e o trabalho foram bons; amarelo – se não se portaram bem).

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

O belga Emilie Georges Cuisenaire(1891-1976), professor primário, foi quem criou este material manipulável. Enquanto professor, observou que os seus alunos tinham muitas dificuldades a aritmética e decidiu construir um material que os ajudasse. Este material foi divulgado internacionalmente por Caleb Cattegno, um professor espanhol, tentando assim, dar resposta à necessidade de ensinar matemática de uma forma lúdica (Caldeira, 2009, p. 125).

O Cuisenaire é um material estruturado, formado, normalmente, por 241 barras ou peças coloridas. Caldeira (2009) caracteriza este material, referindo que “as peças são geralmente de madeira (presentemente há imitações de plástico), que vão desde 1cm a 10cm. A peça branca é a peça padrão e serve de medida a todas as outras peças. A peça branca vale uma unidade” e tem de aresta quadrada 1cm<sup>2</sup> de área (p.128). Para além do desenvolvimento do raciocínio lógico, o Cuisenaire é de fácil manipulação e contém diversas cores, contribuindo para estimular a criatividade e experimentação por parte das crianças. O interesse pedagógico deste material insere-se na: experimentação à

matemática; compreensão da noção de número; noção de par e ímpar; sequências; relações de grandeza, entre outros.

Nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, frisa-se que existem “materiais utilizados na educação pré-escolar que permitem desenvolver noções matemáticas, uns mais relacionados com a concretização de quantidades e de operações, como por exemplo, o material Cuisenaire” (Ministério da Educação, 1997, p. 76).

Quando a Educadora solicitou a leitura – tanto a leitura por cores como por valores – das escadas, todos os alunos fizeram silêncio e escutaram e acompanharam o colega que estava ler em voz alta. Segundo Serrazina (2008), algumas crianças encaram este tipo de leitura como “um autêntico desafio e vão criando sequências próprias até conhecerem a correta. Os termos utilizados na contagem oral são aprendidos pelas crianças em interação com outras crianças e com os adultos”(p. 13). A contagem das peças feita em voz alta, sempre acompanhada pelo dedo indicador, permite que a criança esteja atenta e siga a sua leitura sem se atrapalhar.

Segundo Moreira e Oliveira (2003, citadas por Caldeira, 2009, p. 67), “as experiências de contagem desempenham um papel fundamental na aquisição de conceito de número. A enumeração, em voz alta dos objectos, aplica a sequência numérica verbal e permite à criança adquirir controle sobre os objectos contados”. O jogo dos comboios, que tive oportunidade de ver, consiste em solicitar às crianças que coloquem, nas respetivas mesas, uma determinada peça na horizontal. A essa peça dá-se o nome de estação. De seguida, lança-se o desafio: terão de encontrar peças que, em conjunto, tenham o mesmo tamanho do que a peça representativa da estação. À conjugação de peças dá-se o nome de carruagens. O número de carruagens poderá, caso o educador o pretenda, ser limitado. O jogo termina, “fechando a estação”, ou seja, colocando por cima das carruagens uma peça igual à que representa a estação. Caldeira (2009, p. 137) considera de extrema importância que as crianças sejam estimuladas a fazer comboios com várias carruagens “consoante as capacidades e destrezas que se pretende desenvolver” e foi a Educadora procedeu a essa estimulação. As crianças, por sua vez, realizaram o jogo sem grande dificuldade e com alguma destreza.

**22 de junho de 2012**

Neste dia não estive com a Educadora titular da turma B, onde eu estava a estagiar. Ajudei a Educadora que estava a substituir a Educadora titular da turma, bem como a Educadora da turma A do Bibe Azul, nos preparativos e presentes para festa de final do ano letivo.

## 1.7. Bibe Azul B (2.º Jardim-Escola, ano letivo 2012/2013)

### 1.7.1 Horário

Quadro 9 – Horário do Bibe Azul B

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9.00h/9.30h	Acolhimento/ Canções de roda e Higiene				
9.30h/10.00h	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita /	Educação Física	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10.00h/10.30h			Cartilha / Escrita		Inglês 10h00 – 10h50
10.30h/11.00h	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	
11.00h/11.30h	Matemática - material	Conhecimento do Mundo	Recreio	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo
11.30h/12.00h		Lengas / Destrava-Línguas	Dobragens / Fitas	Aula de Música	Destrava-Línguas
12.00h	Almoço e Recreio				
14.30h/15.00h	Desenho de série	Matemática - material	Conhecimento do mundo	Conhecimento do mundo	Matemática (material)
15.00h/15.30h	Desenho/ Pintura	Matemática - escrita	Desenho e recorte	Modelagem	Matemática (escrita)
15.30h/16.00h		Desenho livre	Matemática - material	Expressão Plástica 15h30 – 16h20	
16.00h/16.30h	Dramatização	Desenho de Série	Matemática (escrita)		
16.30h	Lanche				
17.00h	Saída				

### **1.7.2 Caracterização da turma**

Este grupodo Bibe Azul é constituído por ter 12 meninas e 18 meninos.

### **1.7.3 Caracterização do espaço**

A caracterização do espaço já foi realizada no ponto 1.6.3.

### **1.7.4 Relatos diários**

#### **17 de setembro de 2012**

Este dia teve início com a ida de alguns alunos à *Cartilha Maternal*, enquanto outros trabalhavam, no lugar, nos cadernos de escrita, praticando a vogal *i* e a vogal *u*.

Ainda durante a manhã, a Educadora explicou as partes constituintes do corpo, bem como o nome de alguns ossos e órgãos, trazendo para a sala de aula um esqueleto, para uma melhor compreensão da matéria que explicava aos alunos.

À tarde, trabalhou com o 3º e 4º Dons de Froebel. Começou por perguntar às crianças quais as regras de abertura e utilização do material, bem como a quantidade e formato de peças existentes dentro de cada caixa. Após estas questões, os alunos, com a ajuda da Educadora, construíram a mobília da sala. A Educadora envolveu-os numa história e foi fazendo perguntas de cálculo mental. No final, lembrou as regras de arrumação do material e pediu a dois alunos para recolherem o material devidamente arrumado e colocarem no armário correspondente.

Antes de irem lanchar, os alunos realizaram uma ficha de trabalho sobre o Corpo Humano.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

De acordo com Ruivo (2009), apesar de as lições de *Cartilha Maternal* serem realizadas em pequenos grupos, de três ou quatro elementos, estes nunca devem responder em coro. Assim, “cada um fala na sua vez, mas estão todos empenhados na mesma tarefa” (p. 145). Reforça ainda esta autora que “as crianças são sempre

questionadas individualmente, respeitando-se o seu ritmo e capacidade de resposta” (p.133).

Segundo Lopes (2006, p. 66), o acto de ler deverá “ser entendido não só como uma forma de dominar a técnica da leitura mas principalmente como um apelo ao interesse pelo saber e pela capacidade de aceder à informação”, permitindo assim o acesso para a aprendizagem da escrita. A aprendizagem da leitura através da *Cartilha*, feita de uma forma sistemática e segura, é um passo fundamental para o domínio desta atividade de ler e para os benefícios indiscutíveis que a leitura traz.

**18 de setembro de 2012**

Alguns alunos dirigiram-se para a *Cartilha Maternal* e outros trabalharam nos cadernos de escrita.

Em seguida, realizaram duas fichas: uma de Matemática e outra de Conhecimento do Mundo.

Durante a tarde, os alunos trabalharam com um outro material Matemático – os Calculadores Multibásicos, e jogaram ao jogo das torres. Terminaram o dia pintando um desenho com canetas de feltro.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

As atividades de Expressão Plástica, que complementam as atividades desenvolvidas em sala de aula, permitem práticas pedagógicas criativas, inventivas e inovadoras. Tal como afirma Vasconcelos (2008), estas actividades,

(...) pela sua enorme variedade, pelo seu carácter experimental e pela sua possível associação a todas as outras formas de expressão, assumem um carácter transversal a toda a aprendizagem e potenciam o desenvolvimento das diversas competências previstas para o ensino pré-escolar, o que as transforma em elementos fundamentais no desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da destreza manual nas crianças. (p. 67)

O uso de diversas técnicas e a manipulação de vários materiais, como seja o usado nesta aula (canetas de feltro), contribuem para o desenvolvimento integral da criança. De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, “a

expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (Ministério da Educação, 1997, p. 61).

## **19 de setembro de 2012**

Hoje foi dia de Ginástica. Quando regressaram, os alunos realizaram uma ficha sobre a vogal *i*. Passado algum tempo, foram para a aula de computadores e para a biblioteca. Eu fiquei na sala de aula, a ajudar alguns alunos que estavam com dificuldades na execução da ficha acima referida.

Da parte da tarde, as crianças realizaram uma outra ficha de trabalho, desta vez, sobre o *I* (i maiúsculo). Terminada a ficha de trabalho, a Educadora deu uma aula de Cuisenaire, lembrando apenas os valores das peças e pedindo às crianças a construção da escada por ordem crescente e decrescente.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

As fichas são como um meio de avaliação dos alunos, de modo a melhorarem a sua prática. Ao aplicar este instrumento, o educador toma consciência da evolução do trabalho que está a realizar com as crianças. Tal como refere Bartolomeis (1999), a utilização de fichas ajuda “o professor a reconhecer e tratar fenómenos de importância fundamental que escapam à forma tradicional de colocar o problema” (p.22). As fichas desempenham ainda outra função importante. Assim, segundo o mesmo autor, as fichas podem ajudar o professor a “analisar situações, a estabelecer relações, a reflectir sobre consequências, de modo a reforçar os seus poderes críticos e a obter alguns elementos para melhorar a qualidade das suas intervenções” (p.23).

A utilização de fichas durante o meu período de estágio nesta turma era uma prática recorrente. As crianças, no tempo que tive para observar, encaravam as fichas de forma natural e não como uma obrigatoriedade, até porque a Educadora da turma deixava sempre as crianças pintarem os desenhos que estavam nas fichas e, de forma também a incentivá-los a elaborarem as fichas de trabalho da melhor forma possível,

colocava sempre, ao corrigir a ficha, um carimbo especial. Digo especial, pois ou tinha um coração inteiro ou um coração despedaçado, uma cara contente ou uma cara triste, um coração encarnado ou um coração azul. Desta forma, era notória a aplicação das crianças na realização das fichas, de forma a que, no fim, lhes fosse colocado um carimbo positivo, como forma de incentivo ao seu bom empenho.

## **20 de setembro de 2012**

Da parte da manhã, a Educadora lembrou, oralmente, os ossos do corpo humano. Dada a explicação, as crianças acabaram fichas que tinham incompletas. Em vez de ser a Educadora a distribuir as fichas, desta vez, esta optou por pedir a ajuda de dois alunos para o fazerem; como os dois alunos não sabiam ler, a Educadora foi dizendo de quem eram as fichas e eles iam-nas distribuindo.

À tarde, visualizaram um vídeo, no salão, juntamente com os outros Bibes do Pré-Escolar. O vídeo tinha sido feito por os alunos do ano anterior, com o apoio do Professor de cinema.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

O incentivo para o término de trabalhos, bem como a ajuda na distribuição das fichas incompletas deve partir do educador, para que a criança se torne autónoma e responsável pelos seus pertences, bem como para que se sinta útil na ajuda das tarefas. Contribui-se, assim, para que estas crianças desenvolvam a sua autonomia e se tornem cidadãos ativos.

Morgado (2004) defende que “o aluno deve ser um sujeito activo e protagonista do seu processo de desenvolvimento e formação” (p. 65). O mesmo autor refere ainda que o educador deve “promover a participação dos alunos em todas as tarefas” e “promover a máxima autonomia do aluno na utilização dos conhecimentos adquiridos” (p. 67). A conclusão de trabalhos, bem como serem nomeados para ajudar o Educador em algumas tarefas, como vi suceder hoje, é uma das estratégias para a concretização destas competências.

**21 de setembro de 2012**

Da parte da manhã, as crianças realizaram uma ficha sobre a vogal *u* e em seguida tiveram aula de Inglês.

Ao fim da manhã, fui assistir a uma defesa de tese de mestrado, que ocorreu no Museu da Escola Superior João de Deus.

Neste dia, tinha pedido à Educadora para dar uma aula, o que foi aceite por ela. Levei para a sala de aula um esqueleto e órgãos do corpo humano, todos em plástico, e tive oportunidade de os mostrar às crianças, durante a tarde. Ao mesmo tempo que ia mostrando os ossos e os órgãos, fui explicando os seus nomes e a importância que cada um tem. No final, deixei-os mexer livremente no esqueleto e nos órgãos.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

A abordagem ao tema do corpo humano, no âmbito da Área de Conhecimento do Mundo, é de extrema importância, na medida em que é essencial para a criança ir, ao seu ritmo e dependendo da idade, compreendendo como funciona o seu corpo. À medida que os anos vão passando, os alunos irão tomando consciência de cuidados a ter consigo próprios, realçando-se, assim, o que é dito nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escola* (Ministério da Educação, 1997):

(...) a educação para a saúde e higiene fazem parte do dia a dia do Jardim de Infância, onde a criança terá oportunidade de cuidar da sua higiene e saúde e de compreender as razões porque lava as mãos antes de comer, (...) porque deve comer a horas certas e porque não deve abusar de determinados alimentos. Estas questões podem levar ao aprofundamento de determinados conhecimentos sobre o funcionamento de certos órgãos do corpo, as características que distinguem os alimentos, etc.(p. 84)

Nesta aula abordei um tema interessante (o corpo humano) mas com conteúdos complexos. Embora saiba que este tema não pode ser abordado numa só aula, em tão curto período de tempo, optei por o fazer, apenas com o intuito de, na sequência do trabalho anterior já feito pela Educadora (nos dias 17 e 20 de setembro), todas as crianças poderem mexer nos materiais que lhes levei. A reação das crianças foi de entusiasmo, observando os ossos e órgãos que eu lhes mostrava, e acabaram por estar sempre atentas às explicações dadas por mim.

**24 de setembro de 2012**

Dei a minha manhã de aula programada, cujo tema era a diferenças físicas entre as meninas e os meninos. Levei para a sala de aula dois desenhos de dois bonecos nus (masculino e feminino). Expliquei-lhes as diferenças físicas entre os meninos e as meninas, abordando as atitudes que as meninas têm, nomeadamente na forma de brincar, na escolha de brinquedos, atitudes e escolhas diferentes dos meninos. De seguida, as crianças realizaram uma ficha que eu lhes entreguei, sobre a diferença entre o “menino” e a “menina”<sup>6</sup>.

De forma a trabalhar a Área da Expressão e Comunicação, no Domínio de linguagem oral e abordagem à escrita, coloquei no quadro a palavra “menino” e “menina”, escritas com letras móveis, e fui chamando alguns alunos ao quadro para que me identificassem as vogais existentes naquelas palavras. À medida que as identificavam, retiravam-nas da palavra e, do outro lado do quadro, com as vogais encontradas, construiriam um ou mais ditongos. Para consolidar a matéria, distribuí uma ficha de trabalho<sup>7</sup>.

Depois do intervalo, continuei a dar aula, desta vez, no domínio da Matemática, utilizando os Blocos Lógicos. Com este material, tentei explorar os seguintes conteúdos matemáticos: o tamanho das peças existentes, tal como as suas formas, cores e as diferentes espessuras.

Durante a tarde, as crianças fizeram duas fichas dadas pela Educadora: uma sobre *I* (i maiúsculo) e o *U* (u maiúsculo) e trabalharam também nos cadernos de escrita.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

A iniciação à leitura deve ser feita de várias formas, se possível sedutoras. O uso de letras móveis permite brincar com as letras, tomando assim contacto com elas e, conseqüentemente, adquirindo consciência delas. Como explica Ruivo (2009, p. 139) “as letras têm um papel dinâmico dentro das palavras”, pelo que, sem um contacto

---

<sup>6</sup> Esta ficha encontra-se no Capítulo 3 – Avaliações, visto que foi usada como dispositivo de avaliação na Área de Conhecimento do Mundo.

<sup>7</sup> Esta ficha encontra-se igualmente no Capítulo 3 – Avaliações, já que foi usada como dispositivo de avaliação na Área da Expressão e Comunicação, no Domínio de linguagem oral e abordagem à escrita.

intenso com as letras, as crianças terão dificuldade em aprender regras de leitura e de escrita. Esta autora clarifica que ler é também “entrar num jogo de regras e mnemónicas especiais que permitem encarar a descodificação como uma actividade lúdica de descoberta, raciocínio lógico e construção do pensamento”. Deste modo, todos os exercícios que ponham as crianças em contacto com letras vão permitir um futuro reconhecimento destas e uma melhor preparação para a aquisição da leitura e da escrita.

Pareceu-me que usar as palavras “menino” e “menina” (já usadas na aula da Área de Conhecimento do Mundo) e sugerir que as crianças fizessem, com as vogais, ditongos seria uma aula interessante, nestas idades, de abordagem à escrita.

## **25 de setembro de 2012**

Os alunos iniciaram o dia, indo à lição de *Cartilha Maternal*. Depois, a Educadora fez operações de soma (algoritmo da adição) com as crianças. Cada uma tinha uma placa magnética bem como um *tuperware* com algarismos móveis. Estas operações tinham por detrás uma história, inventada pela Educadora, ou seja, os alunos foram solicitados a realizar o algoritmo da adição com base nessa história.

Ainda durante a manhã, os alunos terminaram algumas fichas de várias matérias, que tinham ficado inacabadas.

À tarde, a Educadora mostrou um poster gigante sobre o Corpo Humano, levado por uma aluna, e relembrou as partes constituintes do corpo humano, recorrendo a esse mesmo poster.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

O algoritmo da adição tem determinados pressupostos. Para Ruas e Grosso (2002), “o algoritmo da adição obedece às seguintes regras:

- os números a adicionar colocam-se por cima uns dos outros, de modo que fiquem na mesma coluna os algarismos das mesmas ordens.
- faz-se um traço na horizontal de forma a separar as parcelas do resultado (soma) e coloca-se o sinal da operação (+) sobre esse traço, à esquerda da última parcela.

- a adição é feita ordem a ordem, começando na menor ordem e os resultados vão-se colocando abaixo do traço.

- sempre que a soma dos valores dos algarismos correspondentes à mesma ordem for superior a nove, escreve-se apenas o algarismo das unidades, acrescentando as dezenas à coluna imediata, ou seja *transportando-o* para a ordem seguinte. (p.76)

Quanto à escolha de materiais para a aplicação de conhecimentos na sala de aula, é referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* que “o educador atenderá a critérios tais como variedade, funcionalidade, durabilidade, segurança e valor estético” (Ministério da Educação, 1997, p .38).

Na atividade proposta no domínio da Matemática, a Educadora explicou aos seus alunos estes procedimentos e eles tiveram a possibilidade de ir acompanhando as explicações utilizando algarismos móveis.

Caldeira (2009) refere que “as primeiras experiências de contagem devem ser associadas a objectos concretos, de forma a desenvolverem gradualmente o sentido do número” (p. 331). Ainda de acordo com a mesma autora, “... à medida que a criança vai conseguindo estabelecer relações e comparações entre quantidades e números, vai raciocinando sobre essas relações, explorando diferentes representações de um mesmo número” (p. 332). Assim sendo, os algarismos móveis são uma das diversas formas de representação do número e a sua utilização vem reforçar a interiorização da noção de número e quantidade.

## **26 de setembro de 2012**

Às 10h15m teve início a minha aula programada. Esta aula teve a presença da Educadora da turma, bem como de uma das Supervisoras da Prática Pedagógica.

Na Área de Conhecimento do Mundo dei o tema dos cinco sentidos (que apresentarei desenvolvidamente no capítulo 2, Planificações). De forma a passar para a Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, cantei com as crianças uma lenga-lenga, e, à medida que cantava, os alunos dirigiam-se para as suas mesas.

Já sentados nas mesas, encontraram uma placa magnética (que eu havia previamente colocado), tendo cada uma delas uma das seguintes palavras: paladar,

audição, visão, tato e audição. Encontraram também um copo com letras móveis. Com as placas e com as letras móveis, tentei apelar ao reconhecimento de vogais e, posteriormente, à realização de ditongos com as vogais identificadas. Dada por terminada esta área, pedi aos alunos que guardassem as placas por baixo das suas mesas e cantei uma outra lenga-lenga, de forma a passar para uma última área (Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática).

Neste último domínio, realizei com os alunos a construção da mobília da sala, usando o material matemático 3º e 4º Dons de Froebel. Conteí uma pequena história e tentei, com isso, apelar ao cálculo mental. Para que todos conseguissem atingir o objetivo pretendido, distribuí meia dezena de “bolachinhas”, feitas em papel, para o caso de algum aluno não conseguir fazer os cálculos oralmente.

No final, nós, estagiárias, dirigimo-nos para a biblioteca do Jardim-Escola e tivemos uma reunião com as Supervisoras da Prática Pedagógica e com as Educadoras titulares, onde fizemos uma breve reflexão sobre como tinham corrido as aulas.

Depois do almoço, as crianças realizaram uma ficha sobre o algarismo *1*.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Nesta reunião de Estágio Profissional, foram discutidas diversas estratégias a aplicar durante as aulas, bem como uma reflexão sobre a minha aula e a das colegas que também haviam dado aula.

O cariz destas reuniões tem sobretudo a ver com a formação das estagiárias enquanto futuros profissionais da educação. Neste sentido, o Supervisor tem um papel preponderante durante o percurso de formação de um professor; segundo Jacinto (2003), desempenha o papel de:

(...) conselheiro, de facilitador do autodesenvolvimento do estagiário, criando para tal um ambiente caloroso em que o professor em formação se sinta seguro para se expor, expressar livremente as suas dificuldades, motivações pessoais, potencialidades e competências, num sentimento de bem-estar para consigo próprio e por conseguinte para com os alunos. (p. 61)

Jacinto (2003, p. 63) afirma também que “a intervenção do orientador necessita de ser consistente, continuada e diversificada, de forma a perspectivar as acções do

estagiário em termos de passado, presente e futuro, conducentes a uma interpretação integrada e não isolada das suas experiências pedagógicas”, de modo a auxiliar o estagiário a evoluir na sua aprendizagem e assim melhorar características como: a postura; as estratégias que utiliza; a comunicação oral e a relação com os alunos.

Como aspetos positivos foram-me apontados que tive sempre os alunos comigo, apelei à participação dos mesmos, tive a preocupação de verificar se os alunos estavam a fazer a construção direito, fui clara nas minhas explicações. Quanto a aspetos a melhorar, a Supervisora que assistiu à minha aula e a Educadora da turma B apontaram os seguintes: em relação à aula de Estimulação para a Leitura, já que tinha as palavras escritas em papel, podia ter pedido às crianças para circundar as vogais e, depois sim, ir ao copo das letras e retirar as letras ou letra correspondente(s); podia ter dificultado mais o exercício, pedindo às crianças que, por exemplo, construíssem uma palavra com aquele ditongo. Em relação à matemática, a opinião foi a de que também podia ter dificultado mais um pouco os exercícios, pois, embora diversificados, não eram muito difíceis. Concordo com todas estas críticas que me foram feitas.

## **27 de setembro de 2012**

O dia teve início com a ida dos grupos à lição de *Cartilha Maternal*. Enquanto um grupo se encontrava na *Cartilha*, os outros meninos terminavam a ficha do algarismo *1*, que tinham iniciado no dia anterior. Dada a lição e dada por concluída a ficha do algarismo *1*, os alunos realizaram uma outra ficha de trabalho, esta agora sobre o algarismo *2*. Antes de terminar a manhã, os alunos que estavam mais avançados treinaram nos seus cadernos de escrita.

Durante a tarde, fui surpreendida pela Educadora da turma, quando esta me pediu para ir buscar os Calculadores Multibásicos e dar uma aula com esse material. Distribuí uma caixa por cada aluno, relembrei o nome do material, as cores das peças bem como o local onde estas peças são colocadas. Em seguida, joguei ao jogo das torres.

Depois da minha aula, os alunos continuaram a preencher as fichas que estavam por terminar.

**28 de setembro de 2012**

Antes de terem aula de Inglês, uma das Supervisoras da Prática Pedagógica pediu-me que desse uma aula surpresa, com um dos materiais matemáticos. Perguntou aos meninos que materiais gostariam de ver trabalhados por mim e eles escolheram os Blocos Lógicos. Solicitou-me, então que, com esse material, eu explorasse as características do mesmo, bem como sequências e diferenças existentes entre as peças. Procedi de acordo com este pedido. No entanto, a meio da aula, tive de pedir à Professora Supervisora que me lembrasse o que me tinha pedido.

Depois da aula concluída, seguiu-se a reunião, novamente na biblioteca do Jardim-Escola, onde, mais uma vez, foram referidos, tanto da minha parte como da Educadora titular e da Supervisora, os aspetos positivos e os aspetos a melhorar.

Enquanto estava nesta reunião, os alunos tiveram a aula de Inglês bem como aula de música. À tarde, fizeram grafismos em série e, enquanto realizavam esse trabalho, eu, a pedido da Educadora, ia chamando dois alunos e apurando o seguinte: noção de quantidade, colocação de algarismos por ordem crescente e decrescente e identificação de algarismos, recorrendo ao preenchimento de uma tabela. Enquanto isso, pude ir observando o quanto as crianças estavam concentradas e atentas na execução daquela proposta de trabalho.

Já no fim do dia, foi realizada a Assembleia de turma, onde, como já relatado, é apurado o comportamento semanal dos alunos.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

A utilização de grafismos em série é uma das metodologias possíveis para o treino das orientações espaciais dos alunos. Trata-se ainda de um exercício importante para o desenvolvimento da motricidade fina. De acordo com Sousa (1995, p. 74), através destes grafismos em série “assistimos ao desenvolvimento de uma operação intelectual que possibilita o aparecimento de «imagens de síntese» ou símbolos”.

Tal como refere Pacheco (1999, p. 169), os ritmos de aprendizagem assentam no seguinte pressuposto: “os alunos mais lentos necessitam de mais tempo para aprender e os mais rápidos de menos”. Durante a realização da proposta de trabalho, as crianças

realizaram-na consoante o seu ritmo de aprendizagem. A Educadora, por sua vez, respeitou o ritmo individual de cada um, dando sempre tempo e passando pelos lugares, para verificar se alguém tinha dúvida ou se estavam a realizar o grafismo de forma correta.

## **1.8. Jardim de Infância da rede pública**

Entre o dia 27 de fevereiro de 2012 e o dia 2 de março de 2012, realizei a semana intensiva de contacto com a realidade educativa. Optei por a fazer num Jardim de Infância da rede pública, situado em Moscavide.

O grupo era heterogéneo (crianças de 3, 4 e 5 anos de idade) e constituído por 26 crianças: 7 meninas e 19 meninos.

A sala destinada aos alunos do pré-escolar deste Jardim de Infância encontra-se dividida em três espaços distintos: uma zona de trabalho com mesas e cadeiras para todas as crianças; uma zona reservada aos “cantinhos” (cantinho da casa, do médico, dos carrinhos e da construção); uma zona onde se encontra o tapete onde as crianças se podem sentar. A sala dispõe ainda de um pátio interior onde, por vezes, realizam jogos e cantam canções em conjunto.

As rotinas existentes neste estabelecimento eram as seguintes: o acolhimento, a marcação de presenças, a higiene, o recreio, o almoço e lanche. O acolhimento, sempre feito no tapete, consistia numa breve conversa com os alunos, ora sobre o dia da semana em que estavam, ora sobre o tempo; eram ainda cantadas canções. A marcação de presenças era feita de seguida, ainda antes de se iniciar qualquer matéria. Da parte da manhã, havia sempre um breve intervalo, durante o qual, após a higiene, as crianças bebiam leite, fornecido pela escola; dependendo das condições atmosféricas, ainda havia tempo para brincarem livremente no recreio. Antes do almoço, que acontecia pelas 12h, havia novo momento de higiene e recreio. A entrada para a sala de aula era feita às 14h. Por volta das 15h30, era dado o lanche e, a partir dessa hora, os alunos ficavam com os monitores até se dar o regresso a casa.

Passo a relatar estes dias de estágio, fazendo apenas breves inferências no final desses relatos.

## **27 de fevereiro de 2012**

Durante o acolhimento, sentadas no tapete da sala, as crianças cantaram algumas canções. Após este momento, a Educadora conversou com os alunos sobre as atividades que estes desenvolveram durante o fim-de-semana. Depois, fizeram um desenho com base neste tema. As crianças fizeram a pausa da manhã para beberem leite e irem ao intervalo. Depois da higiene, cantou-se mais algumas canções. Seguiu-se o almoço e o intervalo.

Da parte da tarde, a Educadora sentou os alunos no tapete e leu-lhes o livro *Para que serve o zero?* Depois, fomos com as crianças conhecer a escola e cantámos no recreio. Entre as 14h00 e as 14h45 os alunos brincaram nas diversas áreas que se encontram na sala. Jogaram ao jogo da garrafa (o menino para quem, depois de girada, a garrafa apontasse, deveria fazer algo que lhe fosse pedido pela Educadora). A Educadora solicitou sempre que as crianças realizassem determinadas atividades com vista à sua desinibição (por exemplo, saltar ao pé coxinho, ir dar um abraço a outro menino, cantar uma canção, dizer uma lengalenga). Por fim, lancharam e prepararam-se para sair.

## **28 de fevereiro de 2012**

O dia teve início com a habitual conversa no tapete sobre o tempo e os dias da semana, e cantaram-se canções.

A Educadora criou uma personagem – o Palhaço Batatinha – que todos os dias envia uma carta para a turma, contando as suas aventuras e dando o mote para os temas a abordar naquele dia. Na carta deste dia, o Palhaço Batatinha pedia a minha ajuda e a da minha colega de estágio para compreender algumas noções como: cor, estruturação espacial, lateralização e contagem. Neste sentido, a minha colega de estágio trabalhou com os alunos as noções mencionadas, recorrendo a 6 vasos com flores de cores diferentes coladas em cada um. Para além dos vasos, levou ainda flores das mesmas cores dos vasos, feitas com palhinhas e cartolinas coloridas. Os alunos tiveram de colocar determinado número de flores nos locais por ela indicados, tendo em conta as

suas cores. Para consolidar a aprendizagem, as crianças realizaram uma proposta de trabalho onde tinham de desenhar determinado número de flores, de acordo com as indicações dadas.

Ainda durante a manhã, as crianças fizeram um desenho para oferecer a uma menina da turma que fazia anos. Após o intervalo, os alunos almoçaram e estiveram no recreio.

Da parte da tarde, a Educadora leu o livro intitulado *Os opostos* e fez perguntas dirigidas, a algumas as crianças, sobre o oposto de determinada palavra. Utilizou uma caixa com títulos de canções, que foram tirados à sorte pelos alunos, e todos cantaram a respectiva música ao som de uma pandeireta. Alguns alunos terminaram o desenho para oferecer à aniversariante e, após a chegada dos seus pais, cantou-se os parabéns.

## **29 de fevereiro de 2012**

Após o acolhimento, com as habituais canções e com a conversa sobre o tempo e os dias da semana, as crianças marcaram a sua presença no calendário do mês. A Educadora leu a carta escrita pelo Palhaço Batatinha. Desta vez, o Palhaço pedia ajuda para compreender o porquê de, quando ele pintava com lápis branco numa folha da mesma cor, não conseguir ver qualquer alteração. De seguida, a Educadora fez a experiência, escrevendo com um lápis branco numa folha branca e, posteriormente, numa cartolina preta, mostrando às crianças a diferença. Ainda da parte da manhã, os alunos fizeram um desenho livre numa cartolina preta, com giz branco molhado em leite.

Depois do intervalo e de terem bebido o leite, as crianças fizeram uma roda, cantando canções e brincando com a bola saltitona.

Após o almoço e o intervalo, a Educadora leu aos alunos o livro *Provérbios Ilustrados*, de Luísa Ducla Soares. Partindo de alguns provérbios, como “Quem tem medo compra um cão”, “Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar” e “Quem brinca com o fogo queima-se”, questionou os alunos sobre o seu significado.

Durante a tarde, jogaram ainda ao jogo do Sr. Smith, que consistia numa sequência de 4 imagens que, colocadas por uma determinada ordem, formam uma

história. Antes do dia terminar, a minha colega de estágio mostrou à turma as propostas que tinham realizado no dia anterior, com a respetiva avaliação.

## **1 de março de 2012**

O dia teve início com o acolhimento e com a leitura de uma nova carta do Palhaço Batatinha que, neste dia, solicitou a nossa ajuda para explicarmos a diferença entre alguns dos principais legumes. Para abordar o tema, eu usei uma pequena horta em esferovite onde se encontravam inúmeros legumes de diferentes tamanhos. Os alunos tiveram de retirá-los da horta e de os colocar nos respetivos cestos, mediante as indicações dadas. Depois de beberem o leite e do intervalo, a turma almoçou e esteve no recreio.

Da parte da tarde, li às crianças uma história de António Torrado, intitulada *Devagar ou a correr*. Depois da história, entreguei uma ficha de forma a consolidar a matéria dada da parte da manhã. A ficha consistia em pintar os legumes com as suas respetivas cores. A turma esteve no recreio a jogar e a cantar. Por fim, jogaram ao telefone estragado e lancharam.

## **2 de março de 2012**

Após o acolhimento, a Educadora leu a carta escrita pelo Palhaço Batatinha, que deixou antever a realização de um teatro de fantoches. Eu e a minha colega apresentámos à turma uma história do “João e o Pé de Feijão”, recorrendo a fantoches e ao fantocheiro da sala. Ainda no período da manhã, os alunos realizaram uma experiência com feijão (puseram, em copos, um feijão, algodão e água, a fim de crescer um pequeno feijoeiro). Após beberem o leite e irem ao intervalo, foram almoçar e estiveram no recreio.

Durante a tarde, a minha colega leu o livro *Tanto, Tanto!*, de TrishCooke. A Educadora escreveu numa folha o título do livro e lançou questões como: “O que está aqui escrito?”, “Quantas vogais encontras nesta palavra?” e “Quantas consoantes encontras nesta palavra?”.

Depois de brincarem nos diferentes “cantinhos”, as crianças ofereceram-nos um ramo de flores com desenhos feitos por elas, visto que este era o último dia do nosso estágio nesta instituição. Também nós lhes deixámos uma lembrança na sala – uma frase da autoria de Luísa Dacosta, “No sonho, a liberdade...”.

### **Fundamentação teórica/ Inferências**

Esta experiência fora dos jardins-escola João de Deus permitiu-me comparar realidades educativas e retirar algumas conclusões.

As diferenças mais notórias prendem-se com o facto de, no ensino público, haver turmas heterogéneas, bem como as crianças terem menos horas de aprendizagem. Neste grupo em particular, verifiquei que, no tempo diário, havia, proporcionalmente, muito mais tempo de brincadeira. Um outro aspeto que me parece bastante relevante nesta escola, ou melhor, com esta Educadora, tem a ver com a conversa que é tida todos os dias entre a Educadora e os alunos e a criação da personagem que interliga todas as atividades.

No que respeita à heterogeneidade, verifiquei que as crianças mais velhas ajudam as mais novas, existe uma grande partilha entre as idades. Mas também tenho a consciência que pode ser uma desvantagem, pois verifiquei que a Educadora era obrigada a diversificar mais o seu modo de ensino, de modo a que todas estas crianças conseguissem acompanhar, atingindo o objetivoprentendido.

Em relação à minha prática, foi importante para mim usar os fantoches (no dia 2 de março), pois nunca tinha contado histórias usando este material. O uso dos mesmos, tal como referem Pereira e Lopes (2007, pp. 42-43), estabelecem “um importante instrumento de aplicação pedagógica em torno de aprendizagens fundamentais aliadas ao desenvolvimento de capacidades: coordenação motora, concentração, criatividade, expressão oral, confiança”. De acordo com os mesmos autores (2007, p. 44), “os fantoches aplicados em sala de aula podem servir para envolver alunos em aprendizagens diversas através de um método activo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e mais eficaz compreensão”.



**CAPÍTULO 2**  
**PLANIFICAÇÕES**



Neste capítulo, irei definir o que são planificações, porque se planifica, como se planifica, qual a importância de planificar, bem como os diferentes tipos de planificação existentes.

Ainda dentro deste capítulo, irei expor três planificações de atividades que usei nos Bibes Amarelo, Encarnado e Azul, respectivamente. Esta opção vai ao encontro da ordem pela qual fiz o meu Estágio Profissional I e II. Após a apresentação das planificações, procederei à análise das mesmas, explicando o procedimento que segui e refletindo sobre elas.

Todas as planificações apresentadas neste trabalho seguiram uma adaptação do Modelo T de aprendizagem de Martiniano Pérez.

## **2.1. Fundamentação teórica sobre Planificações**

Quando refletimos sobre o que são as planificações, Arends (1995, p.44) explica que “a planificação e a tomada de decisão são vitais para o ensino e interagem com todas as funções executivas do professor”. Para Clark e Yinger (1979, citado por Arends, 1995, p.44), “os professores estimam que gastam entre 10 e 20% do seu tempo de trabalho semanal em atividades de planificação”.

Clark e Peterson (s.d., citado por Zabalza, 2000) respondendo à pergunta do porquê de se planificar, referem que existem duas maneiras diferentes de visualizar a planificação do professor:

(...) a primeira relatando que a planificação é uma atividade mental interna do professor, o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referências que guie as suas ações. (p. 48)

Quanto à segunda maneira, ela relaciona-se mais com os passos concretos que o professor tem de dar, a quando o desenvolvimento da planificação: “as coisas que os professores fazem quando dizem que estão a planificando” (p. 48).

Segundo Arends (1995, p.44), a planificação feita pelo professor é:

(...) a principal determinante daquilo que é ensinado nas escolas. O currículo, tal como é publicado, é transformado e adaptado pelo processo de planificação através de acrescentos, supressões e interpretações e pelas decisões do professor sobre o ritmo, sequência e ênfase. (p. 44)

Ainda para este autor, uma outra função da planificação do professor é incluir:

(...)a decisão do tempo de instrução atribuída a alunos individualmente ou em grupos, a constituição dos grupos, a organização de horários diários, semanais e trimestrais, a compensação de interrupções alheias à sala de aula e a comunicação com professores substitutos. (p.44)

Quando nos deparamos com a ‘problemática’ de como se planifica e qual a importância deste ato, Clark e Yinger (1979, citado por Zabalza, 2000) referem que existem três tipos de categorias, referentes à pergunta feita a um grupo de professores:

- (i) Os que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc;
- (ii) Os que chamavam planificação à determinação dos objetivos a alcançar no termos do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que matérias deveriam ser preparados e que atividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc.
- (iii) Os que chamavam planificação às estratégias de atuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as atividades, que marcos de referência para a avaliação, etc. (p. 48)

Em suma, quando falamos em planificar, temos de ter em conta o quanto importante é este ato, uma vez que o professor, com essa planificação, tem um caminho delineado, podendo esse caminho, no entanto, sofrer desvios e alterações, sendo importante que, no final, chegue ao objetivo pretendido.

Podemos dizer que existem três tipos de planificações em termos temporais: as planificações a curto, médio e longo prazo. Nas planificações a curto prazo, “normalmente, os planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e atividades específicas preconizadas para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação” (Arends, 1995, p.59). Assim, este tipo de planificações é uma preocupação constante no quotidiano do professor. As planificações a médio prazo referem-se a planificações de unidades didáticas. Caracterizam-se por serem planificações mais críticas do que as planificações diárias. Para Arends (1995), “uma unidade corresponde a um grupo de conteúdos e de competências associadas que são percebidas como um conjunto lógico”

(p. 59). Acrescenta ainda que “o plano da unidade associa num conjunto uma série de objetivos, conteúdos e atividades que o professor tem em mente” (p.60). Por fim, sobre as planificações anuais, o mesmo autor refere que, com estas, os professores enfrentam momentos críticos, pois, “dada a incerteza e complexidade de muitas das escolas, não po[dem] ser elaboradas com a precisão dos planos diários ou de unidade” (p.60). Estes planos de longo prazo giram à volta da capacidade de incluir três aspetos: os temas e atitudes gerais, matéria a dar, ciclos do ano letivo. Só atendendo a estes três aspetos se poderá chegar a uma planificação eficaz.

Para todas as planificações que apresento a seguir, à semelhança do que é usado nos Jardins-Escolas João de Deus, utilizei um modelo baseado no Modelo T. Segundo Pérez (s.d., p. 40), este modelo é designado de modelo T, porque “tem forma de T ou modelo duplo T, porque consta de um T de meios (conteúdos e métodos/procedimentos) e outro T de objetivos (capacidades – destrezas e valores – atitudes)”. Ainda segundo Pérez, neste Modelo, “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar”.

## **2.2. Planificações Fundamentadas**

Nos três quadros que se seguem (Quadro 10, Quadro 11, Quadro 12), encontram-se as planificações que fiz para cada uma das três turmas onde estagiei.

A primeira planificação destinou-se à Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, que trabalhei na aula do dia 16 de dezembro de 2011, com o Bibe Amarelo. A segunda planificação, para a Área da Expressão e Comunicação – domínio da Matemática, foi posta em prática na aula do dia 3 de fevereiro de 2012, no Bibe Encarnado. Por último, a planificação referente à Área de Conhecimento do Mundo foi concebida para o Bibe Azul, para a aula realizada no dia 26 de Setembro de 2012.

Após a apresentação das três planificações, procederei às respetivas fundamentações teóricas e inferências.

## 2.2.1 Área de Expressão e Comunicação –domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 10 – Planificação da aula da Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Jardim-Escola João de Deus

Bibe Amarelo B

16 de dezembro de 2011

Duração: 20 minutos

Carla Cunha

MEPE - n.º 3

Plano de aula

Área de Expressão e Comunicação - domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Ouvir ler;</b></li> <li>✓ <b>Interpretar uma história escutada</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Sentar os alunos no tapete por filas;</li> <li>✓ Conversar com os alunos sobre a aula antecedente (cujo conteúdo fora <i>Os vegetais</i>);</li> <li>✓ Conto oral de <i>O Nabo Gigante</i>, de Alex Tolstoi, seguindo as figuras projetadas em <i>PowerPoint</i>;</li> <li>✓ Exploração oral da história narrada</li> </ul>
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
<p><b>Raciocínio Lógico:</b> Observar</p> <p><b>Classificação:</b> Identificar</p>	<p><b>Respeito:</b> Escutar</p> <p><b>Cooperação:</b> Ser receptivo</p>
<p>Material: Imagens do livro <i>O Nabo Gigante</i>; <i>PowerPoint</i>.</p>	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Plano sujeito a alterações

## Fundamentação Teórica/ Inferências

Esta aula teve como objetivo trabalhar a Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em particular o incentivo ao mundo imaginário das histórias. Procurei ainda proporcionar às crianças um momento de curiosidade e interesse.

Iniciei a minha aula sentando os alunos no tapete, por filas. Esta disposição é, segundo Arends (1995, p. 94), “a formação mais tradicional. Esta formação é mais adequada a situações em que o professor quer a atenção focalizada numa direção, no professor por exemplo, durante a exposição de um tema, ou durante o trabalho independente no lugar”. Antes de iniciar o meu conto, pensei ser fundamental envolver os alunos num diálogo. Por um lado, esta era uma forma de captar mais facilmente a atenção deles e, conseqüentemente, o seu interesse. Por outro lado, pareceu-me importante articular o que ia fazer com o conteúdo (os vegetais) que lhes tinha apresentado durante a manhã. Posto isto, recorri ao *PowerPoint* para contar a história que levava para lhes contar. O uso do *powerpoint* para contar esta história, assim como a utilização de livros eletrónicos, tem, segundo Silveira-Botelho (2009):

(...) também revelado ganhos significativos. Com efeito, os livros interactivos parecem contribuir para o desenvolvimento de competências ao nível de vocabulário, sintaxe e reconhecimento de palavras como nos refere Uchikoshi (2005), bem como da compreensão da estrutura narrativa das histórias para Verhallen, Bus & De Jong (2006). (p.116)

A história que escolhi foi *O Nabo Gigante*, de Alexis Tolstoi, ilustrada por Niamh Sharkey. Trata-se de uma história que é apresentada em lengalenga. Como lemos em *As fadas não foram à escola*, as lengalengas têm lugar no “ir e vir, neste tornar a ir e voltar numa caminhada por fluxos e refluxos” (Diniz, 1993, p.75). As lengalengas são, deste modo, muito importantes e fundamentais para o desenvolvimento da criança, pois esta não necessita só de momentos sérios: é de extrema importância apelar ao seu imaginário bem como a uma necessidade do sonho e do vago. Ainda de acordo com Diniz (1993):

A construção do pensamento infantil faz-se pela alternância de fases de qualidade diferente, por um jogo entre o real e o imaginário, por uma dialética entre o preciso e o vago. Esta maleabilidade da experiência dá-lhe segurança e ajuda-a a construir a sua personalidade (p.75).

Quanto ao uso das lengalengas, há que frisar a importância que elas adquirem, não só pela sua faceta lúdica, como ainda no que se refere à motivação para a leitura e a escrita, desenvolvendo-se, em simultâneo, a língua materna e, não menos importante, iniciando a criança na poesia. Como defendido por Custódio (2002), as lengalengas

(...) são sinónimo de divertimento para as crianças, permitindo-lhes desenvolver o imaginário. Brincar com as palavras, articular sons, imprimindo-lhes determinada cadência, é sensibilizar a criança para a língua materna, despertando-lhe o gosto pela leitura e a escrita. Se quisermos ser mais audazes, diremos que aqueles momentos lúdicos podem constituir as primeiras “pinceladas” no mundo da poesia. (p.27)

Durante o tempo de narração da história (que eu sabia de cor), fui dizendo o texto a um ritmocalmo, mas creio que contei a história de um modo entusiasta, fazendo inflexões de vozes, gestos. Tal como Aguêra (2008, p. 35) refere, “o acto de contar ou ler é de maior importância” e “nem todos os pais e nem todos os educadores têm habilidade para ler histórias”.

Após ter contado a história, dialoguei com as crianças, de forma a perceber se estas tinham entendido a história que fora contada e a levá-las a desenvolver a linguagem. De acordo com Lopes (citado por Ruivo, 2009, p. 120), “a linguagem deve ser encarada, como área fundamental a desenvolver no jardim-de-infância”. Ainda quanto a este assunto, Veloso e Riscado (2002), dizem-nos:

(...)as crianças não nascem a saber ler, mas todas dispõem, à partida, da capacidade de perceber o mundo, de o codificar com a ajuda do adulto. É essa capacidade que compete desenvolver, alargar em prol do pleno crescimento emocional e intelectual logo desde o berço. (p.27)

A conversa sobre o texto que lhes apresentei girou em torno de perguntas que eu lhes fazia, tais como: “que animais apareceram na história?”; “qual o legume que se tornou gigante?”; “quantos pintainhos podemos ver nesta imagem?”.

Um aspeto negativo nesta aula foi o facto de ela ter acontecido da parte da tarde, depois da sesta, o que contribuiu para que, quando lhes contei a história, as crianças ainda se encontrassem um pouco sonolentas e pouco participativas. Um dos pontos menos positivos que a Educadora me apresentou foi o seguinte: aquando da minha exploração da história, na contagem dos pintainhos que se encontravam na imagem, fi-lo da direita para a esquerda, quando a forma correta seria da esquerda para a direita.

## 2.2.2 Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

Quadro 11 – Planificação da aula da Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus

Bibe Encarnado B  
3 de fevereiro de 2012  
Duração: 20 minutos

Carla Cunha  
MEPE - n.º 3

Plano de aula  
Área de Expressão e Comunicação - domínio da Matemática

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos
✓ <b>Itinerários</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Organizar o espaço da sala;</li><li>✓ Introduzir o tema dos animais e referir especificamente o Coala.</li><li>✓ Trabalhar a associação do valor das peças com a cor, utilizando até à unidade cinco, e promover o cálculo mental.</li><li>✓ Ajudar o Coala a chegar ao seu destino com o material Cuisenaire.</li></ul>
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
<b>Raciocínio lógico:</b> Interpretar e aplicar	<b>Cooperação:</b> Colaborar <b>Tolerância:</b> Bom ouvinte <b>Solidariedade:</b> Partilhar
Material : caixas de Cuisenaire; folhas quadriculadas.	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Plano sujeito a alterações

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

Antes de iniciar a aula, comecei por organizar o espaço da sala. Segundo Ferreira e Santos (1994, p. 56), esta organização tem como objetivo “a rentabilização do tempo de ensino, especialmente o tempo de supervisão directa do professor (evitando as perdas de ritmo nas transições das mudanças de actividades escolares e estabelecendo rotinas de trabalho associadas a uma programação prévia do ensino)”.

Introduzi o tema da aula mostrando um itinerário em tamanho grande, que coloquei na parede, e lancei a problemática que consistia em ajudar o Coala a chegar à sua árvore. Distribuí pelos alunos uma folha quadriculada. Fui dando as indicações do caminho que estes tinham que percorrer até encontrarem a chegada/ árvore do coala; os alunos iam colocando as peças do Cuisenaire segundo as minhas indicações.

A utilização deste material é de extrema importância pois, tal como refere Caldeira (2009), ajuda a desenvolver nas crianças os seguintes aspectos:

(...) compreensão dos significados (inclui carácter ordinal e cardinal dos números), explorar relações entre os números (composição e decomposição de conjuntos), a compreensão de grandeza relativa dos números, desenvolver intuições acerca dos efeitos das operações com números e desenvolver padrões de objectos comuns. (p.129)

De acordo com Moreira e Oliveira (2003, citado por Caldeira, 2009, p. 173), “quando a criança realiza tarefas (encontrar caminhos), está a treinar a sua capacidade de visualização espacial”. Ora, tal como nos refere Caldeira (2009),

(...) o sentido espacial é um conhecimento intuitivo do meio que nos cerca e dos objectos que nele existem. A compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o nosso mundo, que é intrinsecamente geométrico (...) os exercícios, que solicitam das crianças visualização, o desenho e a comparação de formas em diferentes posições, desenvolvem a visualização espacial. A descoberta de caminhos, integrados na formação matemática e nas várias áreas de aprendizagem, desenvolve a compreensão. (p. 173)

O uso deste material matemático é deveras importante, como, aliás, é igualmente importante o uso de qualquer outro material manipulativo, já que a diversificação, tal como é referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, “dá à criança oportunidades para resolver problemas lógicos, quantitativos e espaciais” (Ministério da Educação, 1997, p.75).

Nesta aula foi-me apontado como aspetos menos positivos, a falta de dinamismo, nomeadamente que o desafio lançado podia ter gerado mais participação por parte dos alunos – o que de imediato reconheci, sabendo, contudo, que a causa da minha atitude estava no receio de exceder o tempo previsto para a minha aula. Como aspetos positivos, foi-me dito que consegui ter os alunos sempre comigo, houve uma boa relação e a aula teve sempre um fio condutor.

### 2.2.3 Área de Conhecimento do Mundo

Quadro 12 – Planificação da aula da Área de Conhecimento do Mundo

Jardim-Escola João de Deus	
<p>Bibe Azul B 26 de setembro de 2012 Duração: 20 minutos</p>	<p>.....Carla Cunha MEPE - n.º 3</p>
Plano de aula Área de Conhecimento do Mundo	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos
<p>✓ <b>Os cinco sentidos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Paladar;</li> <li>– Audição;</li> <li>– Visão;</li> <li>– Olfato;</li> <li>– Tato.</li> </ul>	<p>✓ Sentar os alunos em U, nas almofadas.</p> <p>✓ Mostrar aos alunos uma caixa “mágica”, que contem as palavras “paladar”, “audição”, “visão”, “tato” e “olfato” e vários elementos para eles poderem explorar os cinco sentidos, recorrendo a atividades lúdicas.</p>
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
<p><b>Raciocínio Lógico:</b> Observar e Analisar</p> <p><b>Orientação Espaço-Temporal:</b> Explorar e identificar</p>	<p><b>Respeito:</b> Escutar e Dialogar</p> <p><b>Cooperação:</b> Colaborar e Entreatujadar</p>
<p>Material : caixa; alimentos; palavras em papel.</p>	
<p>Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem Plano sujeito a alterações</p>	

## **Fundamentação teórica/ Inferências**

Iniciei esta aula, sentando os alunos no chão, em forma de U, de modo a que todos me pudessem ver. Considero que, desta maneira, todos os alunos me conseguiam ver bem, assim como ao material que trouxe. Segundo Cury (2003, pp. 123-124), “O enfileiramento dos alunos destrói a sua espontaneidade e segurança para expor ideias”. Este autor refere ainda que, sentar os alunos em meia-lua ou em U, faz com que todos vejam o rosto uns dos outros.

O tema escolhido para esta aula da Área de Conhecimento do Mundo foi o dos cinco sentidos. Visto ser um tema bastante abrangente, optei por me focar essencialmente num sentido – o Paladar, embora tenha falado, no geral, dos demais sentidos.

Para esta aula, levei uma caixa, que designei por caixa “mágica”. Dentro dela, havia cinco palavras impressas em papel, correspondendo cada uma a um dos cinco sentidos. Havia ainda alimentos (chocolate, batatas fritas, limão, café) para eu poder explorar o sentido do paladar. Comecei por fazer suspense à volta da caixa, e, alternadamente, fui retirando as palavras, deixando a palavra *paladar* para o fim. À medida que ia retirando as palavras, ia falando essencialmente do órgão responsável por aquele sentido. Quando chegou a vez da palavra *paladar*, falei do órgão responsável (a língua), bem como das papilas gustativas e na divisão que existe na nossa língua, que nos permite distinguir os sabores.

Considero que é da máxima importância a realização de atividades em que os sentidos sejam explorados. Desta forma, a exploração das ciências no ensino Pré-Escolar, “pode ser definida como o estudo, a interpretação e a aprendizagem sobre nós mesmos e o ambiente que nos rodeia, através dos sentidos e da exploração pessoal” (Reis, 2008, p.15).

Após a explicação, realizei um pequeno jogo, que consistia em chamar dois alunos para perto de mim e, com dois lenços, vendá-los. De seguida, dei-lhes a provar alguns alimentos. Usando o paladar, as crianças tinham de me dizer se o gosto era doce, salgado, azedo ou amargo.

Desta maneira, tentei estimular os alunos para a curiosidade bem como para a descoberta de novas sensações, não esquecendo o que é dito nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*: “a curiosidade natural das crianças e o seu

desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano...” (Ministério da Educação, 1997, p.79).

Sherwood, Williams e Rockwell (1987) realçam igualmente a curiosidade natural dos mais novos; para estes autores, “as crianças são cientistas por natureza” (p.17), e

(...) tal como no ensino da leitura, os métodos científicos têm formas de abordagem que podem usar-se nas crianças para aumentar mais tarde o seu sucesso na aprendizagem da ciência na escola primária, isto é, podemos ensiná-las a entrar na ciência. (p. 18)

Ensinar uma como a dos sentidos, significa lidar com algo que utilizamos diariamente e em diversos contextos e a que estamos tão habituados, que nem damos pelo seu fundamento científico. Por isso, o ensino dos cinco sentidos foi um desafio para mim.

Nesta aula, os aspetos positivos foram os seguintes: fiz uma boa gestão do tempo, organizei bem a aula, fui expressiva, dinâmica, expliquei bem os conteúdos aos alunos. Como aspetos a melhorar, foi-me apontado pela Supervisora de Estágio e pela Educadora da turma que, embora eu tivesse explicado bem os conteúdos aos alunos, podia ter alternado entre a explicação e a utilização dos sentidos, por parte dos alunos, pois fui simplesmente explicando e mostrando ao mesmo tempo qual o sentido a que me estava a referir. Um outro aspeto a melhorar prendeu-se com o facto de, conforme ia tirando da caixa mágica as palavras escritas em papel, com o nome do sentido, podia ter colocado as palavras na parede, para que os alunos pudessem visualizar quais os sentidos de que já tínhamos falado.

**CAPÍTULO 3**  
**DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO**



Neste capítulo, após a fundamentação teórica sobre a importância dos dispositivos de avaliação, serão apresentadas três propostas de avaliação para as Áreas de Expressão e Comunicação (domínio da Matemática e domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita) e de Conhecimento do Mundo. Para cada uma delas é feita uma descrição dos parâmetros, critérios e cotações; seguidamente, apresento uma grelha com os critérios e cotações, uma grelha de avaliação, com as classificações dos alunos e, por último, apresento os resultados, através de um gráfico, que serão analisados.

### **3.1. Fundamentação teórica sobre Avaliação**

Quando nos deparamos com a questão do que é a avaliação, Stufflebeam (1971, citado por Rosales, 1992) esclarece-nos, dizendo que:

A avaliação é o processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e do mérito das metas, da planificação, da realização e do impacto de um objecto determinado, com o fim de servir de guia para a tomada de decisões, para solucionar os problemas de responsabilidade e para promover a compreensão dos fenómenos implicados. (p.24)

Também Eisner (1979, citado por Rosales, 1992, p. 25) afirma que a avaliação é uma actividade “eminente artística, realizada por um especialista – o professor- que respeita estreitamente o desenvolvimento natural do ensino e aprofunda o conhecimento das características da situação específica em que se encontra, para se orientar na realização das suas actividades de avaliação”.

Stake (1975, citado por Rosales, 1992) diz-nos que o processo de avaliar vai implicar:

(...) tarefas de descrição e de formulação de juízos de valor. A descrição alarga-se a todo o âmbito avaliável (antecedentes, processos, resultados) e os juízos de valor não devem ser emitidos apenas por especialistas em avaliação, mas também por professores, por pais, por administradores... (p.25)

Quanto à função da avaliação, Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 337) referem que “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa

professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades”.

Para Rosales (1992, p. 34) existem três tipos de funções na avaliação. São elas a “recolha de informação sobre componentes e actividades do ensino”, a “interpretação desta informação, de acordo com uma determinada teoria ou esquema conceptual” e a “adopção de decisões relativas ao aperfeiçoamento do sistema no seu conjunto e de cada um dos seus componentes”. Ainda segundo este autor,

Se considerarmos que a avaliação é composta pelas funções de informação e valoração e que, globalmente, constitui uma realidade diferente, ainda que estreitamente relacionada com a tomada de decisões, é possível perceber que, na sua relação com esta última, a avaliação, como entidade global, desempenha três tipos de funções, a saber: diagnóstica, formativa e sumativa. (p.35)

Porém, na Educação Pré-Escolar importa referir apenas duas funções da avaliação: a avaliação diagnóstica e a avaliação formativa. A avaliação diagnóstica, tal como referem Ribeiro e Ribeiro (1990), “tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimento e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens” (p.342) Ainda segundo estes autores, a avaliação formativa

(...) acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam. (p.348)

Continuando a abordar as duas funções da avaliação na Educação Pré-Escolar, refira-se que, segundo a Circular nº. 4/DGIDC/DSDC/2011,

(...) a avaliação diagnóstica no início do ano lectivo, realizada pelo educador, tem em vista a caracterização do grupo e de cada criança. Com esta avaliação pretende-se conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões da acção educativa, no âmbito projecto curricular de grupo. (p.4)

A avaliação formativa permite, de acordo com o despacho acima referido, “a adopção de estratégias de diferenciação pedagógica, contribuindo também para a elaboração, adequação e reformulação do projecto curricular de grupo e ainda para facilitar a integração da criança no contexto educativo” (p.4).

A avaliação diagnóstica pode ocorrer a qualquer momento do ano letivo, quando articulada com a avaliação formativa.

Parece-me de grande importância referir os princípios pelos quais a avaliação na Educação Pré-Escolar se rege. Segundo a Circular N° 17/DSDC/DEPEB/2007, são eles: Coerência entre os processos de avaliação e os princípios subjacentes à organização e gestão do currículo definidos nas OCEPE; Utilização de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados; Carácter marcadamente formativo da avaliação; Valorização dos progressos da criança (pp. 4 e 5).

Numa avaliação final, compete ao Educador, tal como é referido na Circular N° 17/DSDC/DEPEB/2007,

(...) elaborar o Relatório de Avaliação do Projecto Curricular de Grupo/Turma; produzir um documento escrito com a informação global das aprendizagens mais significativas de cada criança, realçando o seu percurso, evolução e progressos; comunicar aos pais/encarregados de educação, bem como aos educadores/professores o que as crianças sabem e são capazes de fazer. (p. 5)

Posto isto, para que esta avaliação seja concretizável, são necessários alguns intervenientes: alunos, professores, recursos didáticos (Rosales, 1992, p.32). Porém Rosales refere que os objetos de avaliação não se podem limitar aos acabados de citar ou outros, por muita importância que tenham, pois “é necessário considerá-los, a todos eles, na sua mútua interação e não apenas em um determinado momento” (p.33).

A avaliação é um aspeto complexo e controverso das práticas pedagógicas e, de acordo com Leite, Pacheco, Moreira, Terrasêca, Carvalho e Jordão (1995), “a consciencialização e a reflexão sobre o trabalho realizado, a aceitação do provisório, a disponibilidade para a mudança e a auto-aprendizagem conduziram a progressos significativos no processo de ensino/aprendizagem”. E, ainda segundo estes mesmos autores,

(...) as grelhas de avaliação passaram a ser sugeridas pelos alunos, num trabalho conjunto com o professor, o momento da sua elaboração foi devidamente pensado, os parâmetros a utilizar eram discutidos previamente bem como as notações valorativas de carácter qualitativo e/ou quantitativo e posteriormente selecionadas. (p.61)

Existem diversas práticas de registo de informação da avaliação. As grelhas de avaliação são o elemento mais utilizado pelos professores e constituem um suporte da avaliação dos conhecimentos dos alunos sobre um determinado conteúdo programático.

De acordo com Leite e Fernandes (2002, p. 60), as grelhas de avaliação oferecem a “reflexão atenta das práticas [o que] permite melhoramentos contínuos”. Assim, os dispositivos de avaliação permitem ao educador/professor um maior esclarecimento dos objetivos dos trabalhos a avaliar nos alunos.

A escala da avaliação das propostas de todas as atividades que a seguir apresento foram elaboradas para 10 valores, associados a 5 níveis de desempenho. De acordo com Tenbrink (2002):

As escalas de avaliação têm uma definida vantagem sobre as listas de controlo, porque nos permite formular juízos sistemáticos sobre o grau de desempenho que chegue a um comportamento ou característica. Uma escala de avaliação normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a avaliar e algum tipo de hierarquia. (p. 259)

Este autor refere que “estas escalas de evolução ajudam o observador a centrar-se em aspetos específicos, observáveis, dos elementos que está a avaliar” (p.260). Tenbrink sublinha ainda que “uma escala numérica em vez de uma gráfica proporciona-nos resultados, com mais fácil compreensão, registo e manipulação. Uma escala gráfica, por outro lado, tem a vantagem de caligrafar registos de uma forma mais específica e com resultados observáveis” (p.267).

A avaliação será feita através da escala de avaliação (baseada na escala de Likert), apresentada no quadro seguinte:

Quadro 13 – Escala de avaliação utilizada

Avaliação quantitativa	Avaliação qualitativa
0 – 2,9	Fraco
3 – 4,9	Insuficiente
5 – 6,9	Suficiente
7 – 8,9	Bom
9 – 10	Muito Bom

Este quadro indica o valor qualitativo e quantitativo que o aluno irá obter, consoante a cotação atribuída.

Assim, se a cotação for menor que 2,9 valores, o aluno, no seu desempenho, terá a avaliação de Fraco. Se a cotação se situar entre os 3 e os 4,9 valores, o seu desempenho será ainda Insuficiente. Porém, se atingir o Suficiente, a sua cotação será superior a 5 e menor que 7. A classificação de Bom será atribuída se o aluno obtiver

entre 7 e 8,9 valores. Por fim, se a criança alcançar entre os 9 e 10 valores, o seu valor qualitativo é de Muito Bom.

Para os todos os dispositivos de avaliação, foi utilizada a mesma escala de avaliação.

## **3.2. Dispositivos de avaliação do domínio da Matemática**

### **3.2.1 Contextualização**

Durante o estágio que realizei com o Bibe Encarnado B, no 1º Jardim-Escola, procedi à realização de uma proposta de trabalho no domínio da Matemática, no dia 3 de fevereiro de 2012.

A atividade proposta está descrita no Capítulo 2 – Planificações, no respectivo dia. Relembro que levei um itinerário em tamanho grande, que coloquei na parede, e sugeri aos alunos que ajudassem o Coala a chegar à sua árvore. Distribuí pelos alunos uma folha quadriculada (ver Anexo 1); entretanto, no verso desta folha, havia indicações que eu fui lendo, em voz alta e pausada, sobre o caminho a percorrer até encontrarem a chegada/ árvore do coala; os alunos iam colocando as peças do Cuisenaire segundo as minhas indicações.

Estavam presentes 25 alunos; faltaram três crianças.

### **3.2.2 Descrição de parâmetros, critérios e cotações**

Apresentam-se, no Quadro 14, os parâmetros, critérios e cotações estabelecidos para esta atividade.

**Quadro 14** - Grelha de parâmetros, critérios e cotações

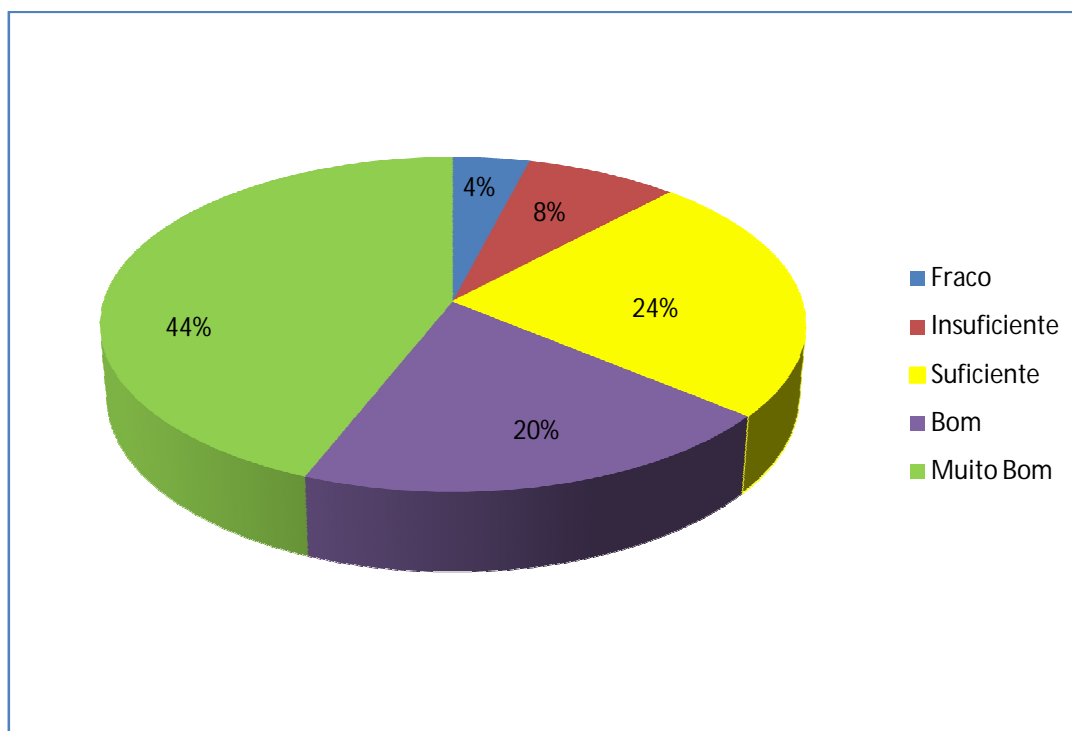
<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios</b>		<b>Cotações</b>
<b>1. Identificação das peças do Cuisenaire</b>	Identifica e pinta corretamente as 8 peças	8	8
	Identifica e pinta corretamente as 7 peças	7	
	Identifica e pinta corretamente as 6 peças	6	
	Identifica e pinta corretamente as 5 peças	5	
	Identifica e pinta corretamente as 4 peças	4	
	Identifica e pinta corretamente as 3 peças	3	
	Identifica e pinta corretamente as 2 peças	2	
	Identifica e pinta corretamente uma peça	1	
	Não responde	0	
<b>2. Colocação correta das peças na quadricula</b>	Coloca de forma correta as peças	2	2
	Não coloca de forma correta as peças	0	
<b>Total</b>			<b>10</b>

### 3.2.3 Grelha de avaliação da atividade no domínio da Matemática

Quadro 15– Grelha de correção

Parâmetros	1	2	Total	Avaliação Qualitativa
Cotações	8 valores	2 valores		
Alunos				
A	5	2	7	Bom
B	6	0	6	Suficiente
C	7	2	9	Muito Bom
D	7	2	9	Muito Bom
E	7	2	9	Muito Bom
F	6	0	6	Suficiente
G	7	2	9	Muito Bom
H	7	2	9	Muito Bom
I	5	0	5	Suficiente
J	6	2	8	Bom
K	4	0	4	Insuficiente
L	6	0	6	Suficiente
M	6	2	8	Bom
N	6	0	6	Suficiente
O	7	2	9	Muito Bom
P	7	2	9	Muito Bom
Q	5	0	5	Suficiente
R	7	2	9	Muito Bom
S	7	0	7	Bom
T	7	2	9	Muito Bom
U	7	0	7	Bom
V	7	2	9	Muito Bom
W	7	2	9	Muito Bom
X	4	0	4	Insuficiente
Y	2	0	2	Fraco
Z	-	-	-	-
AA	-	-	-	-
AB	-	-	-	-
AC	-	-	-	-
<b>Média Aritmética</b>			<b>7,2</b>	

### 3.2.4 Apresentação dos resultados em gráfico e análise



*Figura 2 – Gráfico de resultados*

Observando a figura acima, podemos verificar que, num total de 25 alunos, onze alunos, o que corresponde a 44%, atingiram o Muito Bom, obtendo a cotação de 9 valores. Outras cinco crianças, número correspondente a 20%, obtiveram Bom, sendo que três crianças tiveram a cotação de 7 valores e duas tiveram a cotação de 8 valores. Seis crianças atingiram a qualificação de Suficiente, correspondente a 24%, sendo que quatro delas tiveram a cotação de 6 valores e duas cotação de 5 valores. Duas crianças tiveram insuficiente, obtendo 4 valores e apenas uma teve fraco com a cotação de 2 valores.

Sendo assim, a média dos resultados dos alunos é de 7,2 valores. O que equivale a Bom, em termos de avaliação qualitativa.

Podemos constatar que, embora tenha havido resultados negativos, a maior parte dos alunos obteve uma classificação positiva, o que revela que houve uma compreensão por parte dos alunos.

Face a esta análise de resultados, importa evidenciar que devemos desencadear processos formativos para melhorar e colmatar as aprendizagens menos conseguidas por algumas crianças (especificamente, por aquelas que tiveram Insuficiente e Fraco), nomeadamente, treinando mais vezes itinerários.

### **3.3. Dispositivo de avaliação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

#### **3.3.1 Contextualização**

Durante o estágio realizado no Bibe Azul B, do 2.º Jardim-Escola, procedi à realização de uma atividade de avaliação no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, cujo objetivo era o de que os alunos pintassem as vogais das palavras, de acordo com a legenda que se encontrava na folha e que, no fim, pintassem as imagens.

Assim no dia, 24 de setembro de 2012, e com 29 crianças das 30 existentes na turma, distribuí uma ficha (ver Anexo 2). Coloquei no quadro a mesma legenda que eles tinham na folha, li, calmamente e em voz alta as instruções, e dei alguns exemplos para que as crianças compreendessem o meu objetivo.

#### **3.3.2 Descrição de parâmetros, critérios e cotações**

Apresentam-se, no Quadro 16, os parâmetros, critérios e cotações estabelecidos para esta atividade.

**Quadro 16** – Grelha de Parâmetros, critérios e cotações

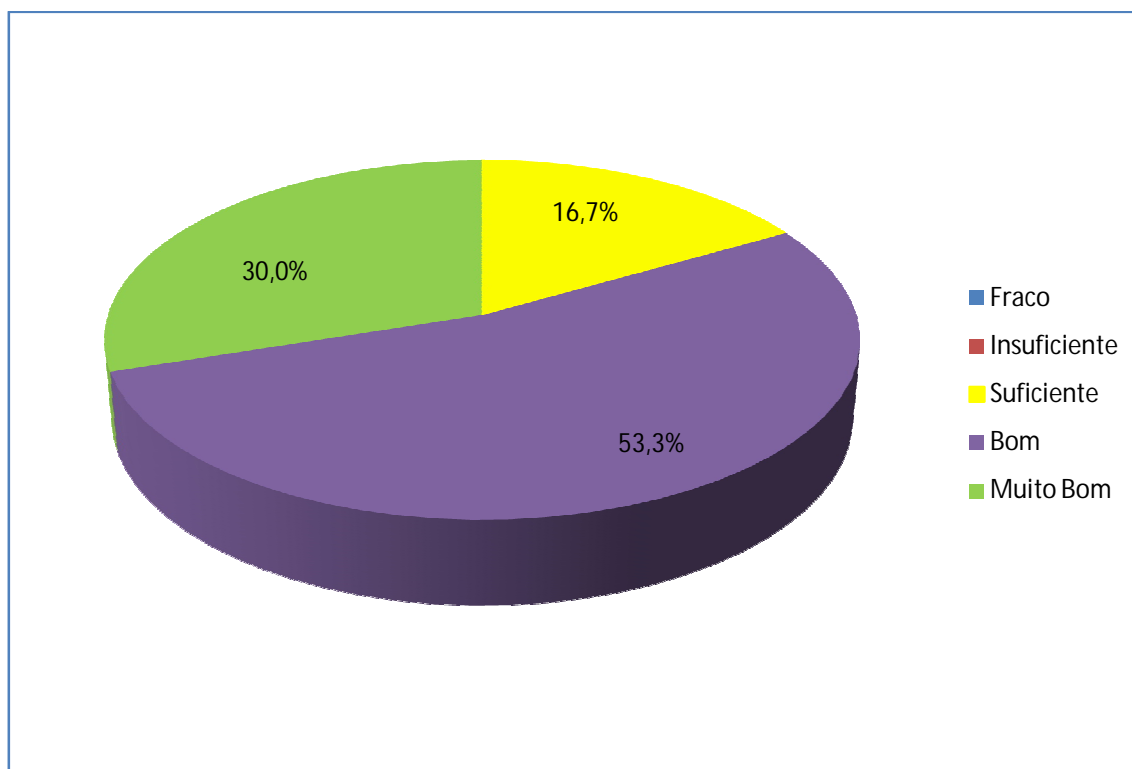
<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios</b>		<b>Cotações</b>
<b>1. Identificação das vogais</b>	Identifica e pinta corretamente todas as vogais	8	8
	Identifica e pinta corretamente entre dezassete e dezoito vogais	7	
	Identifica e pinta corretamente entre doze e dezasseisvogaiiss	6	
	Identifica e pinta corretamente entre uma e onze vogais	3	
	Resposta incorreta	0	
<b>2. Motricidade fina</b>	Pinta corretamente todas as imagens	2	2
	Pinta corretamente 5 imagens	1,5	
	Pinta corretamente 4 imagens	1,2	
	Pinta corretamente 3 imagens	1	
	Pinta corretamente 2 imagens	0,4	
	Pinta corretamente 1 imagem	0,2	
	Resposta incorreta	0	
<b>Total</b>			<b>10</b>

### 3.3.3 Grelha de avaliação da atividade no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 17 – Grelha de correção

Parâmetros	1	2	Total	Avaliação Qualitativa
Cotações	8 valores	2 valores		
<b>Alunos</b>				
<b>A</b>	8	0,2	8,2	Bom
<b>B</b>	8	2	10	Muito Bom
<b>C</b>	6	0	6	Suficiente
<b>D</b>	6	0	6	Suficiente
<b>E</b>	7	0	7	Bom
<b>F</b>	6	0	6	Suficiente
<b>G</b>	6	0	6	Suficiente
<b>H</b>	8	1	9	Muito Bom
<b>I</b>	7	0,2	7,2	Bom
<b>J</b>	8	0	8	Bom
<b>K</b>	7	0	7	Bom
<b>L</b>	8	0	8	Bom
<b>M</b>	8	0	8	Bom
<b>N</b>	8	2	10	Muito Bom
<b>O</b>	8	0,2	8,2	Bom
<b>P</b>	8	1	9	Muito Bom
<b>Q</b>	8	1,2	9,2	Muito Bom
<b>R</b>	7	1	8	Bom
<b>S</b>	7	0,4	7,4	Bom
<b>T</b>	7	0	7	Bom
<b>U</b>	7	0	7	Bom
<b>V</b>	8	2	10	Muito Bom
<b>W</b>	8	2	10	Muito Bom
<b>X</b>	8	0,2	8,2	Bom
<b>Y</b>	7	2	9	Muito Bom
<b>Z</b>	8	0	8	Bom
<b>AA</b>	7	0	7	Bom
<b>AB</b>	8	0	8	Bom
<b>AC</b>	6	0	6	Suficiente
<b>AD</b>	8	2	10	Muito Bom
<b>Média Aritmética</b>			7,95	

### 3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico e análise



*Figura 3 – Gráfico de resultados*

Observando a figura acima, podemos verificar que, num total de 30 alunos, oito alunos, número que corresponde a 30%, atingiram o Muito Bom, obtendo a cotação de 10 valores. Outras dezasseis crianças, correspondente a 53,3%, obtiveram Bom, sendo que sete crianças tiveram a cotação de 7 valores, e nove tiveram a cotação de 8 valores. As restantes crianças atingiram a qualificação de Suficiente, correspondente a 16,7%, sendo que todas elas tiveram a cotação de 6 valores.

Sendo assim, a média dos resultados dos alunos é de 7,95 valores.

De uma forma geral, podemos constatar que o grupo de alunos revela ter conhecimentos sobre a matéria, pois não houve nenhuma criança com classificação negativa, tendo por isso todas elas conseguido resultados positivos, com as classificações de Muito Bom, Bom e Suficiente.

### 3.4. Dispositivo de avaliação da Área de Conhecimento do Mundo

#### 3.4.1. Contextualização

Durante o estágio realizado no Bibe Azul B, do 2.º Jardim-Escola, procedi à realização de uma atividade de avaliação na Área de Conhecimento do Mundo. Entreguei às crianças uma ficha. A atividade consistia em fazer corresponder a cada um dos bonecos desenhados a roupa correta e, no fim, pintá-la.

Esta ficha foi elaborada pelos 30 alunos, no dia 24 de setembro de 2012.

#### 3.4.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Apresentam-se, no Quadro 18, os parâmetros, critérios e cotações estabelecidos para esta atividade.

**Quadro 18** – Grelha de parâmetros, critérios e cotações

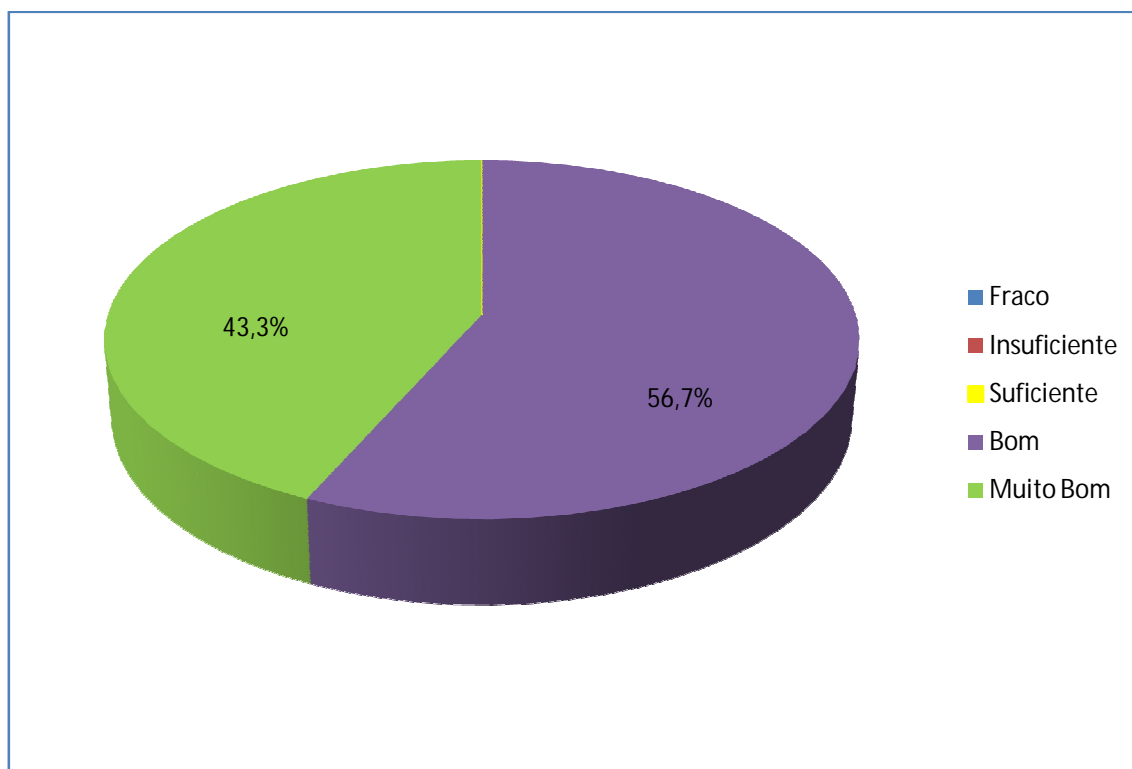
Parâmetros	Critérios		Cotações
<b>1. Identificação das peças de roupa de cada criança</b>	Faz corresponder as 5 peças de roupa às imagens correspondentes	7	7
	Faz corresponder as 4 peças de roupa às imagens correspondentes	5	
	Faz corresponder as 3 peças de roupa às imagens correspondentes	3,5	
	Faz corresponder as 2 peças de roupa às imagens correspondentes	2	
	Faz corresponder as 1 peças de roupa às imagens correspondentes	1,5	
	Resposta incorreta	0	
<b>2. Motricidade fina</b>	Pinta corretamente as imagens com cores coloridas	3	3
	Pinta ultrapassando o limite das figuras com cores coloridas	1,5	
	Pinta de forma incorreta	0	
<b>Total</b>			10

### 3.4.3 Grelha de avaliação da atividade na Área de Conhecimento do Mundo

**Quadro 19** – Grelha de correção

<b>Parâmetros</b>	1	2	<b>Total</b>	<b>Avaliação Qualitativa</b>
<b>Cotações</b>	8 valores	2 valores		
<b>Alunos</b>				
<b>A</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>B</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>C</b>	7	0	7	Bom
<b>D</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>E</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>F</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>G</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>H</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>I</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>J</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>K</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>L</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>M</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>N</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>O</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>P</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>Q</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>R</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>S</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>T</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>U</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>V</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>W</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>X</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>Y</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>Z</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>AA</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>AB</b>	5	3	8	Bom
<b>AC</b>	7	1,5	8,5	Bom
<b>AD</b>	7	3	10	Muito Bom
<b>Média Aritmética</b>			9,08	

### 3.4.4 Apresentação dos resultados em gráfico e análise



*Figura 4 – Gráfico de resultados*

Olhando para o gráfico acima, podemos verificar que, num total de 30 alunos, treze alunos, número que corresponde a 43,3%, atingiram o Muito Bom, obtendo a cotação, todos eles, de 10 valores. Outras dezassete crianças, correspondente a 56,7%, obtiveram Bom, sendo que uma criança teve a cotação de 7 valores e outra de 8 valores. As restantes tiveram a cotação de 8,5 valores.

Sendo assim, a média dos resultados dos alunos é de 9,08 valores (Muito Bom).

Constata-se que todas as crianças conseguiram identificar as roupas correspondentes às imagens, havendo só alguma dificuldade no que toca à motricidade. Contudo, esta turma obteve uma classificação bastante positiva, o que revela uma boa aquisição de conhecimentos.



## **REFLEXÃO FINAL**



Fazendo um balanço da minha passagem pela Escola Superior de Educação João de Deus, tenho que salientar a importância que teve, para a minha formação, a possibilidade do contacto com a realidade educativa, com as crianças, assistir a aulas dadas pelas Educadoras cooperantes, bem como a possibilidade de eu própria poder trabalhar com as crianças num número significativo de aulas. Este contacto intenso, em situação de estágio, é-nos possibilitado desde o início do curso de Licenciatura em Educação Básica da Escola Superior João de Deus, o que se torna numa motivação grande para frequentar o Mestrado.

No que diz respeito ao Estágio Profissional I e II, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, ele acompanhou a minha formação de futura docente e possibilitou-me contactar com as Supervisoras da Prática Pedagógica e com as Educadoras cooperantes que, ao longo da licenciatura e mestrado, avaliaram o meu desempenho, aquando das aulas planeadas no âmbito do estágio.

Vieira (1993, p. 28) menciona a importância de um supervisor, cujo papel é determinante para a formação de futuros profissionais; este autor refere que a supervisão é “uma atuação de monitorização sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação”. Wallace (citado por Vieira, 1993) refere que:

O supervisor é entendido como autoridade única, juiz de pensamento e actuação do professor, a quem dá lições de bom profissionalismo, servindo frequentemente como modelo a seguir (...) o supervisor surge como um colega com mais saber e experiência, receptivo por excelência ao professor que orienta, co-responsabilizando-se pelas suas opções, ajudando-o a desenvolver-se para a autonomia através da prática sistemática da reflexão e da introspecção. (p. 31)

Sem a avaliação que me foi sendo feita, por parte das Supervisoras da Prática Pedagógica bem como por parte das Educadoras cooperantes, ter-me-iam passado despercebidas muitas incorrecções, ou atos e atitudes que, não sendo apreciados, provavelmente não teria dado por eles e insistido na sua reprodução. Alertada para eles, procurei corrigi-los. Os estágios são, pois, uma mais-valia na nossa formação e desenvolvimento.

De acordo com Campos (1995, p. 14), “a Prática Pedagógica concretiza-se através de actividades diferenciadas (desde a observação e análise até à responsabilização pela docência, sempre com supervisão) ao longo do curso e em períodos de duração crescente e responsabilização progressiva”. A prática pedagógica que desenvolvi foi fundamental para adquirir conhecimentos e alargar competências práticas, pois só nos estágios é que os alunos em formação tomam consciência da realidade pedagógica.

Para Formosinho (2001), a Prática Pedagógica, mais do que um processo de formação pessoal, é também um processo de avaliação das aprendizagens imediatas e das potencialidades dos futuros professores; para este autor, esta é:

(...) a fase de prática docente acompanhada, orientada e reflectida que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz. (p. 53)

Apesar de entender o mérito das Aulas surpresa, nomeadamente por nos porem à prova perante situações pedagógicas inesperadas, não considero que sejam uma mais-valia para nós, para a nossa formação, pois, o nervosismo criado pode gerar situações desconfortáveis, inclusive no que se refere à transmissão de conteúdos feitas às crianças. Aprendendo que as aulas devem ser planeadas – mesmo que isso signifique que haverá momentos não previstos em que o docente tem de improvisar – é difícil aceitar abertamente este tipo de aulas.

Quanto ao decurso das aulas assistidas, o que menos correu melhor foi não ter presenciado algumas aulas que estavam contempladas no horário. Como tive a sorte de ter um estágio diferente do da maioria dos meus colegas, já que, na condição de trabalhadora estudante, foi-me permitido fazer estágios intensivos, tive o privilégio de poder assistir a dias completos de aulas. Verifiquei, assim, que áreas que estavam contempladas no horário nunca foram dadas nos dias em que estagiei. Como exemplos, aponto os Jogos Tradicionais, a Formação Cívica, a Área Projeto, a Cidadania, a Expressão Dramática, a Expressão Corporal, Rimas e Poesias, Descoberta dos Pequenos Cientistas – atividades todas elas nomeadas no Horário, mas a que nunca assisti.

Encontrei alguns obstáculos durante a pesquisa e elaboração do meu Relatório de Estágio. Atendendo à minha condição de trabalhadora estudante, ao facto de trabalhar de dia, de estudar à noite, foi-me complicado gerir o tempo. Por outro lado,

ohorário da biblioteca, fechando em tempo de férias muito cedo ou em vésperas de feriado, sem aviso prévio, dificultou-me a pesquisa. Sobretudo, as reuniões com a minha orientadora, feitas sempre à noite, eram sempre interrompidas com avisos de que a Escola ia fechar, por não ter mais ninguém.

Feito este Relatório, é tempo de pensar em novas pesquisas. Visto trabalhar numa instituição que recebe maioritariamente pessoas (crianças e adultos) portadoras de deficiência, gostaria muito de me especializar na reabilitação.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



- Aguëra, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: Actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.
- Alarcão, I. (Org.). (1996). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos*. Porto: Porto Editora.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Azevedo, J. (2001). *Teses, relatórios e trabalhos escolares. Sugestões para estruturação da escrita (2.ª ed.)*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e Orientação: objetivos, instrumentos, métodos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bogdan, C. R. e Biklen, K. S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Borràs, L. (2002). *Manual da educação infantil – experiências educativas. Descoberta de si mesmo*. Amadora, Portugal: Marina Editores.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Campos, B. P. (1995). *Formação de professores em Portugal*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Canário, R. (2001). A prática profissional na formação de professores. In B. P. Campos (org.). *Formação profissional de professores de Ensino Superior (vol. 1)*. Porto: Porto Editora; pp. 31-45
- Canavarro, J.M. (2007). *Para a compreensão do abandono escolar*. Texto Editores.

- Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, de 3 de julho (Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar).
- Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 3 de julho (Avaliação na Educação Pré-Escolar)
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. (5.ª ed.). Lisboa: A esfera dos livros.
- Cunha, A.C. (2008). *Ser professor – Bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do Professor.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Lisboa: Editora Pergaminho.
- Custódio, L.(2002). *Lengalengas no jardim de infância*. Porto: Ambar.
- Damas, E. Oliveira, V. Nunes, R. e Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática: guia prático para professores e educadores*. Petrópolis: Vozes.
- Diniz, M. A.S. (1993). A literatura de expressão oral. In *As fadas não foram à escola*. Porto: ASA; pp. 45-75.
- Estrela, A. (1990). *Teoria e prática de observação de classes – Uma estratégia de formação de professores* (3ª ed.). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Ferreira, M. S. & Santos, M. R. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Afrontamento.
- Figueiredo, M. A. (2004). *Projecto curricular no jardim de infância*. Lisboa: Bola de Neve.
- Flores, M. A. e Simão, A.M.V. (2009). *Aprendizagens e desenvolvimento profissional de professores: Contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Grosso, C. e Ruas, M. B. (2000). *Matemática – estatística, combinatória e probabilidades*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus
- Heacox, D. (2006). *Diferenciação curricular na sala de aula. Como efectar alterações curriculares para todos os alunos*. Porto: Porto Editora.

- Hohmann, M. e Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores – Concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Departamento da Educação Básica
- Jesus, J. M. S. (2002). *Educação do movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Leite, C., Pacheco, J., Moreira, E., Terrasêca, M., Carvalho, A. e Jordão, A. (1995). *Avaliar a Avaliação*. Lisboa: ASA.
- Leite, C., Fernandes, P. (2002), *Avaliação da aprendizagem dos alunos: Novos contextos, novas práticas*. Porto: ASA.
- Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Porto Editora
- Lopes, A. J. (2006). *Desenvolvimento de Competências Linguísticas em Jardim-de-Infância*. Porto: ASA
- Magalhães, V. F. (2008). A promoção da leitura literária na infância: ‘um mundo de verdura’ a não perder. In O. Sousa e A. Cardoso (ed.). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-73.
- Mendes, M. e Delgado, C. (2008). *Geometria: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Meur, A. e Staes, L. (1989). *Psicomotricidade, Educação e Reeducação*. Brasil: Manole.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moreira, D. e Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no Jardim de Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na educação – um desafio para os professores*. Lisboa: Presença.

- Neto, C. (2003). *Jogo & desenvolvimento da criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Edições.
- Pacheco, J. A. (1999). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Braga: Livraria Minho.
- Pereira, J. D. L. e Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras Formas Animadas no Contexto Educativo*. Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem- ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación,
- Ribeiro, A. C. e Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação de ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rosales, C. (1992). *Avaliar é reflectir sobre o ensino*. Rio Tinto: ASA.
- Ruivo, I. M. S. (2006). *João de Deus: Método de leitura com sentido*. Recuperado em 2012, agosto, [http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot\\_metodo\\_leitura\\_joao\\_deus\\_b.pdf](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf)
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de Leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Saraiva, M. G. C. (2003). “Associação Jardins-Escolas João de Deus” in *Práticas educativas nos Jardins-Escolas João de Deus: Estudo exploratório 1940-1989*; Tese de Mestrado. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia pp. 124-183.

- Silveira-Botelho, A. T. C. P. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sherwood, E. A., Williams, R. A. e Rockwell, R. E. (1987). *Mais ciência para crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Serrazina, L. (2008). *Sentido do número e organização de dados*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sousa, R. (1995). *Didáctica da educação visual*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Spodek, B. e Saracho O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto alegre: Artmed. Universidade Aberta.
- Tendbrink, T. D. (2002). *Evaluación guiada práctica para profesores*. Madrid: Narcea, S.A.
- Vasconcelos, S. (2008). *Recursos Didácticos – Ensino Pré-escolar*. Lisboa: Sabtilana Constância.
- Veloso, R. M. e Riscado, L. (2002). *Literatura infantil, brinquedo e segredo*. *Malasartes*, Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude, nº 10, Lisboa
- Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Porto: ASA.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: ASA.

## **Referências eletrónicas**

Declaração dos Direitos da Criança. Recuperado em 2012, 19 novembro, de <http://www.gddc.pt>



**ANEXOS**



## **Anexo1**

### **Proposta de trabalho para o domínio da Matemática**

**(3 de fevereiro de 2012)**





# Itinerário


## Cuisenaire

Ajuda o Coala a encontrar o caminho para a sua árvore de Eucalipto. Reproduz o itinerário ditado pela estagiária para o papel quadriculado.

Sabendo que um espaço é igual a uma unidade e que esta irá representar passos dados pelo Coala, anda cinco passos para o lado direito (linha horizontal com 5 unidades). Colocando a peça na extremidade da peça anterior, avança quatro passos para baixo (linha vertical com 4 unidades). Na extremidade da peça anterior, anda agora, para o lado direito, cinco passos (linha horizontal com 5 unidades). Para baixo, anda três passos (linha vertical com 3 unidades) e mais quatro passos no mesmo sentido (linha vertical com 4 unidades).

Ainda não chegado ao destino, o Coala andou mais quatro passos para o lado direito (linha horizontal com 4 unidades), seguidos de cinco passos para baixo (linha vertical com 5 unidades) e, por fim, já a ver que estava próximo da sua árvore, deu outros 3 passos para baixo (linha vertical com 3 unidades).

Boa, conseguimos! O Coala conseguiu encontrar a sua árvore.

Obrigado pela ajuda. 

## **Anexo 2**

# **Proposta de trabalho no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

**(24 de setembro de 2012)**



# Jardim Escola João de Deus

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Pinta as vogais das palavras de acordo com as legendas e no fim, pinta as imagens.

➤ a ● e ● i ● o ● u ●



vestido



camisola



ténis



saia



sandálias



meias

Trabalho realizado pela Estagiária Carla Cunha - MEPE



**Anexo 3**

**Proposta de trabalho na Área de  
Conhecimento do Mundo**

**(24 de setembro de 2012)**



# Jardim Escola João de Deus

Conhecimento do Mundo

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



Faz corresponder a roupa correta a cada uma das crianças.

Pinta com cores coloridas.

